PUC
RIO

SUELI SZCZUPAK

O INICIO E O TERMINO DO PROCESSO PSICANALITICO NAS OBRAS DE FREUD E LACAN

Tese de Mestrado

Departamento de Psicologia

1991

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Departamento de Psicologia

O INÍCIO E O TÉRMINO DO PROCESSO PSICANALÍTICO NAS OBRAS DE FREUD E DE LACAN

por

Sueli Szczupak

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Monique Rose Aimée Augras
Orientadora

Rio de Janeiro, Março de 1991

VC32148-2

Beld

PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
BIBLIOTECA
2451
27/05/91
50063

150
S996i
TESE UC

Agradeço,

. À Profa. Monique Rose Aimée Augras pela confiança e estímulo

. ao Departamento de Psicologia da PUC - RJ pela oportunidade

. ao Dr. Antonio Godino Cabas a quem dirijo minha gratidão

. a Maureen Drummond, Regina Ouricury, Marilyn MÜller pelo companheirismo

. ao Dr. Carlos Augusto Nicéas pelo interesse demontrado

. a Leontina M. G. Pinto, Jacques Szczupak e Ita Szczupak pela paciência e disponibilidade

. a Catarina, Maria de Lurdes da Silva, Lisete Sebastião e Rosane F. Innocenzi pelo incentivo

. aos meus alunos pela curiosidade

. ao CNPQ e à CAPES pela bolsa de estudos

. à FAPERJ pela possibilidade de finalizar a tese

. a Vera Lucia Lima da Silva pelo seu apoio.

SUMÁRIO

Este trabalho tem por objetivo abordar a técnica psicanalítica a partir das obras de Freud e de Lacan, tomando por referência, em sua organização, uma analogia entre o jogo de xadrez e o processo analítico, ou seja, que o seu início e o seu término são os únicos parâmetros previsíveis. Entre estes dois momentos as jogadas são infinitas e se delineiam conforme o seu andamento específico. Sendo que, no caso da análise, é o analista que, com seu manejo, garante as características próprias do jogo.

Para maior clareza, tornou-se necessário articular a técnica com a teoria própria dos autores que lhe serve de bússola.

A primeira parte é dedicada à obra freudiana e procura esclarecer questões como: a procura de análise, relações do inconsciente com a associação livre, a resistência; o manejo da transferência, da interpretação e da construção; o papel da fantasia e da sublimação, e o mêdo de castração. Além do que são apontados os possíveis finais de análise.

A outra parte desenvolve-se em terreno lacaniano, elucidando o papel da técnica, o que é a noção de sujeito, a diferença entre demanda e desejo e sua relação com a palavra em análise, a manobra dentro da transferência, a resistência, o real que insiste sobre a cadeia associativa, o desejo do analista, o manejo do tempo, a função do fantasma, a falta simbólica e a sublimação. Além do que surgem as situações de término de análise.

Ao final, algumas considerações gerais sobre a técnica, a partir das obras citadas.

SUMMARY

The objective of this work is to study the psychanalitical technique starting from Freud and Lacan works, referring, in its organization, to the analogy between chess play and the analytical process; that is, its beginning and end are the only predictable parameters. Between these two instants of time, there are infinite movements that are decided according to their specific development. In the analysis case, it is the analist that, with his decisions, stablishes the rules of the game.

It has become necessary to structure each of the authors theory in order to clarify the corresponding techniques.

The first part is dedicated to Freud, and tries to explain points like the analysis demand; inconscient and free association relationship; resistence; transfer, interpretation and construction management; the role of fantasy and sublimation; fear of castration. Besides this, possible finals for the analysis are pointed out.

The second part is based on Lacan, discussing the role of technique, subject notion; difference between demand and desire and their relationship with the word and talk during analysis; the transfer management; resistence; the real insisting on the associative chain; the analist desire; time management; phantom function; symbolic lack and sublimation. Analysis end situations are discussed.

Finally, general considerations on the technique are discussed based on the previously mentioned theory.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO 1

2 FREUD: O QUE FAZ COM QUE UMA PESSOA QUEIRA SE ANALISAR ? 5

3 O INÍCIO DO TRATAMENTO EM FREUD 9

3.1 Fala-se mais do que se percebe..... 9

3.2 O processo sofre interferência dos mesmos motivos que isolavam os pensamentos fora da consciência 11

3.3 O ponto que decide efetivamente a entrada no processo psicanalítico: a transferência 14

3.4 A interpretação é uma tradução 23

3.5 Restaurar o que foi perdido 25

3.6 A fantasia escolhe caminhos diversos: sintoma e sublimação 28

3.7 O mêdo de perder a satisfação 31

4 OS POSSÍVEIS FINAIS 35

4.1 O tempo do tratamento psicanalítico pode ser diminuído? 35

4.2 Em que consiste uma análise inacabada? 36

4.3 O que seria levar uma análise ao seu final?.. 38

4.4 Quando pode haver necessidade de retornar à análise? 44

5 LACAN: A TÉCNICA SÓ VALE QUANDO CONSIDERA A QUESTÃO FUNDAMENTAL DO ANALISTA 47

5.1 Sujeito não se confunde com a noção de indivíduo 48

5.2 O sujeito reconstrói sua história 50

5.3 A técnica se articula com o real, o simbólico e o imaginário 51

6 NÃO HÁ JOGO SE NÃO HÁ PERGUNTA 64

6.1 A demanda se articula com o desejo 65

6.2 Desatar as amarras da palavra 67

6.3 A palavra aponta para os registros do simbólico e do imaginário 68

6.4 A questão é aonde se situa o sujeito 71

6.5 A questão também é: onde se situa o analista para o sujeito em análise? 75

6.6 A crença no Sujeito Suposto Saber decide a entrada na análise 77

6.7 Manobra e operação da trasferência: a justa distância entre o ponto em que o sujeito se vê amável e aquele em que se vê causado como falta pelo objeto a 79

6.8 O que insiste precisa ser simbolizado 84

6.9 Quando a intensidade se transforma em obstáculo 87

6.10 Transferência é amor-paixão 89

6.11 O desejo do analista, a ética o dirige 94

6.12 Desejo é desejo de nada 96

6.13 O manejo do tempo da sessão 98

6.14 As paixões de ser: amor, ódio e ignorância.. 100

6.15 Fantasma: pano que encobre o eu 102

6.16 A falta simbólica 105

6.17 Sublimação: criar do nada 106

7 ATÉ ONDE VAI UMA ANÁLISE ? 108

7.1 O término como interrupção 108

7.2 O final de análise 111

8 MAIS ALGUMAS PALAVRAS 120

BIBLIOGRAFIA 123

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma série de questões às quais me dedico há muito tempo. Ela gira em torno da necessidade de esclarecer a experiência psicanalítica no que tem de específico. Acredito que também façam parte das indagações de outros psicanalistas, terapeutas de linhas teóricas diferentes e outras pessoas.

A psicanálise ganhou terreno e, em consequência se popularizou tanto que análise passou a ser uma palavra sinônimo de terapia, podendo designar situações terapêuticas as mais variadas entre si. Os próprios conceitos psicanalíticos passaram a ser utilizados com sentido diferente do original, com tanta abrangência e nos momentos mais diferentes (existem casais que brigam entre si e passam a se acusar mutuamente de estar projetando sobre o outro a figura materna ou paterna, por exemplo) que parece que tudo virou psicanálise _ ao menos para o leigo. E, quando uma palavra ou um conceito são usados para designar coisas muito diferentes entre si, ele já não discrimina nada.

Trata-se um pouco daquele dito popular de que "de médico e de louco (e de psicanalista), cada um tem um pouco."

Em certos momentos, esta falta de critério leva a se identificar o psicanalista por alguns aspectos pessoais e sociais, tais como maneira de vestir ou de agir, modo de falar ou linguagem de que faz uso, etc. Por vezes, alguns chegam a tomar para si estas características externas como se elas lhe fossem garantir um status ou um certo tipo de trabalho.

E quando se passa do campo profissional para o campo pessoal, a psicanálise é defendida por simpatizantes e criticada por aqueles que não compartilham do mesmo modo de pensar ou agir. E quanto maior a crença, mais ferrenha a defesa ou o ataque.

Em verdade, esta situação é inevitável em relação ao leigo, quer ele seja um psicanalisando, em plena transferência, pessoas que se ligam a linhas terapêuticas que partem de uma crítica à psicanálise, aquelas que preci-

sam pertencer a um grupo, etc.

Se tudo isto permanecesse no nível da opinião e não afetasse a seriedade do trabalho do profissional em psicanálise, seria dos males, o menor. O problema ocorre quando estes desconhecimentos afetam a ação deste e geram consequências. Elas não dão bons resultados.

Sobre este ponto, cito o próprio Freud, fazendo referência a colegas que praticam a técnica da psicanálise de improviso:"Só pode haver um motivo para isso: de que essas pessoas julguem nada haver a perguntar a esse respeito, que a coisa é perfeitamente evidente por si mesma. Além disso, de quando em quando fico estarrecido ao ouvir que nesse ou naquele departamento de um hospital um jovem assistente recebeu ordem de seu chefe para proceder a uma 'psicanálise' de um paciente histérico. Estou certo de que não lhe seria permitido examinar um tumor extirpado a menos que tivesse convencido seus chefes de que estava familiarizado com a técnica histológica. De forma semelhante, chegam-me notícias de que esse ou aquele colega marcaram hora com um paciente a fim de empreenderem um tratamento mental do caso, embora eu tenha certeza de que nada sabem da técnica de uma terapia dessa natureza. Sua expectativa deve ser, portanto, de que o paciente lhe fará um presente de seus segredos, ou talvez esteja procurando a salvação em certa forma de confissão ou confidência. Não ficaria surpreendido se um paciente fosse antes prejudicado do que beneficiado por tal modalidade de tratamento, pois não é assim tão fácil tocar o instrumento da mente" (1905c,271).

Em vez de fazer questão da psicanálise, como um bem a defender, melhor fazer da psicanálise uma questão, ou varias, no sentido de esclarecer esta linha de trabalho.

A psicanálise teve como ponto de partida a experiência clínica, a partir da qual sua teoria foi sendo elaborada e retificada. E a sua clínica expressa que teoria e prática estão intimamente vinculadas. Esta ligação possui uma característica especial pelo fato de que sua técnica não se traduz por regras objetivas a serem reproduzidas pelo analista no decorrer do processo. A técnica, Freud se refere a ela através de recomendações, pois sendo os processos mentais extremamente dinâmicos e variáveis, de paciente para paciente, não permitem estebelecer uma atitude prédeterminada. Se alguns parâmetros devem ser considerados, o momento , a forma de aplicá-los dependem de se ter clareza da especificidade da abordagem psicanalítica, do paciente com quem se trabalha e do momento

pelo qual está passando dentro do processo.

A falta de uma atitude técnica préestabelecida torna fundamental o conhecimento do trabalho a ser realizado. Ainda mais que, sendo o instrumento de seu próprio trabalho, o psicanalista aí está implicado. Porém deve estar implicado como psicanalista e não como pessoa. Isto é algo a ser conquistado. Não é uma postura que se tem naturalmente.

Estas reflexões levaram a que o assunto teoria da técnica fosse escolhido como um caminho para ressaltar a particularidade da psicanálise. E como pensar as questões sobre teoria da técnica psicanalítica? Um dos artigos sobre a técnica escritos por Freud aponta para o fato de que dois momentos do tratamento delineiam um fio condutor para as ações do psicanalista. Eis o texto freudiano:"Todo aquele que espere aprender o nobre jogo do xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição deste tipo. Esta lacuna na instrução só pode ser preenchida por um estudo diligente dos jogos travados pelos mestres. As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas a limitações semelhantes"(1913a,164). E mais adiante:"Um curso de ação justificado pode ser ineficaz, outro habitualmente errôneo pode, de vez em quando, conduzir ao fim desejado". Não se trata de jogadores que disputam a partida entre si, porém que têm funções diferentes nela e o mesmo propósito final.

Para tomar este fio condutor que norteia a técnica psicanalítica, esta dissertação enfoca os dois momentos previsíveis do processo: o início e o término, através das obras de dois mestres, Sigmund Freud e Jacques Lacan.

Em uma de suas conferências, Freud assinala:"Se lhes digo:Olhem para o céu! Lá está um balão!, o descobrirão com muito mais facilidade, do que se lhes digo simplesmente para olhar para cima e procurar ver algo. Do mesmo modo, um estudante que vê através do microscópio, pela primeira vez, é instruído pelo professor a respeito daquilo que irá enxergar; de outro modo, ele não o verá, absolutamente, embora esteja ali e visível." (1916g,510). Ou seja, perante o paciente, quem dá o tom do tipo de trabalho que ali se realiza é o analista, que através de sua técnica, imprime uma determinada direção ao processo. A utilização da técnica não é aleatória,

visto que pretende produzir certos efeitos no paciente. Por outro lado, trata-se do manejo técnico de um processo que não é intelectual. Isso implica um rigor diante do procedimento a adotar.

Sendo esta dissertação um trabalho teórico, ela tem a possibilidade e a limitação de elucidar alguns pontos importantes sem que, no entanto, venham a substutuir a experiência prática, a análise do praticante ou sua supervisão e estudo. Seu objetivo é o de articular teoria e técnica desde os dois momentos privilegiados do processo.

Como é muito comum, nos últimos tempos, ligar a obra de Freud à de Lacan, esta dissertação as toma em separado e somente a partir de seus próprios textos. Assim também, a quantidade enorme de citações é proposital e visa estar mais próximo da palavra do autor, reservando a este trabalho uma articulação diversa da obra. É preciso ter uma visão total de seus artigos para os reorganizar em torno do tema proposto.

Afora isto, a referência bibliográfica ficou limitada às publicações oficiais. E por oficiais entende-se os artigos e os seminários com publicação legalmente autorizada, ou seja, foram excluidos os considerados seminários 'piratas' de Jacques Lacan.

Ainda cabe ressaltar que, por julgar que recalque é a melhor tradução para o fenômeno psíquico de contrainvestimento que mantém idéias inconscientes inacessíveis à consciência e que pulsão deve ser a palavra usada, ao invés de instinto, exatamente por se referir a um contexto psíquico e não biológico _ estes dois termos foram mantidos deste modo, a não ser nas citações referentes à edição brasileira da obra freudiana que utiliza repressão ao invés de recalque e instinto no lugar de pulsão.

Escrever sobre uma obra, mesmo utilizando muitas das palavras de seu autor, é sempre interpretá-la. A interpretação é válida desde que faça coerência com o original. Assim como o processo psicanalítico diz respeito a saber contar a sua história, esta é a história que conto sobre o processo psicanalítico.

CAPÍTULO 2

FREUD: O QUE LEVA UMA PESSOA A PROCURAR ANÁLISE?

O começo da psicanálise foi marcado por uma questão clínica. A medicina não dava conta do sofrimento das pacientes histéricas. Ao contrário, debitava a elas mesmas a causa de suas dores. Os sintomas histéricos, embora se localizassem no corpo da paciente, passaram a ganhar um outro sentido ao serem abordados pela teoria do inconsciente. Psiquismo não se caracterizava mais unicamente pela consciência, mas tem sua maior parte fora dela, em nível inconsciente. E foi nesse novo campo que estes sintomas encontraram um significado, uma coerência com a paciente, com sua vida, e a possibilidade de neles se intervir.

O tratamento lida com distúrbios que podem aparecer tanto no físico, como na mente, e que são decorrentes do funcionamento psíquico, O que quer dizer que se referem aos efeitos do inconsciente em sua relação com a consciência, traduzidos através de uma conversão ou de uma perturbação mental (1905d).

Se a teoria freudiana deu seus primeiros passos no sentido de entender o comportamento patológico, ela não pretendeu a ele se limitar. Ela se estendeu até o desenvolvimento psíquico normal. Este serviu de parâmetro para o que dele, de alguma forma, se distanciava. E em sua primeira formulação do aparelho psíquico, Freud assinalou que esta era suficiente para explicar qualquer fenômeno psíquico. Tratava-se de uma construção teórica, já que o psiquismo não pode ser localizado anatômicamente (1900).

Os sonhos, por exemplo, não são manifestações patológicas. "Se os sonhos viessem a ser interpretados como sintomas, se sua explanação exigisse as mesmas suposições _ a repressão de impulsos, formação substitutiva, formação de conciliação, a divisão do consciente e do inconsciente em vários sistemas psíquicos _ , então a psicanálise não seria mais uma ciência auxiliar no campo da psicopatologia, mas antes o ponto de partida de uma ciência nova e mais profunda da mente, que seria igualmente indispensável para a compreensão normal" (1925b,61-2).

E como se expressa esse funcionamento do inconsciente nas pessoas normais? Como é que se as pode diferenciar das com distúrbios patológicos?

A fronteira entre o comportamento normal e o anormal é muito fluida. Para Freud, a concepção de doença é muito prática e envolve os efeitos de somação de energia.

Assim, por exemplo, quem vinha lhe solicitar tratamento se queixava de uma série de sintomas. Em geral, reclamava de desenvolver comportamentos _ que variavam sob a forma de descarga de afetos, inibições ou inervações motoras _ para as quais não encontrava justificativa. Se, por um lado, não os conseguia entender, por outro, fracassou em suas tentativas de os suprimir. Por isso mesmo, davam-lhe a sensação de estar sendo ridículo, estranho, louco, ao não os conseguir modificar (1895). Os sintomas se expressavam como comportamentos compulsivos e perturbavam a própria pessoa tanto individualmente, quanto em seu desempenho social _ ou seja, em suas relações sexuais, em sua vida social, em seu trabalho profissional, e, muitas vezes, em sua capacidade de nutrição, de locomoção, intelectual, etc.

Enfim, o neurótico vivencia um fracasso prático, consequência de um grande dispêndio de energia gasto em conflitos psíquicos. O desencadear de desprazer leva à busca de auxílio num movimento de reverter a situação.

Por conflito psíquico entende-se aquele entre idéias inconscientes _ em relação às quais a pessoa não tem acesso _ e a consciência. Traduz-se na contraposição de interesses pertencentes a estes dois territórios. As consequências deste conflito aparecem no campo da consciência, perturbando a conduta do neurótico.

Entretanto, não só o neurótico passa por conflitos psíquicos _ o que dá a entender que alguns deles podem ter desfecho normal. Isto ocorre quando duram por um curto espaço de tempo, desfazendo-se aos poucos, o suficiente para não gerar grades desgastes. Tudo complica quando eles persistem por um tempo percebido como muito extenso, devido às perturbações que continuamente acarretam no cotidiano, absorvendo uma grande quantidade de energia que se transforma em impedimentos nas decisões do dia a dia. Em lugar do conflito, que é psíquico, surge o sofrimento.

A questão é prática: decorre de uma somação de energia psíquica consumida pelo conflito, a ponto de a pessoa se incomodar com o próprio comportamento. Sendo que as de-

corrências são diferentes com respeito ao fato de se é ela mesma que se incomoda ou se são outras pessoas que se incomodam com suas atitudes.

A neurose, então, aliena a pessoa com relação à sua realidade, seja em parte dela ou no seu todo. Este afastamento levado ao extremo acarreta a psicose.

A energia psíquica é gasta pelo neurótico para manter um movimento psíquico denominado de recalque _ que impede a idéia inconsciente de ter acesso à consciência e aí causar desprazer _ e em dispendiosos sintomas que camuflam o conflito, embora lhe propiciem um campo de ação.

A pessoa sadia supera os conflitos sem sofrer danos graves, isto é, o ponto de referência é existir ou não existir suficiente capacidade para aproveitar a vida e ser eficiente, a seu modo.

Pode-se, então, deduzir que a pessoa normal é *virtualmente* um neurótico. O que isto significa? Que ela tem uma vida mental que produz sonhos, parapraxias, e pode vir a formar sintomas. Realiza recalques e dispende energia neles. O material inconsciente se expressa, pois ele está ali operando. No entretanto, sonhos e parapraxias, como se verá adiante, são destituídos de importância prática (1900/1901).

O sonho da pessoa sadia em nada difere daquele do neurótico. Durante o sono, nenhuma mudança pode ser observada. As diferenças surgem durante o dia, no comportamento em vigília. E as parapraxias são funções psíquicas de menor importância prática. Correspondem a esquecimentos, lapsos de linguagem e de escrita, erros de leitura, etc, que surgem como expressão indireta de um conflito psíquico. Eles podem ser notados ou menosprezados, mas geralmente não são percebidos, ou causam um embaraço momentâneo, ou são deixados de lado por parecer se situarem fora do contexto do que está acontecendo. São involuntários e camuflam o sentido inconsciente do ato.

O sintoma aparece no lugar de impulsos egoístas e de crueldade, ligados a impulsos sexuais de acesso proibido à consciência, como substitutos a este tipo de busca de satisfação à qual o sujeito está subjugado (1924b).

Onde existe sintoma, existe amnésia. A pessoa se afasta da realidade presente por não conseguir se desembaraçar do passado. Há uma fixação anormal do passado, uma prisão emocional a acontecimentos dolorosos do passado. E, ao se opor à realidade, acaba por encontrar satisfação

na fantasia. O próprio sintoma é o substituto do que não aconteceu no passado, em termos de sexualidade infantil, psicossexualidade infantil. Esta última se desenvolve, se combina, se divide, etc., e é recalcada, determinando a sexualidade adulta. Como existem poucas chances deste processo se dar de modo ideal, sempre resta a possibilidade de, sob certas condições, ocorrere uma regressão e uma certa dominação do ego pela sexualidade que se revele como doença (1913c).

Agora, o que leva a pessoa a buscar tratamento é o sofrimento que lhe acarretam seus sintomas. E nem sempre quem procura um psicanalista permanece para seguir o processo. E nem sempre quem sofre procura ajuda.

Um dos aspectos fundamentais que pesam na balança num movimento contrário à busca de tratamento é o que Freud denominou de ganho secundário da doença. Ou seja, ela é vivida como uma fuga em relação ao desgaste psíquico gerado pelo conflito mental (ganho primário da doença). A vantagem é *interna* ou psicológica. Trata-se de uma tentativa, pois logo se demonstra ineficaz. O chamado ganho secundário contribui para a manutenção da doença através de um ganho *externo* à mesma, como uma exploração secundária da doença (1905a/1916f).

Nesta situação, a pessoa quer se libertar da sensação desagradável provocada pelo sintoma, porém não pretende abrir mão do ganho da doença. Donde se conclui que, enquanto o ganho for considerável em relação ao desprazer dos sintomas, este fator funciona afastando a pessoa ou fazendo com que ela adie o tratamento.

Outro aspecto, apontado por Freud, é a reação terapêutica negativa que provoca uma dificuldade no paciente em aceitar qualquer intervenção do analista que seja percebida como conduzindo a uma melhora. Pode ocasionar uma interrupção do processo a qualquer momento.

Mas quem se resolve por entrar num processo psicanalítico não o faz tão só por padecer dos sintomas. Algo a mais faz-se necessário. O início do tratamento requer que a pessoa entre numa relação transferencial com o psicanalista e, concomitantemente, que se disponha a aceitar que seus sintomas não existem isoladamente, mas que ela se dê conta de que está implicada neles.

CAPÍTULO 3

O INÍCIO DO TRATAMENTO EM FREUD

3.1 Fala-se mais do que se percebe...

Na época da hipnose, a preocupação maior era a de tomar os sintomas como foco do trabalho e esclarecê-los um a um, provocando assim o seu desaparecimento. Com a origem da psicanálise, esta se definiu por ser um processo terapêutico que visa substituir atos mentais inconscientes por conscientes (1926) e, desta forma, minorar a sua força, fazendo com que os sintomas desaparecessem (1909).

Para alcançar este objetivo, torna-se necessária uma técnica que favoreça o surgimento das idéias inconscientes à consciência. Assim sendo, o psicanalista não é um confessor cuja preocupação se limite a ouvir em confiança o que o paciente sabe e não se propõe a trocar com outras pessoas. Ele visa que o paciente fale o que ele não sabe (1940a). Muito embora persista um certo aspecto em comum: ter que se criar um pacto entre as pessoas envolvidas. É então quando o analista garante o seu sigilo para viabilizar o acesso ao material inconsciente e, em compensação, o paciente deve se dispor a vir e falar sobre si mesmo, o que lhe vier à cabeça e do modo como os pensamentos forem vindo (1940a).

Desta forma, a psicanálise promove uma estreita ligação entre cura e escuta do que o paciente fala, pressupondo que, diferente de outras conversas, algo novo daí venha a emergir (1926b).

Esta é a referência que determina que o analista não se preocupe com qual assunto o paciente deve desenvolver. Ao contrário, importante é poder verificar o caminho que naturalmente o paciente toma, o que privilegia para ser abordado (1913a). Pelo mesmo motivo não se coloca a preocupação de interferir para que o paciente fale de forma muito organizada, coerente, para o analista. "Ao interpretar sonhos, não dedicamos menos importância a todo matiz da forma das palavras pelas quais eles nos foram apresentados e mesmo quando acontecia que o texto do sonho, tal como o tínhamos, era sem sentido ou inapropria-

do _ como se a tentativa para dele prestar um relato correto houvesse sido mal sucedida _ levamos também essa falha em consideração" (1900,548).

A regra fundamental da psicanálise é aquela que estabelece a sua possibilidade de trabalho porque abre caminho para a associação: fale tudo o que lhe vier à cabeça e do jeito que lhe vem à cabeça, não se preocupando se o que diz lhe possa parecer desconexo, vergonhoso, desinteressante, etc.

Tal qual acontece na interpretação de sonhos, chega-se ao conteúdo latente, inconsciente, a partir do conteúdo manifesto, consciente. Através da associação livre chega-se a um material que se achava inconsciente, ao que o paciente diz e que não se dá conta do que ali está dizendo.

O fundamento da associação livre é de que falando "... tudo de que podemos libertar-nos são idéias intencionais que nos são *conhecidas*; assim que houvermos feito isso, idéias intencionais *desconhecidas* _ ou, como dizemos sem precisão, 'inconscientes' _ tomam conta e, daí por diante, determinam o curso das idéias involuntárias" (1900,563).

O analista deve abdicar de sua curiosidade para que o paciente possa se expressar como quiser (1909b) e deve adotar, por sua vez, uma postura correspondente ao que solicitou ao seu paciente. É o que Freud designa como ' atenção uniformemente suspensa' (1912b) que ocasiona um descompromisso de guardar ou de se preocupar em entender ou responder objetivamente e prontamente ao material fornecido. Caso contrário, está "... arriscado a não descobrir nada além do que já sabe. O que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente" (1900,510). Não há perigo de esquecer o que se tornar importante nesta escuta que será lembrado a medida em que for ganhando sentido durante as sessões.

"Assim como o paciente deve relatar tudo o que sua auto-observação possa detectar, e impedir todas as objeções lógicas e afetivas que procuram induzí-lo a fazer uma seleção entre elas, também o médico deve colocar-se em posição de fazer uso de tudo o que lhe é dito para fins de interpretação e identificar o material inconsciente oculto, sem substituir sua própria censura pela seleção de que o paciente abriu mão. Para melhor formulá-lo: ele deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor,na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor

telefônico se ajusta ao microfone transmissor" (1912b,154). Para isto, é preciso que "... toda a escala de estimativas de certeza seja abandonada ..." (1900,551). " É decididamente mais difícil apreender as 'idéias involuntárias'. Quem quer que procure fazê-lo deve familiarizar-se com as expectativas levantadas no presente volume e, de acordo com as regras nele estabelecidas, esforçar-se por abster-se, durante o trabalho, de qualquer crítica, qualquer *parti pris* e qualquer inclinação emocional ou intelectual" (1900,557).

Esta relação é a mesma que faz com que se considere que, por exemplo, varios sonhos narrados seguidamente numa sessão, ou mesmo o material narrado referente a épocas diversas, todos pertençam a uma mesma cadeia associativa.

A associação não é livre, na verdade, ela é determinada por um elo inconsciente que a organiza, por meio de "... associações ou imagens interrelacionadas por assonância, ambigüidade verbal ... " (1900,565), ou mesmo as ligações que se estabelecem entre os chistes e os jogos de palavras.

Não importa se a narrativa do paciente apresenta falta de sistemática. É com o decorrer do tempo que este material retorna com acréscimos que suprem as associações desconhecidas do paciente (1913a).

3.2 O processo sofre a interferência dos mesmos motivos que isolavam os pensamentos para fora da consciência.

Estabelecer uma regra não garante o seu cumprimento. Ao contrário, demonstra que foi preciso que ela fosse formulada porque este não é o curso que naturalmente se escolheria. A regra, então, pressupõe que poderá ser transgredida, tanto por parte do paciente, como pela do analista. Os mesmos motivos que isolaram esses pensamentos fora da consciência irão interferir no processo, quando o paciente deles se aproximar. A expressão clínica desta interferência denomina-se resistência. "A psicanálise é justamente desconfiada. Uma de suas regras é que *tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência*" (1900,551). A resistência demonstra que algum material está sendo obstaculizado para entrar na consciência, para ser lembrado. E o que garante psiquicamente este impedimento é o processo de recalque.

E se a associação do paciente é interrompida, o que o analista deve fazer? Ele certamente não deve associar *em lugar do* paciente. Numa nota de rodapé, Freud narra o episódio de uma sessão em que a paciente trouxe um sonho do qual só tinha a lembrança da palavra canal, porém que naquela sessão a nada conseguiu associar, só o fazendo na seguinte. Ele observa: "Nada ocorria à aquela senhora em ligação com ' canal' e *eu*, naturalmente, não podia lançar luz sobre o assunto " (1900,552). É neste sentido que o inconsciente do analista se liga no do paciente _ não substitui as suas associações pela do outro.

A resistência não se verifica só na forma de interromper a fala do paciente durante a sessão. Não ir à mesma, chegar atrasado, etc., também a expressam. E estes é um dos pontos que geram críticas à técnica psicanalítica desde a época de Freud. Afinal, um paciente pode faltar à uma sessão, por exemplo, por um fato objetivo e independente da sua vontade! Estes analistas exageram!

Não é bem o caso. O melhor procedimento técnico a ser adotado é aquele que favorece o objetivo que se pretende alcançar com o tratamento. Sim, algo de externo ao paciente pode ter ocasionado aquela falta _ o que não elimina que fantasias da própria pessoa também aí estejam atuando. Esta nota de rodapé traz este esclarecimento: " A proposição, apresentada nestes têrmos peremptórios _ ' tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência' _ acha-se facilmente aberta à má interpretação. Naturalmente, ela só deve ser tomada como uma regra técnica, uma advertência aos analistas. Não pode ser discutido que, no decurso de uma análise, podem ocorrer diversos acontecimentos dos quais a responsabilidade não pode ser atribuída às intenções do paciente. Seu pai pode morrer sem que ele o tenha assassinado ou pode irromper uma guerra que ponha fim à análise. Mas, por trás de seu exagêro óbvio, a proposição está afirmando algo de verdadeiro e novo. Mesmo que o acontecimento interruptor seja real e independente do paciente, freqüentemente depende deste a dimensão da interrupção que aquele provoca e a resistência demonstra-se inequivocamente na presteza com que o paciente aceita uma ocorrência desta espécie ou o emprêgo exagerado que dela faz" (1900,551).

O mesmo propósito orienta a que se compreenda que situações reais que envolvem pontos básicos abordados por Freud, tais como, horário e dia da sessão, dinheiro, contato com a família do paciente, outro tratamento realizado ao mesmo tempo pelo próprio analista com relação

ao seu paciente, etc., devem ser encarados e manejados como qualquer material manifesto, ou seja, em sua relação associativa com a fantasia inconsciente.

Freud ressalta que a resistência é um fenômeno que necessariamente ocorre durante o tratamento. Esta observação não isenta nem mesmo um analista quando este está na situação de analisando. E isto porque o conhecimento intelectual não substutui o que ocorre no nivel psíquico (1913a). Quer dizer também que a resistência pode acontecer por parte do analista em relação ao material do paciente, provocando uma interferência em sua atitude de atenção flutuante, fazendo com que ele de algum modo interrompa a cadeia associativa que está sendo desenvolvida.

O que já foi até aqui desenvolvido, permite notar que o tratamento psicanalítico não trabalha diretamente sobre os sintomas _ como acontecia com a hipnose e como ocorre nas psicoterapias que se centram no material consciente e visam a combater frontalmente os sintomas _ mas que estes vão ganhando sentido na medida em que o paciente se coloque em análise, associando livremente. Além disso, os processos psíquicos são regidos por um processo de deslocamento de energia psíquica que dá margem a que um sintoma que se expressa hoje de um modo, outro dia se apresente ligado à uma nova roupagem (1913b). Este movimento pode dar a impressão de que um sintoma desapareceu quando ele está é camuflado e que as causas inconscientes que o fez surgir continuam a gerar conseqüências no seu comportamento. Ou seja, o sintoma não é uma referência de todo confiável para se detectar uma modificação no paciente.(Na parte desta tese em que a transferência é abordada serão esclarecidas as razões pelas quais ela é vista como uma busca de satisfação substitutiva _ como o sintoma _ dentro do processo psicanalítico).

A resistência, portanto, não está fora do tratamento psicanalítico. Freud chama a atenção de que o próprio paciente deve chegar ao ponto de reconhecê-la, nos diferentes momentos em que aparece. Quando isto acontece, cria-se uma possibilidade de começar a lidar com o material recalcado. Por não ser uma atitude intencional, não pode ser manejada tal como se fosse consciente. "Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para *elaborá-la*, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise. Só quando a resistência está em seu auge é que pode o analista, trabalhando em comum com o paciente, descobrir os impulsos instintuais reprimidos que es-

tão alimentando a resistência; e é este tipo de experiência que convence o paciente da existência e do poder de tais umpulsos. O médico nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado, nem continuamente apressado" (1914,202).

3.3 O ponto que decide efetivamente a entrada no processo analítico: a transferência.

Se a pessoa procura o psicanalista e tenta sustentar o uso da regra fundamental, aceitando entrar em contato com idéias que lhe são estranhas ou desagradáveis, não o faz só movida pelo seu sofrimento _ muitos sofrem, até se queixam para outras pessoas e, no entretanto não têm esta disponibilidade. Afora o fator do ganho com a doença, algo de primordial tem que aí estar presente para dar suporte ao processo: a transferência.

Para melhor compreendê-la, Freud seguiu o caminho de aproximá-la e de a diferenciar da sugestão. Em *Tratamento psíquico (ou mental)*(1905d), muito influenciado pela hipnose, mas ultrapassando-a, ele se dedica a refletir sobre as situações que criam e que dão condições ao trabalho do médico. Esclarece que o que se denomina por psíquico não se refere unicamente à área intelectual. Por psíquico ou mental entende-se o fenômeno que gera conseqüências no corpo, no caso da histeria, e tem origem no psíquico. Este sintoma pode ser atingido pela palavra que interfere e pode mudar a relação da pessoa com seu próprio corpo. Chama de 'mágica das palavras' e que, para ter efeito, não podem ser ditas por qualquer um.

Dois fatores determinam esta influência do médico para com o paciente. Um deles é marcado pela atitude mental do paciente. "A fé com que ele enfrenta o efeito imediato do procedimento médico depende, de um lado, da intensidade de seu desejo de curar-se e, de outro, da certeza de que deu os passos corretos nesta direção _ isto é, em respeito geral pela técnica médica _ e, mais, do poder que atribui à personalidade do médico e mesmo da simpatia puramente humana nele despertada por este. Há médicos que têm maior capacidade que outros de ganhar a confiança de seus pacientes; um paciente muitas vezes se sente melhor no exato momento em que o médico entra em seu quarto" (1905d,305). Quanto às variações de médico para médico: "Respeito e confiança só com número limitado de pacientes, ao passo que outros pacientes, segundo suas inclinações e grau de educação, serão atraídos para

outros médicos....*Se o direito de um paciente de escolher livremente seu médico fosse suspenso, seria abolida uma importante condição prévia para influenciá-lo mentalmente*" (1905,307). Como conseqüência da confiança que o paciente (como acontece com o hipnotizado) tem para como o médico (tal como o hipnotizador), ele se torna dócil ao tratamento, e obediente, e crédulo. E a combinação do afeto exclusivo e da obediência crédula são também características do amor, do amor que faz com que uma pessoa se submeta à outra _ tal como o de uma criança com relação a seus admirados e amados pais: um amor infantil.

"As palavras ditas pelo hipnotizador, que têm os resultados mágicos que descrevi, são conhecidas como 'sugestão' e tornou-se usual aplicar o têrmo também quando há simplesmente a intenção de produzir um efeito semelhante" (1905d,310). O que quer dizer que o uso da sugestão extrapola ao trabalho hipnótico e pode ser percebido em outras relações.

O médico não se dar conta do fator sugestão, coloca-o em desvantagem com respeito ao tratamento que está empreendendo. "Um fator dependente da disposição psíquica do paciente contribui, sem qualquer intenção da nossa parte, para o efeito de todo processo terapêutico iniciado por um médico; com a maior freqüência o método é favorável à recuperação, porém amiúde age como uma inibição. Aprendemos a empregar o têrmo 'sugestão' para essa manifestação, e Mobius nos ensinou que podemos fazer remontar a falta de confiança que deploramos em tantas de nossas medidas terapêuticas à influência perturbadora desse poderosíssimo fator. Todos os médicos, portanto, inclusive vós, vêm continuamente praticado a psicoterapia, mesmo quando não tendes nenhuma intenção de fazê-lo e disso não estais cônscios; é uma desvantagem, contudo, deixar o fator mental em vosso trabalho tão inteiramente nas mãos do paciente. Dessa forma, é impossível manter um controle sobre ele, administrá-lo em doses ou intensificá-la. Não é então um esforço justificável por parte do médico procurar obter um domínio desse fator, utlizá-lo com uma finalidade, orientá-lo e fortalecê-lo? Isto e nada mais que isto é o que propõe a psicoterapia." E continua: "... de que certas doenças, em particular as psiconeuroses, são muito mais prontamente acessíveis às influências mentais do que a qualquer outra forma de medicação. Não constitui uma máxima moderna, mas sim um antigo axioma dos médicos que essas doenças não são curadas pelo medicamento porém pelo médico, isto é, pela personalidade do médico, visto que, através dela, exerce uma influência mental" (1905c,268-9). E o trabalho de

Freud se organizou a partir das psiconeuroses e incorporou à sua técnica o manejo desse fator.

A psicanálise tem uma maneira muito particular para lidar com a sugestão, coerente com os seus objetivos. "A sugestão direta é a sugestão dirigida contra a manifestação dos sintomas; é uma luta entre nossa autoridade e os motivos da doença. Nessa atuação, os senhores não se preocupam com os motivos; simplesmente pedem ao paciente que suprima a manifestação desses motivos nos sintomas" (1916h,523). De modo que este tipo de uso da sugestão encobre algo da vida mental, "... fortalece as repressões, mas afora isso, deixa inalterados todos os processos que levaram à formação dos sintomas" (1916h,526). O que permanece excluído são as causas inconscientes, justamente as que se interessam à psicanálise, pois são o ponto desconhecido do conflito psíquico.

O tratamento analítico utiliza-se da sugestão como um elemento auxiliar no processo e para transformá-lo num caminho de acesso ao material inconsciente _ como transferência. Assim, pode-se acompanhar e instrumentalizar tanto os sentimentos positivos, como os negativos em relação ao analista; tanto aos aspectos que ajudam no progresso do tratamento, como nos que se tornam um impasse a ele. Em verdade, serve como uma bússola com respeito ao processo psicanalítico.

"Essa *transferência* _ para designá-la pelo seu nome abreviado _ logo substitui na mente do paciente o desejo de ser curado, e, enquanto for afeiçoada ... Contudo, seria insensato fugir à mesma, pois uma análise sem transferência é uma impossibilidade. Não se deve supor, todavia, que a transferência seja criada pela análise e não ocorra independente dela. A transferência é meramente descoberta e isolada pela análise. Ela é um fenômeno universal da mente humana, decide o êxito de toda influência médica, e de fato domina o todo das relações de cada pessoa com seu ambiente humano." "É perfeitamente verdade que a psicanálise, como outros métodos psicoterapeuticos, emprega o instrumento da sugestão (ou transferência). Mas a diferença é esta: na análise não é permitido desempenhar o papel decisivo na determinação dos resultados terapêuticos, ao contrário, induzir o paciente a realizar um trabalho psíquico _ a superação de sua resistência à transferência _ que implica uma alteração. .. Dessa forma, a transferência é transformada de arma mais forte da resistência em melhor instrumento do tratamento analítico. Não obstante, seu manuseio continua sendo o mais difícil, bem como a parte mais importante da técnica da psicanálise" (1925b,56-7).

Sendo a transferência um fenômeno humano universal, dentro do processo analítico, ela adquire características bem específicas de entendimento (a partir da teoria do inconsciente) e de manejo técnico, ou seja, ganha feição de transferência analítica, se assim se pode dizer.

O estabelecimento de uma relação transferencial não faz parte de uma decisão do analista para com o paciente, porém uma vez que ela se consolide, "... não pode ser evitada, já que podemos usá-la para estabelecer todos os obstáculos que tornaram inacessível o material para o tratamento, e já que é somente depois de analisada a transferência que o paciente atinge um sentido de convicção da validade das ligações estabelecidas durante a análise" (1905a,113). "O tratamento médico não é aumentado pela transferência; para ele, não faz diferença se precisa dominar qualquer impulso particular do paciente que esteja em ligação com ele mesmo, ou com outra pessoa. Nem o tratamento impõe ao doente, sob a forma de transferência, uma nova tarefa que ele, de outro modo, não teria realizado" Ou seja, "O tratamento psicanalítico não *cria* transferências, mas simplesmente as revela como tantos outros fatores psíquicos ocultos" (1905a,114).

A partir do momento em que a relação transferencial se consolida, a doença passa a girar em torno, a ser absorvida para a relação do paciente com o analista.(1916a) Isto é, o paciente passa a viver a sua neurose nesta relação, relação que é atual e modificada, mas que faz reviver relações passadas. Mesmo os sintomas aparecem de outra forma. É que, agora, vigora uma neurose ' artificial' _ neurose de transferência _ que permite que o analista entre em contato com o material inconsciente e que se torna passível de ser percebido de modo consciente. As satisfações substitutivas que se inserem nos sintomas se localizam então na relação médico-paciente.

As satisfações substitutivas são decorrentes da sexualidade infantil que persiste com muita intensidade e de maneira camuflada, devido a uma grande proibição que sobre ela incidiu. O amor infantil ressurge num cenário atual do qual faz parte principal o analista. A este passado o neurótico está prêso (1905b / 1915b).

"Que são transferências? São as novas edições, ou facsímiles, dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise; possuem, entretanto, esta particularidade, que é característica de sua espécie: substituem uma figura anterior

pela figura do médico. Em outras palavras: é renovada toda uma série de experiências psicológicas, não como pertencentes ao passado, mas aplicadas à pessoa do médico no momento presente... . Estão, então _ conservando a mesma metáfora _ são simplesmente novas impressões ou reedições" (1905a,113). Elas não são puras reproduções de algo vivido no passado. Correspondem a algo que para o paciente mantém uma correlação simbólica repetitiva, passada.

Eis porque Freud considerou que a psicanálise é indicada para o tratamento de psiconeuróticos, que têm a possibilidade de transformar a doença em neurose de transferência, ao passo que as psicoses só permitem indiferença do paciente à figura do médico (1916g,520).

Assim também se esclarece que: "Nem toda análise de fenômenos psicológicos merece o nome de psicanálise, pois esta implica mais que a simples análise de fenômenos compostos em outros mais simples. Consiste em remontar uma determinada estrutura psíquica a outra que a precedeu no tempo e da qual se desenvolveu" (1913c,218). E o manuseio da relação transferencial permite dar acesso a este material infantil, inconsciente, que permanece atual na neurose.

"A transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção. Trata-se de um fragmento de experiência real, mas um fragmento que foi tornado possível por condições especialmente favoráveis, e que é de natureza provisória" (1914,201).

A relação transferencial é tão básica para este tipo de trabalho (que traz elementos estranhos e desagradáveis para o paciente) que Freud adverte que é recomendável que o analista só faça qualquer comunicação (sobre o material inconsciente) quando ela já estiver estabelecida (1913a). Haverá uma ligação com o analista, então, suficiente para suportar o contato com este material que foi mantido afastado da consciência. O paciente estará acreditando neste tipo de tratamento e no seu analista especificamente. A partir da confiança depositada no analista, acreditará ter o auxílio necessário para obter alívio. E porque crê, vem à sessão e fala de si mesmo, buscando um autoconhecimento.

E Freud é explícito:"*Enquanto as comunicações e idéias*

do paciente fluirem sem qualquer obstrução, o tema da transferência não deve ser aflorado. Deve-se esperar até que a transferência tenha-se tornado uma resistência" (1913a,182).

A transferência é utilizada como motor do tratamento, no caso, promover a associação livre. Por outro lado, ao surgir um movimento de resistência, ele assinala que, pela associação que o paciente vinha desenvolvendo, aproximou-se de uma idéia que estaria sob recalque. Há interesse de trabalhar sobre este material. Ocorre que, nesta situação, o neurótico engancha o que está sendo recalcado na relação transferencial. Deste modo, a transferência passa a ser usada à serviço da resistência. Algo do passado, sob recalque, é encoberto por outra coisa vivida no momento atual, na relação transferencial, que a esta se liga por alusão.

O paciente re-edita estas situações através de comportamentos motores correspondentes. Neste momento, ele perde a possibilidade de perceber o seu equívoco e transforma o novo no velho.

"Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica _ isto é, nas precondições para enamorar-se que estabelece nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela. Isto produz o que se poderia descrever como um clichê esteriotípico (ou diversos deles), constantemente repetido _ constantemente reimpresso _ no decorrer da vida da pessoa, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos a ela acessíveis permitam, e que decerto não é inteiramente incapaz de mudar, frente a experiências recentes" (1912a,133).

O analista interfere para que aquilo que a pessoa tende a agir, descarregar motoramente, ela possa manter na esfera psíquica. O pensar adia o processo de descarga (1911b). Como fazê-lo? Recordando e, assim mantendo-o no passado, discriminando do que agora se passa (1914a).

"Todavia, o instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência. Tornamos a compulsão inócua, e na verdade útil, concedendo-lhe o direito de afirmar-se num campo definido. Admitimo-la à transferência como a um *playground* no qual lhe é permitido expandir-se em liberdade quase completa

e no qual se espera que nos apresente tudo no tocante a instintos patogênicos, que se acha oculto na mente do paciente" (1914a,114).

O terreno é aberto à neurose. "Esta luta entre o médico e o paciente, entre o intelecto e a vida instintual, entre a compreensão e a procura da ação, é travada, quase exclusivamente, nos fenômenos da transferência. É nesse campo que a vitória tem que ser conquistada _ vitória cuja expressão é a cura permanente da neurose. Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois, quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*" (1912a, 143).

Manejar a transferência não é, então, o analista explicar dentro de um clichê teórico o que está sendo atuado. "O que, pois, devemos fazer a fim de substituir o que é inconsciente, em nossos pacientes, por aquilo que é consciente? Houve uma época em que pensávamos ser isto algo muito simples: tudo o que tínhamos de fazer era descobrir esse material inconsciente e comunicá-lo ao paciente. Já sabemos, porém, que este é um erro primário. O *nosso* conhecimento acerca do material inconsciente não é equivalente ao conhecimento *dele*; se lhe comunicarmos nosso conhecimento, ele não o receberá *em lugar de* seu material inconsciente, mas *ao lado* do mesmo; e isso causará bem pouca mudança no paciente" (1916g,509).

A psicanálise não visa promover um autoconhecimento intelectual, mas uma modificação efetiva. E foi isto que fez Freud escrever que o paciente só acatará a existência do material inconsciente porque o constata na prática, na relação transferencial.

Freud introduz aqui o que chama de regra de abstinência (1915a). Seu sentido não é o de que o psicanalista deve se abster de qualquer expressão. Os referenciais utilizados ainda são os que viabilizam a proposta psicanalítica, ou seja, fazer com que o que está sendo vivido como atual e procurando ser descarregado motoramente, faça-o na esfera psíquica. Cabe ao analista não viabilizar uma resposta motora a esta situação, mas favorecer sua recordação. Ele não deve corresponder a este amor simetricamente. E também não deve negá-lo, pois é genuíno e

traz consigo o material patogênico. Acolhê-lo em abstinência quer dizer favorecer o desenrolar da associação livre e a descoberta do material inconsciente.

Este amor é genuíno, porém envolve um equívoco com respeito à pessoa a quem é dirigido. "O papel desempenhado pela resistência no amor de transferência é inquestionável e muito considerável. Entretanto, a resistência, afinal de contas, não *cria* esse amor; encontra-o pronto, à mão, faz uso dele e agrava suas manifestações." "É verdade que o amor consiste em novas edições de antigas características e que ele repete reações infantis. Mas este é o caráter essencial de todo estado amoroso. Não existe estado deste tipo que não reproduza protótipos infantis. É precisamente desta determinação infantil que ele recebe seu caráter compulsivo, beirando, como o faz, o patológico" (1915a,218).

O amor transferencial é genuíno, porém abarca certas peculiaridades:a) surge em decorrência da situação analítica; b) é intensificado pela resistência; c) é excessivamente sem consideração pela realidade (1915a).

Se o analista encarnasse o protótipo infantil, nunca teria a possibilidade de ultrapassar o fato de não ser mais do que um substituto.

As regras técnicas não são objetivas. O manejo deve ser calculado para obter o efeito esperado. O tratamento não pretende alcançar a inteligência do paciente, mas à sua neurose. E "... o conflito patogênico nos neuróticos não deve ser confundido com uma luta normal entre dois impulsos mentais, ambos em pé de igualdade. Um é preconsciente ou consciente; o outro inconsciente ou reprimido. Porisso o conflito não pode ter desfecho." "Uma verdadeira decisão só pode ser obtida quando ambos se encontrarem no mesmo chão" (1916g,505-6).

Inclusive, cabe discriminar: "Com bastante freqüência, a transferência é capaz de remover os sintomas da doença por si mesma, mas só por pouco tempo _ apenas enquanto ela própria perdura. Neste caso, o tratamento é por sugestão, e não, de modo algum, a psicanálise. Só merece o último nome se a intensidade da transferência foi utilizada para a superação das resistências. Somente então a enfermidade tornou-se impossível, mesmo quando a transferência foi mais uma vez desfeita, o que é seu destino" (1913a,186).

Que espécie de material transferencial serve à resistência? Ele abrange as características de erótico recalcado

e de hostil, ou seja, exatamente aquele sobre o qual incide o recalcamento: amor infantil excessivo e agressividade. "Quando algo no material complexivo (no tema geral do complexo) serve para ser transferido para a figura do médico, essa transferência é realizada; ela produz a associação seguinte se anuncia por sinais de resistência _ por uma interrupção, por exemplo. Inferimos desta experiência que a idéia transferencial penetrou na consciência à frente de quaisquer outras associações possíveis, *porque* ela satisfaz à resistência" (1912a,138).

"O paciente procura as suas satisfações substitutivas sobretudo no próprio tratamento, em seu relacionamento transferencial com o médico; e pode até mesmo tentar compensar-se, por esse meio, de todas as outras privações que lhe foram impostas. Algumas concessões devem, certamente, ser-lhes feitas, em maior ou menor medida, de acordo com a natureza do caso e com a individualidade do paciente. Contudo, não é bom deixar que se tornem excessivas. Qualquer analista que, talvez pela grandeza de seu coração e por sua vontade de ajudar, estende ao paciente tudo o que um ser humano pode esperar receber de outro, comete o mesmo erro econômico de que são culpadas as nossas instituições não-analíticas para pacientes nervosos. O único propósito destas é tornar tudo tão agradável quanto possível para o paciente, de modo a este poder sentir-se bem ali e alegrar-se de novamente ali refugiar-se das provações da vida. Ao fazê-lo, não tentam dar-lhe mais força para enfrentar a vida e mais capacidade para levar a cabo as suas verdadeiras incumbências nela. No tratamento analítico, tudo isto deve ser evitado. No que diz respeito às suas relações com o médico, o paciente deve ser deixado com desejos insatisfeitos em abundância. É conveniente negar-lhe precisamente aquelas satisfações que mais intensamente deseja e que mais importunamente expressa" (1919,206-7).

O propósito a ser alcançado é o de não facilitar a paralização do processo, o que impõe ao analista que se preocupe em dosar e prestar atenção a como direciona sua possibilidade de ajuda. "Recusamo-nos, de maneira mais enfática, a transformar um paciente, que se coloca em nossas mãos em busca de auxílio, em nossa propriedade privada, a decidir por ele o seu destino, a impor-lhe nossos ideais, e, com o orgulho de um Criador, à formá-lo à nossa própria imagem e verificar que isso é bom. ... Aprendi também, por experiência própria, que uma tal atividade, de tão longo alcance, em relação aos pacientes não é de forma alguma necessária para os objetivos terapêuticos. Isso porque consegui ajudar pessoas com os quais nada tinha em comum _ nem raça, nem educação, nem

posição social, nem perspectiva de vida em geral _ sem afetar sua individualidade" (1919a,207).

A postura analítica exige que não se estereotipe as intervenções, tal a variedade de formas absolutamente singulares com que o complexo patogênico se entrelaça com a figura do analista. E Freud se preocupa com os iniciantes. "Todo principiante em psicanálise provavelmente se sente alarmado, de início, pelas dificuldades que lhe estão reservadas quando vier a interpretar as associações do paciente e lidar com a reprodução do reprimido. Quando chega a ocasião, contudo, logo aprende a encarar estas dificuldades como insignificantes e, ao invés, fica convencido de que as únicas dificuldades realmente sérias que tem de enfrentar residem no manejo da transferência" (1915a,208).

E Freud constrói uma analogia entre este manejo e as forças altamente explosivas com que trabalha um químico. O trabalho é perigoso e exige extremo cuidado e, no entanto, é necessário para o benefício do paciente (1919a). "O mau uso da análise é possível, em diversos sentidos; em especial, a transferência é um instrumento perigoso nas mãos de um médico inescrupuloso. Não há instrumento ou método médico que esteja garantido contra mau uso; se um bisturi não corta, tampouco pode ser usado para curar" (1916h,539). Aqui, a analogia com uma necessidade de intervenção cirúrgica se faz ainda em outro aspecto: "O tratamento psicanalítico pode ser comparado a uma operação cirúrgica e exigir, de modo similar, que seja efetuado sob condições que serão as mais favoráveis para seu êxito. Os senhores conhecem as medidas de precaução adotadas por um cirurgião: sala adequada, boa iluminação, auxiliares, exclusão dos parentes do paciente, e assim por diante" (1916h,534-5).

3.4 A interpretação é uma tradução

Interpretar consiste em traduzir um método estranho de expressão (inconsciente) em outro, consciente (1913c). A associação livre é que dá margem ao analista para perceber o material inconsciente a que ela inevitavelmente faz alusão. O analista, através de sua interpretação, aponta para este material com suas próprias palavras. Se houver alguma semelhança, o paciente a descobre (1909a).

O conteúdo utlizado para se chegar a uma interpretação engloba as associações do paciente, seus sonhos, as parapraxias, a própria relação transferencial. "Este mate-

rial ajuda-nos a fazer construções acêrca do que aconteceu e foi esquecido, bem como sobre o que lhe está acontecendo no momento, sem que o compreenda" (1940a,205). A atenção flutuante ajuda a apreender o curso do inconsciente do paciente, o que demonstra a importância da habilidade do analista, questão de tato (1923a /1926b). Bem verdade que a "agudeza em ouvir o que está inconsciente e reprimido, não está na posse igualmente de todos ..." (1926b,250). A análise pela qual passou ou passa o profissional é de fundamental pêso para que isto se viabilize.

Freud assinala que muitas vezes um analista experiente consegue ter clareza quanto aos desejos do paciente (1913a). Contudo, para realizar uma interpretação, é preciso um longo período. Porque? Pode-se levantar, pelo menos, dois argumentos: 1) por mais experiência que o analista possua, ele não a terá tido com aquele paciente nesta situação específica. Donde não poderá ter a segurança de ter descoberto toda a verdade. 2) a comunicação imediata pode ser errônea, detonar indignação ou impedir influência posterior (resistência) (1910b).

O que demarca, então, a hora da interpretação? "A fórmula é: esperar até que o paciente tenha chegado tão perto do material reprimido que ele tenha apenas mais alguns passos na dianteira da interpretação que o senhor propuser" (1926b,251). Isto quer dizer, até o momento que, por tudo que foi dito, seja muito difícil fugir da interpretação. Assim, não cai no êrro de comunicar algo a que o paciente não tem ainda possibilidade de acesso ou a que a tome como uma verdade a nível intelectual, ou mesmo, sem se dar conta, erguer uma barreira resistencial para não entrar em contato com ao material que a interpretação dá acesso. Se isto não acontecer, a interpretação abre o caminho para o surgimento de um novo material. Aparece uma recordação, relativa a uma situação interna ou externa, que confirma a veracidade da intervenção.

"Quando o senhor atingiu certo grau de autodisciplina e possui certo conhecimento à sua disposição, suas interpretações serão independentes de suas características pessoais e atingirão o alvo" (1926b,249).

É interessante observar que análise significa dividir ou separar. Por meio do processo analítico, dos sintomas chega-se aos impulsos que os originaram e que não tinham acesso à consciência. É neste ponto que algumas pessoas questionam porque não faz parte do trabalho do analista rearrumar estes elementos agora conhecidos. Ocorre que

há, na vida psíquica, através do ego, uma tendência a realizar essa unificação e combinação. "Para dizer a verdade, o paciente neurótico, com efeito, apresenta-se-nos com a mente dilacerada, dividida por resistências. A medida em que a analisamos e eliminamos as resistências, ela se unifica; a grande unidade a que chamamos ego, ajusta-se a todos os impulsos instintuais que haviam sido expelidos (split off) e separados dele. A psicossíntese e, desse modo, atingida durante o tratamento analítico sem a nossa intervenção, automática e inevitavelmente. Criamos as condições para que isso aconteça, fragmentando os sintomas em seus elementos e removendo as resistências. Não é verdade que algo do paciente tenha sido dividido em seus componentes e aguarde, então, tranqüilamente, que de alguma forma o unifiquemos outra vez" (1919a,203).

3.5 Restaurar o que foi perdido

Embora este têrmo seja pouco utilizado entre analistas e na própria obra de Freud em comparação com a intervenção de interpretação, esta é uma de suas tarefas básicas.

Qual a tarefa do analista? "Sua tarefa é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*. A ocasião e o modo como transmite suas construções à pessoa que está sendo analisada, bem como as explicações com que as faz acompanhar, constituem o vínculo entre as duas partes do trabalho de análise, entre seu papel e o do paciente" (1937b,293).

Freud fez referência ao trabalho de construção no relato de um de seus casos (1918), ao comunicar ao paciente algo que deveria ter-lhe acontecido nos primeiros anos de vida e que dava sentido a um material _ sonhos e associações _ que este vinha trazendo há algum tempo.

Anteriormente, num artigo sobre sonhos, ele já havia mencionado o trabalho de reconstrução desta forma: "É amiúde possível, por meio da análise,restaurar tudo o que havia sido perdido pelo esquecimento do conteúdo do sonho; pelo menos, num número bastante grande de casos pode-se reconstruir, a partir de um único fragmento remanescente, não o sonho, é verdade _ o que, de qualquer modo, é questão sem importância _ mas todos os pensamentos oníricos" (1900,552). Interessante observar que o importante aí é o caminho associativo originado a partir do sonho que acaba por funcionar como pretexto para ele

do que como um acontecimento a ser recuperado, isto é, lembrado da mesma forma como foi sonhado.

No entretanto, foi na época em que escreveu sobre a segunda tópica que publicou um artigo específico sobre este tipo de intervenção do analista. O paciente não teria como ter acesso a todas as lembranças possíveis, em especial àquelas muito primitivas e cabe ao analista construí-las ou reconstruí-las.

A construção faz sentido com a concepção das pulsões entre pulsão de vida ou Eros _ que tende a combinar e a unificar o material psíquico _ e a pulsão de morte ou de destruição _ que faz o movimento oposto, qual seja, de manter o material psíquico desagregado, desmanchando as unidades formadas e tendendo a retornar aos primitivos elementos pulsionais. São referências ao modo de ser da pulsão que sempre agem simultaneamente. Identifica-se o trabalho de Eros por se expressar de modo visível e ruidoso e, no caso da pulsão de morte, por se manifestar por uma ação compulsiva e silenciosa, sem a possibilidade de intermediação da palavra, impedindo a associação livre (1925b/1930). Construir ou reconstruir uma situação pressupõe não se acreditar ser fundamental a recuperação de um material original, mas entender que a pressão inconsciente que ele exerce sobre o paciente torna necessário que este seja colocado em palavras que, embora não sejam seu retrato fiel, a ele dê um sentido que faça com que o paciente não lhe fique totalmente subjugado.

A interpretação refere-se, portanto, ao trabalho sobre um elemento isolado que surja durante as associações. A construção organiza um pedaço esquecido da história arcaica do paciente.

Trata-se de uma provável verdade histórica construída através de uma suplementação e/ou combinação das lembranças que foram surgindo durante o processo e das repetições ocorridas nele de comportamentos infantis e que emergiram na relação transferencial. Então, o analista formula uma construção, só depois de ter obtido material suficiente para isto. A construção vai se organizando por fragmentos e sendo comunicada ao paciente.

Se ela não corresponder a uma verdade do sujeito, não provocará nele qualquer efeito. Entretanto, a sua confirmação pode não ser imediata à comunicação, como também pode fazê-lo de modo indireto (por exemplo, com associações a partir do que lhe foi dito), ou tão só quando todo o material construído tiver sido reunido. De

qualquer forma, como todos os procedimentos técnicos, a construção se mostra verdadeira pela reação que provoca no paciente, qual seja, de liberar mais material associativo, gerando novos sentidos.

O que pode vir a contrariar o que aqui se coloca como entendimento geral são os casos em que a ocorrência de uma reação terapêutica negativa faz com que o sujeito reaja à construção, intensificando seus sofrimentos, os seus sintomas (1937b).

Uma observação se faz conveniente: quando Freud se refere a que a) no sonho, a interpretação faz o caminho de partir do que restou de consciente, seu conteúdo manifesto, seu relato, para chegar aos pensamentos oníricos que o originou e b) no sintoma, recuperar as idéias inconscientes esquecidas _ pode dar a entender que há um ponto concreto de origem a ser alcançado, causador desses processos. No texto sobre construções (1937b), já contraria esta conclusão ao dar clara noção de que o seu conteúdo é histórico, no sentido de se dirigir a um momento passado, mas que é uma reconstrução do analista sem a preocupação de se os fatos objetivamente se deram da forma que ele relata. O que produz efeito a partir da construção, pode-se entender, é o fato dela dar sentido a algo vivido pelo paciente.

E se, no entanto, se retorna ao primeiro trabalho freudiano sobre sonhos (1900), encontra-se aí a idéia de que, pelos caminhos associativos, não se encontra um pensamento onírico que a tudo deu início. Ao contrário, mostra até que há uma impossibilidade de recuperar um princípio tal e qual teria acontecido no passado. "Dessa maneira, é uma questão de força relativa saber se nosso interesse intelectual, nossa capacidade de auto-disciplina, nosso conhecimento psicológico e nossa prática de interpretar sonhos capacitam-nos a dominar nossas resistências internas. É sempre possível ir até *certa* distância; suficientemente longe, de qualquer modo, para convencer-nos de que o sonho é uma estrutura com um significado."..."Há freqüentemente uma passagem, mesmo no sonho mais completamente interpretado, que tem de ser deixada obscura; isto se deve a que, durante o trabalho de interpretação, damo-nos conta de que nesse ponto existe uma meada de pensamentos oníricos que não pode ser desemaranhada e que, além disso, não acrescenta nada ao nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Este é o ponto central do sonho, o ponto de onde ele mergulha para o desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, possuir qualquer término definido; acham-se obriga-

dos a ramificar-se em todas as direções dentro da intricada rede de nosso mundo do pensamento. É num certo lugar em que essa malha é particularmente fechada que o desejo onírico se desenvolve, como um cogumelo de seu micélio" (1900,559-60).

Essa observação se completa na próxima parte (fantasia) e na noção de que a realidade psíquica não se confunde com a realidade externa e que a noção de trauma está ligada a uma re-significação de uma experiência passada.

3.6 A fantasia escolhe caminhos diversos: sintoma e sublimação

No princípio da psicanálise, todas as lembranças do paciente eram consideradas fatos reais, verdades históricas objetivas. Em decorrência, havia uma preocupação em revelar o momento traumático que teria desencadeado a neurose. Ainda sob influência da experiência com o tratamento hipnótico em que um paciente adulto era convidado, sob hipnose, a lembrar do que tinha ocorrido para que o sintoma surgisse e a lembrar se algum outro fato a ele se relacionava e que daí ele chegava a experiências de adolescente ou de infância.
Esse momento vivido traumaticamente na infância teria provocado os sintomas no adulto (1906).

Eis que Freud percebe que o paciente não se refere a cenas infantis verdadeiras porque aconteceram objetivamente, mas verdadeiras como fantasias. "As fantasias possuem realidade *psíquica*, em contraste com a realidade *material*, e gradualmente aprendemos a entender que, *no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva*" (1916e,430).

A realidade psíquica é tão verdadeira que determina e dá sentido aos sintomas neuróticos. E a fantasia tem a função de distorcer a realidade externa ao sujeito e que lhe é frustrante. Moldando-a, ele faz com que entre em conformidade com o que lhe traria satisfação. Os desejos são satisfeitos pela imaginação exatamente porque esta independe dos objetos reais.(1911b,281)

A fantasia é uma reação a experiências traumáticas que se ligam à infancia e acaba por manter ilusoriamente, e assim, prazeirosamente, objetos e tendências infantis (1930,99). Por este motivo abrem caminho em direção às fixações recalcadas (1916e,435).

A força da fantasia _ que vem a gerar sintomas _ é conseqüência do desejo infantil insatisfeito (1908a / 1925b). A intensidade desta sua força é que determina se ela provoca um comportamento normal ou conseqüências patológicas. Sim, pois o desejo infantil nunca é inteiramente satisfeito e nem sempre ele gera patologia. A fantasia participa da vida mental de todas as pessoas (1908a). Sendo que, no paciente em análise, é ela que conduz ao estabelecimento da ligação entre sintoma e experiência infantil recalcada.

Pelo fato da fantasia desviar a atenção de experiência desprazeirosa, garantindo uma certa satisfação, ela também dá sustentação ao recalque que mantém esta experiência afastada da consciência, embora nem sempre deixe de provocar sofrimento (1906). Parece que este é percebido como menos ameaçador do que o que seria sentido pelo contato direto com a realidade (1918). Ao menos, tudo funciona assim até certo ponto, para algumas pessoas, quando o seu ganho secundário diminui. Assim, enquanto o recalque continua, a pulsão se mantém autoerótica, prolonga o tempo de estar sob o domínio do princípio do prazer. "Parte essencial da disposição psíquica à neurose reside na demora em ensinar os instintos sexuais a considerar a realidade e, como corolário, nas condições que tornam possível esta demora" (1911b,282-3).

Algumas fantasias mantêm os mesmos conteúdos (sedução de crianças, cena do coito parental, ameaça de castração) nas mais diferentes pessoas. Elas foram denominadas por Freud de fantasias primitivas. Elas são comuns a varias pessoas por pertencerem ao acêrvo filogenético que lhes serve de herança e que preenchem a história individual e aí são atualizadas, cada uma de forma específica. Elas existiram em épocas primitivas da fantasia humana (1916e,433).

O paciente não tem facilidade de revelar suas fantasias no processo analítico. Sente vergonha delas (que faz surgir resistência), pois dizem respeito à sua sexualidade infantil proibida. E, embora tenham a mesma raiz inconsciente, elas não provocam a mesma reação ao artista que as utiliza para construir sua obra e delas, ele e as outras pessoas obtêm certa satisfação. A arte, por se inscrever num processo de sublimação e não de recalque, faz com que se compartilhe, prazeirosamente, das aflições que a realidade traz, mantendo um distanciamento pessoal destas (1908a). É algo compartilhado em geral, embora seja usufruído particularmente.

"Um artista é geralmente um homem que se afasta da rea-

lidade, porque não pode concordar com a renúncia à satisfação instintual que ela a princípio exige, e que concede a seus desejos eróticos e ambiciosos completa liberdade na vida de fantasia. Todavia, encontra o caminho de volta deste mundo de fantasia para a realidade, fazendo uso de dons especiais que transformam suas fantasias em verdade de um novo tipo, que são valorizadas pelos homens como reflexos preciosos da realidade. Assim, de certa maneira, ele na verdade se torna o herói, o rei, o criador ou o favorito que desejava ser, sem seguir o longo caminho sinuoso de efetuar alterações reais no mundo externo. Mas ele só pode conseguir isto porque outros homens sentem a mesma insatisfação que ele com a renúncia exigida pela realidade, e porque essa insatisfação, que resulta da substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade, é em si uma parte da realidade" (1911b,284).

"O objetivo primário do artista é libertar-se, e, através da comunicação de sua obra a outras pessoas que sofrem os mesmos desejos sofreados, oferecer-lhes a mesma libertação. Esta representa suas fantasias mais pessoais plenas de desejo como realizadas, mas elas só se tornam obra de arte quando passar por uma transformação que atenua o que nelas é ofensivo, oculta sua origem pessoal e, obedecendo às leis da beleza, seduz outras pessoas com uma gratificação prazeirosa" (1913c,222-3).

E é sobre a beleza que Freud mais tarde escreve: "Daqui podemos passar à consideração do interessante caso em que a felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento _ a beleza das formas e dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e a das criações artísticas e mesmo científicas. A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muita pouca proteção contra a ameaça de sofrimento, embora possa compensá-lo bastante. A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuemente intoxicante" (1930,101-2). A beleza produz uma intensidade de prazer que sobrepuja ou suspende os recalques.

Entretanto, nem todas as pessoas têm a capacidade de sublimar e os que a possuem não o fazem pelos mesmos caminhos. Freud assinala que a atividade profissional, uma vez livremente escolhida, através da sublimação, constitui um modo especial de satisfação. Porém, também observa que "No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a ou-

tras possibilidades de satisfação" (1930,99 n1).

A capacidade de sublimar pode não ser utilizada porque a energia psíquica investe em fixações infantis e aí dispende grande quantidade. O próprio artista pode perder a capacidade de trabalho se ele vier a se enredar em conflitos neuróticos. Por outro lado, isto aponta para que o processo analítico deve vir a auxiliar o sujeito a recuperar a capacidade de sublimar (àqueles que a possuem e à sua maneira e intensidade), uma vez que não haja mais necessidade de gastar energia nos conflitos neuróticos.

Freud ainda descobre a existência de fantasias que dão possibilidade de entender a origem das perversões. Elas também, pelo menos em parte, trazem vergonha e sentimento de culpa se vêm a ser reveladas, mas enquanto vividas, produzem prazer e uma satisfação masturbatória, de caráter masoquista. A sua característica é que se compõem de três fases, sendo que a intermediária não é consciente, é recalcada, e precisa ser construída pelo analista. Essa construção adquire a forma de uma frase que vai demonstrar que houve uma ameaça à onipotência imaginária, uma sensação de perigo de privação de amor. Esta fantasia visa a superar essa sensação, ligando-a a uma satisfação masoquista, humilhante, de ser espancado (1919b).

3.7 O medo de perder a satisfação

A ameaça de castração é uma experiência psíquica que se relaciona ao estudo das neuroses. Ela permeia todo o processo psicanalítico. Isto porque a força motora do recalque é impulsionada pelo complexo de castração.

Durante as fases de desenvolvimento infantil, varios tipos de perigo são vividos como ameaça e, no decorrer delas, podem ser superados ou vir a persistir lado a lado. O primeiro deles situa-se na época em que o ego se apresenta como imaturo e bem primitivo, a sensação da criança é de desamparo. Este desamparo se expressa não só na maneira física do bebê, como num desamparo psíquico. Ele precisa ter o suporte de uma outra pessoa. Ao explicar a experiência de satisfação, Freud teoriza como o psíquico começa a se organizar apoiado no físico. "O organismo humano é, a princípio, incapaz de levar a cabo essa ação específica. Ela se efetua por meio de *assistência alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é atraída para o estado em que se encontra a criança, me-

diante a condução da descarga pela via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*.

Quando a pessoa prestativa efetuou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último se encontra numa posição, por meio de dispositivos reflexos, de cumprir imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para eliminar o estímulo endógeno. A totalidade desse processo representa então uma *experiência de satisfação*, que tem as conseqüências mais decisivas para o desenvolvimento das funções individuais" (1895,422).

Depois, na primeira infância, período de extrema dependência, aparece o medo diante do perigo de perda do objeto, fonte de satisfação, de amor. "Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos. Acima de tudo, fica exposta ao perigo de que essa pessoa mais forte mostre a sua superioridade sob a forma de punição. De início, portanto, mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados. Por medo dessa perda, deve-se evitá-lo" (1930,147-8).

Outro perigo pulsional que ameaça o ego durante a fase denominada de fálica é experimentado como perigo de castração. "Esta fase, que já merece ser d3scrita como genital, apresenta um objeto sexual e certo grau de convergência de impulsos sexuais sobre esse objeto, mas se diferencia da organização final da maturidade sexual num sentido especial, pois ela conhece apenas uma espécie de genital: o masculino. Por este motivo chamei-a de fase ' fálica' da organização" (1905b,205n).

E, por último, no período de latência emerge o medo do superego que, de algum modo, permanece depois (1926a). Nesta ocasião, a autoridade é internalizada. Embora o superego esteja muito unido ao ego, ele é capaz de atormentá-lo, caso pretenda cometer algo considerado errado, detonando o sentimento de ansiedade e podendo puní-lo no mundo externo. "Nenhum indivíduo humano é poupado de tais experiências traumáticas, nem escapa aos recalques que dão origem" (1940a,213).

O recalque, então, é produzido a partir do mêdo da castração iminente que acaba por detonar a sensação de ansiedade. Este é o entendimento desde a segunda teoria freudiana da ansiedade (1926a), uma vez que a primeira

teoria estabelecia que era o recalque que provocava a ansiedade. "A ansiedade é uma expectativa de um trauma e a repetição dele de forma atenuada. Expectativa ligada à situação de perigo, ao passo que sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo _ a situação que é prevista na situação de perigo" (1926a, 191).

A questão aqui não é se a castração vai ser ou não realizada, mas em acreditar na sua ameaça. O temor de castração é determinado por um perigo pulsional, interno, mas reconhecido e vivido como externo. A ameaça aí é proporcional ao valor atribuído ao órgão. No caso da mulher, não há receio de ser castrada, mas o temor de perder o amor da mãe e, assim, cria-se uma tensão decorrente da incerteza de que suas necessidades serão satisfeitas (1933b,109-10).

Esta projeção para o mundo externo da ameaça de castração é apontada num pequeno escrito freudiano que aborda a diferenciação das crianças quanto ao 'ter' e ao 'ser'. "As crianças gostam de expressar uma relação de objeto por uma identificação: ' Eu sou o objeto'. 'Ter' é o mais tardio dos dois; após a perda do objeto, ela recai para 'ser'. Exemplo: o seio. ' O seio é uma parte de mim, eu sou o seio'. Só mais tarde: ' Eu o tenho' _ isto é, ' eu não sou ele' ..." (1941,335). E aí caminha do ter à ameaça de perder o que tem. A ansiedade de castração engloba o medo da perda. O recalque, então, é uma tentativa de defesa do ego em relação a essa ameaça de castração. Tentativa porque o recalque não oferece garantias para que o material inconsciente permaneça afastado, sem causar efeitos patogênicos, ou seja, sofrimento. "A psicanálise leva a conclusões menos simples e satisfatórias. O que tenho a dizer nesse sentido de há muito é familiar e nada tenho de novo a acrescentar. Se o ego consegue proteger-se de um impulso instintual perigoso, através, por exemplo, do processo de repressão, ele por certo inibiu e prejudicou a parte específica do id em causa; mas ao mesmo tempo lhe deu certa independência e renunciou a um pouco de sua própria soberania. Isto é inevitável pela natureza da repressão, que é, fundamentalmente, uma tentativa de fuga. O reprimido é agora, por assim dizer, um fora-da-lei, fica excluído da grande organização do ego e está sujeito somente às leis que regem o domínio do inconsciente. Se, agora, a situação de perigo modificar-se de modo que o ego não tenha razão alguma de desviar-se de um novo impulso instintual análogo ao reprimido, a conseqüência da restrição do ego que ocorreu se tornará manifesta. O novo impulso prosseguirá seu curso sob uma influência automática _ ou, como

eu preferiria dizer, sob a influência da compulsão à repetição. Ele seguirá a mesma trilha que o impulso mais antigo reprimido, como se a situação de perigo que tivesse sido superada ainda existisse. O fator de fixação da repressão, portanto, é a compulsão à repetição do id inconsciente _ uma compulsão que em circunstâncias normais só é eliminada pela função livremente móvel do ego" (1926a,177).

Este é o motivo pelo qual Freud assinala que o complexo de Édipo decide a possibilidade de formação de uma futura neurose. Esclarece que este requer que o sujeito não o recalque _ pois mantendo-se inconsciente, surgirá mais tarde como efeito patogênico _, porém é necessário que seja dissolvido, isto é, destruído e abolido (1924b).

Em vista disso, a análise se preocupará em auxiliar ao ego para que possa suspender os recalques e daí recuperar seu poder sobre o id recalcado. Deste modo, os impulsos terão como retomar seu rumo, sem se orientar mais pelas antigas situações de perigo (1926a).

Toda esta complexa problemática expressa-se no decorrer do tratamento através das lembranças, porém principalmente por meio da relação transferencial.

CAPÍTULO 4

OS POSSÍVEIS FINAIS

Pensar sobre o término de uma análise pode suscitar pelo menos quatro tipos de questões: é possível acelerar o processo psicanalítico, encurtando sua duração?; como se caracterizaria uma análise que foi interrompida, entendendo-se que, desta forma, estaria inacabada enquanto tratamento?; e o que seria levar uma análise a seu final?; e, o que se entenderia pela situação de re-análise?.

4.1 O tempo do tratamento psicanalítico pode ser diminuido?

Várias vezes Freud demonstrou não ter deixado de lado esta possibilidade como um ponto a refletir. Ao se referir ao atendimento de um jovem russo (1918), por exemplo, ao perceber que seu andamento paralizava, lançou mão de um artifício: comunicou ao paciente que, a partir daquele momento, só teriam mais um ano de trabalho analítico. Quando o paciente se deu conta de que era para valer, sentiu-se pressionado a aproveitar o tempo de que dispunha.

Esta experiência o levou a concluir que, se o analista faz o cálculo de tempo correto, o procedimento foi eficaz. Entretanto, não se tem garantia do acêrto deste cálculo e, então, como no caso do jovem russo, certo material pode ficar faltando, como um resto transferencial que continua a provocar conseqüências.

O tempo investido num processo psicanalítico é longo devido ao material inconsciente ser de difícil acesso e depender do jogo de forças psíquicas. Diminuir o tempo de duração do tratamento, só seria possível se fosse abandonada a investigação inconsciente e passasse a lidar com o fortalecimento do ego. Contudo, esta situação invalida a proposta da psicanálise. Esta acredita que as dificuldades, inibições e sintomas, pelas quais a pessoa passa, dependem do desvelamento do inconsciente e não tão só da atividade do ego.

Os sintomas neuróticos representam satisfações substitutivas para desejos sexuais infantis insatisfeitos e persistentes que sofreram proibição e/ou foram frustrados. "Os neuróticos são uma classe de indivíduos que, por possuirem uma organização recalcitrante, apenas consegue sob o influxo de exigências culturais efetuar uma supressão *aparente* de seus instintos, supressão essa que se torna cada vez mais falha. Portanto, eles só conseguem continuar a colaborar com as atividades culturais com um grande dispêndio de energia e às expensas de um empobrescimento interno, sendo às vezes obrigados a interromper sua colaboração e adoecer" (1908c,196).

Seguindo esta perspectiva, reforçar que a pessoa resolva seus conflitos conscientemente, ou concedendo-lhe tomar atitudes proibidas, ou aceitando totalmente sua proibição, leva a uma não resolução dos mesmos, visto que é psiquicamente que os dois aspectos estão marcados e que permanecem inacessíveis a seu conhecimento.

"Quanto a isto, deve-se dizer que as modificações psíquicas de fato só se fazem lentamente; se ocorrem rápido, subitamente, isto é mau sinal" (1933c,190).

4.2 Em que consiste uma análise inacabada?

Assim como existem pessoas que têm dificuldade em começar o tratamento a ponto de investir num projeto indesejável e tentar várias espécies de saídas concretas antes de se disporem ao trabalho analítico, outras impedem-no de continuar, atuando de forma a que, sem que haja tempo para lidar com suas pulsões através da transferência, e numa ação repetitiva, ele seja interrompido. "Como exemplo extremo disto, posso citar o caso de uma senhora de idade que havia repetidamente fugido de casa e do marido em estado crepuscular e ido para onde ninguém sabia, sem sequer tornar-se consciente de seu motivo para partir desta maneira. Ela chegou ao tratamento com uma acentuada transferência afetuosa que cresceu em intensidade com misteriosa rapidez nos primeiros dias, ao final da semana, havia-me abandonado também, antes que tivesse tempo de dizer-lhe algo que pudesse ter impedido esta repetição" (1914a,200-1).

De qualquer forma, trabalha-se sempre contra um certo grau de inércia psíquica do paciente. Este investe no processo na medida em que se sente incomodado com algum conflito. Por vezes o tratamento é abandonado incompleto quando o sujeito ainda percebe a existência de sintomas,

mas sente uma melhora geral, suficiente para ele, ao menos no momento. (1904).

Uma interrupção pode ser ocasionada, caso haja a vitória de intensa resistência sobre o desejo de cura do paciente.

Freud denomina de resistência oriunda do id a uma considerável quantidade de inércia psíquica em que a pulsão, mesmo frente a um novo caminho, hesita em adotá-lo. "Com os pacientes que tenho em mente, porém, todos processos mentais, relacionamentos e distribuições de força são imutáveis, fixos e rígidos. Encontra-se a mesma coisa em pessoas muito idosas, em cujo caso ela é explicada como sendo devida ao que se descreve como força do hábito ou exaustão da receptividade _ uma espécie de entropia psíquica. Aqui, no entanto, estamos tratando com pessoas ainda jovens" (1937a,275).

As resistências oriundas do superego dizem respeito a uma necessidade de punição ou sentimento de culpa que podem gerar uma reação terapêutica negativa. O processo analítico é recebido pelo paciente com uma reação negativa a qualquer intervenção que lhe poderia esclarecer um material inconsciente ou lhe abrir caminho para uma satisfação, um prazer. Ele se fixa no sofrimento e na doença.

As resistências ativadas pelo ego são decorrentes dos mesmos mecanismos de defesa, gerados no sentido de preservá-lo de perigos externos. Estes mecanismos são procedimentos adotados pelo ego que cada pessoa utiliza em certo número, ou seja, não todos eles. Acontece que o ego se apropria deles e continua lançando mão, mesmo quando os perigos que os originaram já não existem mais. Assim, o adulto tenta, por distorção, aproximar a realidade externa àquela que justifica o uso e a intensidade deste uso referente às defesas adotadas. Essa alienação frente ao mundo externo, faz com que o ego não esteja preparado para lidar com ele. A conduta esteriotipada abre caminho para a neurose. Durante o processo analítico, o paciente adota esta conduta estereotipada e tem dificuldade de aceitar qualquer material, intervenção do analista ou percepção que o leve a modificá-la. É como se ele fosse perder algo que, embora lhe atrapalhe, acha que faz parte de seu modo de ser. Esta recorrência e persistência em grande quantidade, surge como resistência contra o restabelecimento, sendo este último vivido como um perigo. "Durante o trabalho sobre as resistências, o ego se retrai _ com maior ou menor grau de seriedade _ do acordo em que a situação analítica se fun-

da. Ele deixa de apoiar nossos esforços para revelar o id; opõe-se a eles, desobedece à regra fundamental da análise e não permite que surjam novos derivados do reprimido. Não podemos esperar que o paciente possua uma forte convicção do poder curativo da análise. Pode ter trazido consigo uma certa confiança em seu analista, que será fortalecida até um ponto eficaz pelos fatores de transferência positiva que nele serão despertados. Sob a influência dos impulsos desprazeirosos que sente em resultado da nova ativação de seus conflitos defensivos, as transferências negativas podem agora levar a melhor e anular completamente a situação analítica. O paciente agora encara o analista como não mais do que um estranho que lhe está fazendo exigências desagradáveis, e comportar-se para com ele exatamente como uma criança que não gosta do estranho e não acredita em nada do que este diz. Se o analista tenta explicar ao paciente uma das deformações por este efetuadas para fins de defesa, e corrigí-la, encontra-o incompreensivo e inacessível a argumentos bem fundados. Assim, percebemos que *há* uma resistência contra a revelação das resistências e que os mecanismos defensivos realmente merecem o nome que lhe demos originalmente, antes de terem sido examinados mais de perto. Constituem resistências não apenas à conscientização dos conteúdos do id, mas também à análise como um todo, e, assim, ao restabelecimento" (1937a,272).

Essas resistências são encontradas, com mais ou menos intensidade, em qualquer processo analítico. O que significa que não necessariamente levem à sua interrupção.

4.3 O que seria levar uma análise a seu final?

Isto significaria terminar com os sintomas que trouxeram o sujeito à análise? "Para os leigos, os sintomas constituem a essência de uma doença, e a cura consiste na remoção dos sintomas. Os médicos atribuem importância à distinção entre sintomas e doença, e afirmam que eliminar os sintomas não equivale a curar a doença. A única coisa tangível que resta da doença, depois de eliminados os sintomas, é a capacidade de formar novos sintomas" (1916e,419).

Não adianta tomar um remédio contra dor-de-cabeça, por exemplo. Se consegue um alívio momentâneo, a causa que gerou aquela dor pode fazê-la retornar ou surgir algum outro sintoma.

Quer dizer então que não há a eliminação deles? Não é

assim. "... não se visa especificamente a remoção dos sintomas, mas é conseguida como subproduto, se a análise foi corretamente efetuada" (1923a,304).

Em 1916, Freud afirma que o final corresponderia a ter "... todas as obscuridades do caso elucidadas, lacunas de memória preenchidas e descobertas as causas precipitantes" (1916h,528). Este argumento não se manteve por muito tempo. E ele optou por outro caminho para pensar sobre a situação de cura num processo psicanalítico: melhor investigar quais os elementos que a podem obstaculizar (1937a).

Quais os fatores que colaboram na etiologia das neuroses? Por um lado,o período da sexualidade infantil no qual se tornam manifestas as disposições pulsionais inatas herdadas e, por outro lado, a atividade pulsional é despertada pelos fatores externos, acidentais. Estas últimas podendo ocasionar fixações da libido.

Esta colocação pode dar margem a se separar por demais as concepções de inato e de adquirido. Aquilo que é herdado também em algum momento foi adquirido, pois se constituem em efeitos secundários do herdado das experiências dos ancestrais em épocas primitivas. Constitucional=herdado + adquirido infância. As experiências marcadas na pré-história podem, como uma predisposição, reemergir. Trata-se aqui da herança filogenética adquirida na vida mental.

O que foi experienciado na infância é capaz de gerar efeitos traumáticos, devido a ser uma época em que o desenvolvimento ainda não é completo. Outras vezes, o efeito traumático ocorre no adulto, quando então ele retorna regressivamente a uma época de satisfação infantil, onde estabelece uma fixação (retém aí uma determinada quantidade de energia libidinal) e apresenta um comportamento correspondente a esta fase (um sintoma que é uma forma de satisfação infantil deformada pela censura).

A vida mental se organiza a partir da influência mútua entre disposições inatas e experiências acidentais. Conforme a variação quantitativa, dar-se-ão resultados diferentes.

Se mais intenso for o fator constitucional na causação da neurose, logo o trauma conduzirá a uma fixação.

Essa herança arcaica situa-se no id quando o ego ainda não se discriminou dele. Quanto ao ego, "... as linhas

de desenvolvimento, tendências e reações que posteriormente apresentará, já estão estabelecidas para ele. As peculiaridades psicológicas de famílias, raças e nações, inclusive em sua atitude para com a análise, não permitem outra explicação" (1937a,273).

O id contém a herança presente no nascimento _ as pulsões (1940a,169). Depois o id se divide em uma parte inata, imutável e dificilmente acessível e, outra, recalcada, originada do desenvolvimento do ego (1940a). "O que é hoje um ato de coibição interna foi outrora externo, imposto, talvez, pelas necessidades do momento. Dessa maneira, o que hoje se aplica a todo indivíduo em crescimento como exigência externa da civilização, poderá um dia tornar-se uma disposição interna à repressão" (1913c,224).

A partir da determinação das causas da neurose, Freud aponta três fatores fundamentais para se pensar a possibilidade de chegar a um final de análise: a força constitucional das pulsões, a influência dos traumas, alterações causadas no ego (1937a).

Considerando o caso de existir uma força constitucional das pulsões excessiva, esta sobra vai impossibilitar que ela entre em harmonia com o ego, perturbando o processo de recalque, no caso da neurose. A análise se torna interminável, pois não há como ' amansar' a exigência pulsional.

Deve-se fazer aqui uma ressalva para as situações que, por causas acidentais ou especificamente por época de vida (puberdade ou menopausa), venham a minorar a força do ego frente a uma momentânea exigência pulsional anormal (1937a).

A viabilidade de chegar a um final de análise é vislumbrada nos casos em que o ego não foi muito alterado por uma etiologia que é fundamentalmente traumática.

Os recalques são produzidos pelo ego quando ainda infantil, imaturo. A análise de paciente adulto, agora com o ego mais estruturado, maduro, permite empreender a revisão dos antigos recalques _ não mais necessários neste momento. Isto significa que a análise não desfaz os efeitos do recalque. As pulsões permanecem suprimidas, porém o mesmo efeito é produzido de modo diferente: a análise substitui o recalque (automático e excessivo) por um julgamento de condenação (controle moderado) (1918) e, deste modo, pode-se falar que o recalque foi demolido por não haver necessidade de se satisfazer des

sa maneira _ ou o recalque pode ser reconstruído de maneira mais sólida para neutralizar um aumento da quantidade de pulsão. Este efeito ou é desencadeado no paciente ou não o é. Entretanto, mesmo em caso afirmativo, ainda vai depender da intensidade da força da pulsão e de parte dos antigos mecanismos.

As alterações do ego se devem aos efeitos das defesas no ego a ponto de comprometê-lo, como já foi visto. O recalque omite e/ou deforma o conteúdo do id do qual o ego se defende. E o trabalho de análise depende de uma aliança com o ego do paciente para tornar consciente o material recalcado do id.

Se o ego sofrer grandes alterações, diminuirão as possibilidades de se chegar a um final de análise, devido a resistência desencadear forças contrárias a ele (1937a).

E como fica a relação transferencial no final de análise?

A transferência é vista como um campo fundamental que vai auxiliar no processo e demonstrar a conquista da cura (1912a,143). "Pessoa que se tornou moral e livre da ação de impulsos instintuais reprimidos e sua relação com o médico, assim permanece na própria vida, após o médico haver-se retirado dela" (1916g,518). O manejo da transferência teria proporcionado uma nova direção ao conflito.

Tratar da paciente Dora foi, para Freud, um meio de esclarecer melhor este assunto. E é no texto sobre este caso que ele faz referência a uma transferência sublimada, diferente daquela que surge da relação do neurótico com seu analista. "Outras são estruturadas com maior engenhosidade: seu conteúdo está sujeito a uma influência moderadora _ à *sublimação*, como costumo chamá-la _ e podem até tornar-se consciente, se tirarem proveito, sabiamente, de alguma particularidade real na pessoa ou situação do médico, e ligando-se a estas. Não serão, portanto, novas impressões, mas edições revistas" (1905a,113). Ou seja, não demonstram ser a imposição de uma fantasia infantil em substituição à realidade externa frustrante. A fantasia pode continuar, sendo percebida como tal _ não se submetendo a ela, mas podendo até dispor dela num sentido não paralisante. E podendo levar em conta a realidade do analista, mesmo que esta lhe seja frustrante. Não há confusão ou substituição da realidade desta relação pela fantasia que mantém certo passado de ilusões infantis vivas, suprimindo as impossibilidades, escamoteando os seus limites e de seus partici-

pantes, paciente e analista. Dando-se conta da relação no que ela pode ser percebida como atual.

A capacidade de sublimar tem em comum com as defesas (formações reativas) ser uma proteção que mantém distância do desejo infantil enquanto satisfeito em sua forma arcaica. Porém, a primeira, ao contrário da segunda, não utiliza o recalque e, em conseqüência não absorve a energia psíquica em conflitos neuróticos, que o paralisa e o impede de viver satisfatoriamente, de investir em outros objetos, de produzir, ao seu modo. Porisso Freud recomenda aos analistas ter respeito à individualidade do paciente e, a despertar o poder de iniciativa do paciente, sem dar conselhos (1923a,304). É preciso que ele se torne apto para a vida (1905c,273). Entretanto a capacidade de sublimação, quanto à forma e à quantidade, varia demais em cada caso (1908c,201).

"O domínio do instinto pela sublimação, defletindo as forças instintuais sexuais de seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria e, mesmo assim de forma intermitente..." (1908c,198).

"Pessoas esperam que, depois da terapia, se transformasse em outro homem. Isto é subestimar a mudança interna dessa ordem. O neurótico curado tornou-se outro homem, embora, no fundo, permaneceu o mesmo; ou seja, tornou-se o que se teria tornado na melhor das hipóteses, sob as condições mais favoráveis. Isto é muita coisa" (1916,508).

O fim da análise corresponde à uma normalidade psíquica? A uma estabilidade? Sim, mas sendo esta entendida do mesmo modo como foi explicada no início deste trabalho, ou seja, essa normalidade não é estática, nem livre de qualquer conflito. No entanto, a intensidade deste não compromete um certo equilíbrio homeostático. O desenvolvimento marcado pelas fases libidinais são marcados por transformações que não são totais, no sentido de que a mudança não é súbita, nem há completo abandono da fase anterior (1937a).

Abordando esta mesma pergunta sob outro prisma: o final de análise impede o aparecimento de conflitos posteriores a ele? Para refletir sob esta possibilidade, Freud considerou dois pontos. O primeiro seria o de realizar um trabalho profilático, em análise, ativando conflitos que ainda não provocaram distúrbios, mas que poderão fazê-lo. Essa atividade seria despertada na realidade pela intervenção do psicanalista que, em lhe comunicando essa

possibilidade futura, chamaria sua atenção para ela. E isto seria provável, porém não produziria os efeitos desejados. Os conflitos não ativos podem até parecer ser interessantes, mas o paciente não o vivenciaria e nada aí chegaria a se modificar. Outra maneira de ocasionar esta ativação poderia ser tentada, sem apontar para algo da vida do paciente, mas utilizando a relação transferencial. Esta tentativa resultaria em nada. Como foi visto antes, a transferência só pode considerar ser provocada pelo analista, se entender por isto que ele dá margem a que ela se estabeleça. Não está no poder do analista criar situações transferenciais que surjam espontaneamente. O que ele conseguiria, provavelmente, seria ser percebido como inconveniente e intruso,_ o que não auxiliaria ao processo.

O segundo ponto seria se achar em condições de gerar novos sofrimentos, frustrações. Todavia, o papel do analista não é o de instigar o sofrimento, mas de lidar com aquele que o paciente traz e que tem raízes antigas. Freud é bem explícito em fazer notar que o analista não é um reformador, mas um observador (1916g,506).

Alguns casos também lhe chamaram atenção por apresentarem características que tornam o sucesso terapêutico duvidoso. Um deles refere-se a pessoas que manifestam, durante o processo, ter uma libido muito móvel. O que quer dizer que seu investimento não é estável e sua extrema capacidade de deslocar (ou impossibilidade de fazer um investimento por mais tempo) faz com que os resultados do processo também não sejam permanentes. Há um nivel 'ótimo' de plasticidade e de fixidez a que seu investimento não corresponde.

Outro caso é aquele de pessoas que apresentam adesividade da libido. "A tenacidade com que a libido adere as determinadas tendências e objetos _ o que se pode descrever como ' adesividade' da libido _ surge como fator independente, variando de indivíduo para indivíduo, e suas causas nos são praticamente desconhecidas; contudo, sua importância na etiologia das neuroses certamente não mais subestimaremos. Por outro lado, não devemos subestimar a complexidade dessa relação: uma ' adesividade' semelhante ocorre (por motivos desconhecidos), sob numerosas condições, em pessoas normais, e é encontrada como fator determinante em pessoas que são, em certo sentido, o oposto dos neuróticos _ nos pervertidos" (1916d,406-7). A pessoa se liga primitivamente a um objeto anormal e assim permanece para sempre. É o caso do fetichista

As situações que são elaboradas em análise envolvem questões sobre a barreira ao incesto. Ela pressiona a que se tenha de abandonar o objeto original, infantil. Mas todos os outros que se seguem são meros substitutos. "A psicanálise revelou-nos que quando o objeto original de um impulso desejoso se perde em conseqüência da repressão, ele se representa, freqüentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa" (1912c,171).

É esta busca de satisfação completa, narcísica que torna difícil a absorção de seu limite _ a sua própria sensação de incompletude, a procura de viver novas situações ou com novas pessoas. Muitos aí paralisam. "Os instintos do amor são difíceis de educar; sua educação ora consegue de mais, ora de menos. O que a civilização pretende fazer deles parece inatingível, a não ser à custa de uma ponderável perda de prazer; a persistência dos impulsos que não puderam ser utilizados pode ser percebida na atividade sexual, sob a forma de não-satisfação" (1912c, 172).

E as questões de amor, completude e incompletude são trabalhadas, no sentido de sua elaboração, através do manejo da transferência. São conflitos que costumam se mostrar como resistências transferenciais.

Para sair desta paralização, mais uma vez a relação transferencial é que presentifica as dificuldades e permite a sua ultrapassagem, isto é, a conscientização de possibilidades e de limitações.

Neste ponto, Freud assinala sua preocupação com o exercício da profissão de psicanalista, já independente ,de certa forma, do paciente. "Os sintomas não desaparecem à medida que o trabalho se processa, mas ao desfazer a relação paciente e médico" (1905,112). O retardamento da cura ou a sua melhora é viabilizada pela própria pessoa do médico.

4.4 Quando pode haver necessidade de retornar à análise?

Freud, com relação a seus atendimentos, escreve sobre um paciente que o procurou para voltar a fazer análise, devido ter passado por uma análise inacabada _ como foi o caso do jovem russo. Mas também refere-se à possibilidade de que novas situações de vida venham a provocar no-

vas reações patológicas (1933c,190).

"Em alguns casos, justifica-se que retomemos uma análise, muitos anos depois. A vida desenvolveu novas reações patológicas a novas causas precipitantes; mas, nesse ínterim, nosso paciente tinha estado bem. A primeira análise realmente não tinha trazido à luz todas as suas disposições patológicas, e era natural que a análise houvesse parado, uma vez obtido o êxito. Existem também pessoas gravemente prejudicadas que são mantidas sob supervisão analítica por toda sua vida e retornam à análise de tempos em tempos. Essas pessoas, não fosse dessa maneira, seriam, porém, totalmente incapazes de viver, e devemo-nos contentar com o fato de poderem manter-se sobrevivendo às suas próprias custas, por meio deste tratamento parcelado e recorrente" (1933c,190).

Quanto ao analista, ele se preocupa de que algo dele enquanto pessoa possa vir a prejudicar o seu manejo do processo psicanalítico. Se sua percepção se dá de inconsciente para inconsciente, a análise do psicanalista é fundamental para qualificá-lo para exercer sua profissão. E propõe que este volte a se analisar a cada cinco anos.(1937a).

> "E aqui gostaria de acrescentar que não penso poderem as nossas curas competir com as que se verificam em Lourdes. São muito mais numerosas as pessoas que crêem nos milagres da Santa Virgem, do que aquelas que acreditam na existência do inconsciente. Se nos voltarmos para os competidores deste mundo, devemos comparar o tratamento psicanalítico com outros tipos de psicoterapia. Mal se pode mencionar, aqui, os atuais métodos orgânicos de tratamento dos estados neuróticos. A análise, enquanto método psicoterapêutico, não se situa em oposição a outros métodos usados nesse ramo especializado da medicina; não lhes diminui o valor e nem os exclui. Não há nenhuma incoerência teórica se um médico, que gosta de se dizer psicoterapeuta, usa a análise em seus pacientes paralelamente a algum outro método de tratamento, segundo as peculiaridades do caso e as circunstâncias externas favoráveis ou desfavoráveis. É realmente a técnica que obriga à especialização na prática da medicina. Assim, a cirurgia e a ortopedia, do mesmo modo, foram obrigadas a separar-se. A atividade psicanalítica é árdua e exigente; não pode ser manejada como um par de óculos que se põe para ler e se tira

para sair a caminhar. Via de regra, a psicanálise possui um médico inteiramente, ou não o possui em absoluto. Aqueles psicoterapeutas que empregam a psicanálise, entre outros métodos, ocasionalmente, pelo que sei, não se situam em chão analítico firme; não aceitaram toda a análise, tornaram-na aguada _ mudaram-lhe a essência, quem sabe; não podem ser incluídos entre os analistas. Penso que isto é lamentável. Na prática médica, a cooperação entre um analista e um psicoterapeuta que se limita a outras técnicas, serviria a propósitos muito úteis" (1933c,186-7).

CAPÍTULO 5

LACAN: A TÉCNICA SÓ VALE QUANDO CONSIDERA A QUESTÃO FUNDAMENTAL DO ANALISTA

A teoria da técnica, desenvolvida nesta dissertação, não deve ser confundida com a prática da psicanálise. Uma é necessária à outra, embora não se restrinjam uma à outra. A teoria da técnica deve ser avaliada em cada caso específico. "Pois bem, nossa concepção teórica de nossa técnica, embora não coincida exatamente com o que fazemos, nem por isso deixa de estruturar, de motivar, a mais trivial de nossas intervenções sobre os denominados pacientes" (1983n,34).

E não haver identidade entre teoria da técnica e prática tem como fundamento o que Freud entendia por psicanálise."Para ele sempre se trata da apreensão de um caso singular... O progresso de Freud, seu descobrimento, está em seu modo de estudar um caso em sua sigularidade" (1983n,26). "Certamente, a análise como ciência é sempre uma ciência do particular, mesmo quando esses casos particulares, a partir do momento em que existe mais de um analista, se prestem, de todos os modos, a certa generalidade. Mas com Freud a experiência analítica representa a singularidade levada a seu limite, posto que ele estava construindo e verificando a própria análise" (1983n,40).

A conclusão a que se pode chegar é de que a teoria da técnica orienta o trabalho, porém não permite uma previsão exata do que vai acontecer durante o processo analítico. E até mesmo a tentativa de prever é vista como desaconselhável. "O analista opera deixando-se guiar pelos termos verbais utilizados pela pessoa que fala. Se Freud recomenda alguma coisa, é, ele o diz explicitamente, de não se precaver de qualquer idéia que seja; vocês podem encontrar um dia um caso totalmente diferente de tudo aquilo o que vocês puderam prever como classificável. Sigam o que vem da pessoa que vocês estão prestes a escutar" (1984f,17).

Mais ainda, a teoria lacaniana se interessa em esclarecer a sua compreensão sobre a especifidade do trabalho do psicanalista ao qual a técnica pretende viabilizar. "A técnica não vale, não pode valer a não ser na medida

em que compreendamos onde está a questão fundamental para o analista que a adota" (1983n,31).

5.1 Sujeito não se confunde com a noção de indivíduo

A atenção aqui se volta para o sujeito do inconsciente. "Com Freud irrompe uma nova perspectiva que revoluciona o estudo da subjetividade e mostra, precisamente, que o sujeito não se confunde com o indivíduo. Esta distinção, que lhes apresentei primeiramente no plano subjetivo, é também _ e talvez se trate do passo mais decisivo desde o ponto de vista científico _ acessivel no plano objetivo" (1983o,19). Ou seja, a psicanálise se dirige a um sujeito dividido e submetido ao inconsciente e não a alguém capaz de se integrar como um todo. Este sujeito dividido não fala da condição particular do neurótico e, sim, da própria existência do inconsciente que o determina. "O sujeito como tal, funcionando enquanto sujeito, é outra coisa e não um organismo que se adapta. É outra coisa, e para quem sabe ouví-la, toda sua conduta fala desde outra parte..." (1983o,19).

E é por ocupar-se de outra coisa que a psicanálise se diferencia das psicoterapias. "Psicoterapia sempre foi realizada sem que se soubesse muito bem o que se fazia, mas seguramente dando intervenção à função da palavra. Trata-se de saber se, na análise, a função da palavra exerce sua ação pela substituição do eu do sujeito pela autoridade do analista, se é subjetiva. A ordem instaurada por Freud prova que a realidade axial de um sujeito, como se segue fazendo em certa prática da análise das resistências, é sugestão, não é análise.

O sintoma, seja qual for, não fica propriamente resolvido quando a análise é praticada sem por em primeiro plano a questão de saber sobre o que deve recair a ação do analista, qual é o ponto de um sujeito, por assim dizer, ao que se deve apontar" (1983o,72).

A investigação psicanalítica almeja expressar a verdade do sujeito. E verdade não deve ser entendida como sinônimo de saber. Ao contrário, todo saber deve ser suspenso para se poder ter acesso à esta verdade. "Insisto no fato de que Freud avançava em uma investigação que não está marcada com o mesmo estilo que as outras investigações científicas. Seu campo é a verdade do sujeito. A investigação da verdade não pode ser inteiramente reduzida à investigação objetiva, e inclusive objetivamente, do método científico habitual. Trata-se da realização da

verdade do sujeito, como dimensão própria que deve ser isolada em sua originalidade em relação à noção mesma de realidade..." (1983o,39-40).

O sujeito procura um psicanalista para saber de algo sobre si mesmo e que, no entanto, ignora. Ele procura o analista para ajudá-lo nisso que ignora. Mas em que consiste esta ignorância? "Certamente se trata de uma noção dialética, pois só se constitui como tal na perspectiva da verdade. Se o sujeito não se situa com referência à verdade, não há então ignorância. Se o sujeito não começa a interrogar-se acêrca do que é e do que não é, então não há razão alguma para que haja algo verdadeiro e algo falso, e nem sequer para que, mais além, haja realidade e aparência" (1983n,248-9).

"Na análise, desde o momento em que comprometemos ao sujeito, implicitamente, em uma busca da verdade, começamos a constituir sua ignorância. Somos nós quem cria esta situação e, por conseguinte, dita ignorância" (1981,249). O que aparece como ignorância é compreendida em psicanálise como desconhecimento e decorre do processo de recalque.

"Desconhecimento não é ignorância. O desconhecimento representa certa organização de afirmações e negações às quais o sujeito está apegado. Não podemos pois conceber o desconhecimento sem um conhecimento correlativo. Se o sujeito pode desconhecer algo, tem que saber de algum modo em torno do que operou esta função. Atrás de seu desconhecimento tem que haver certo conhecimento do que tem que desconhecer" (1983n,249). O foco não se dirige a recuperar um saber objetivo, mas ao processo que gera o desconhecimento.

"Na análise, a verdade surge pelo representante mais manifesto do engano: o lapsus, a ação que impropriamente se chama *falha*.

Nossos atos falhos são atos que triunfam, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Uns e outras revelam uma verdade por trás. No interior do que se chama associações livres, imagens do sonho, sintomas, manifesta-se uma palavra que traz a verdade" (1983n,386). Aqui, a verdade é o que o inconsciente expressa.

5.2 O sujeito reconstrói sua história

Neste caso, o sujeito visa a se aproximar de algo concerne a ele mesmo, e o faz repensando a sua história. Para Lacan, esta história não se remete a um passado simplesmente a ser relembrado. Freud o teria demonstrado ao relatar o caso de uma paciente histérica. "Há um caso do qual Freud conhecia toda a história _ a mãe a havia contado. Então comunicou-a a sujeito, dizendo-lhe: *Eis aqui o que lhe aconteceu, eis aqui o que lhe fizeram.* A cada oportunidade a paciente, a histérica, respondia com uma pequena crise de histeria, reprodução da crise característica. Escutava e respondia com sua forma de resposta, que era seu sintoma" (1983n,63-4). E a paciente continuava a desconhecer o que lhe havia sido contado.

A psicanálise, então, não é um processo que pretenda recuperar, por assim dizer, uma biografia do paciente. Não, sua história passa a ser contada no futuro anterior: teria sido. "Precisamente, o passado e o porvir se correspondem. Não em qualquer sentido. Não no sentido em que vocês poderiam acreditar que a análise indica, isto é do passado ao porvir. Pelo contrário, justamente na análise, porque a técnica é eficaz, segue-se a boa ordem: do porvir ao passado. Poderiam vocês acreditar que estão buscando o passado do doente na lata de lixo, enquanto que ao contrário, é porque o doente tem um futuro que vocês podem seguir no sentido regressivo" (1983n,237-8).

"A história não é o passado. A história é o passado no presente, historizado no presente porque foi vivido no passado.

O caminho da restituição da história do sujeito adquire a forma de uma busca de restituição do passado" (1983n,27). Ele brota da pergunta do sujeito sobre si mesmo. "... ela concerne à sua história enquanto que ele a desconhece, e é isso o que expressa, muito apesar de si mesmo, através de toda sua conduta, na medida em que obscuramente busca reconhecê-la. Sua vida está orientada por uma problemática que não é o vivido, senão a de seu destino, isto é: o que significa sua história?" (1983o,71). A questão não é objetiva. Ela é particular.

"Direi, finalmente, de que se trata, se trata menos de recordar que de reescrever a história" (1983n,29). "O centro de gravidade do sujeito é esta síntese presente do passado que chamamos história" (1983n,63). Ela não se

refere ao passado. Ela é o que dá sentido ao presente e ao futuro.

Assim, o sujeito procura algo que lhe é desconhecido na própria vida. Algo que lhe surge como um enigma e que costuma se apresentar no princípio do tratamento sob a forma de um sintoma. "Uma palavra é matriz da parte desconhecida do sujeito, e esse é o nível próprio do sintoma analítico, nível descentrado com respeito à experiência individual, já que é o do texto histórico que o integra. E em conseqüência, é inquestionável que o sintoma só cederá ante uma intervenção que recaia sobre este nível descentrado. Toda intervenção que se inspire é uma reconstituição prefabricada, forjada a partir de nossa idéia do desenvolvimento normal do indivíduo e que aponte para sua normalização, fracassará" (1983o,71).

Lacan assinala a intenção de Freud: "Quer dizer que essencialmente, para ele, o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise, é a reintegração por parte do sujeito de sua história até seus últimos limites sensiveis, isto é, até uma dimensão que supera amplamente os limites individuais" (1983n,26).

O sujeito reescreve sua história na análise porque nela o que se considera é a realidade psíquica. Freud já o havia mencionado no seu primeiro trabalho sobre sonhos (1900). Para Lacan, dá-se o mesmo: "O fato de que uma coisa exista *realmente*, ou não, tem pouca importância. Pode perfeitamente existir em pleno sentido do termo, embora não exista realmente. Toda existência possui, por definição, algo de tão improvável que, com efeito, perpetuamente nos perguntamos sobre sua realidade" (1983o,343).

Realidade psíquica é o que gera consequências sobre o comportamento do sujeito, aquilo que ele toma como referência para sua ação.

5.3 A técnica se articula com o real, o simbólico e o imaginário

Para elucidar os pressupostos da questão da técnica, Lacan afirma: "Nada se pode compreender da técnica e da experiência freudianas sem estes três sistemas de referência" (1983n,119). Os três registros que funcionam como base da organização psíquica, ou seja, o real, o simbólico e o imaginário.

O texto básico freudiano onde Lacan buscou as noções que nortearam estes registros é o projeto de 1895. Ele elucida o caráter alucinatório do processo primário, quando o estado de desejo (de atração por reviver perceptivamente uma experiência prazeirosa) leva a um processo de descarga e, embora a almeje, não garante satisfação. O princípio do prazer não garante o prazer "... porque o objeto não é *real*, estando presente apenas como *idéia* imaginária" (1895,430). Neste caso, não se estabelece uma diferenciação entre percepção e idéia e, se os dois não coincidem no momento que está sendo vivido, o prazer não é alcançado, pois só a alucinação do objeto não o garante.

Ele introduz a noção de uma indicação de qualidade ou de realidade necessária para dirigir a percepção ao objeto externo para que se possa delinear a diferença que esta mantém da idéia. Se o objeto fôr muito intensamente investido, esta indicação de qualidade é desprezada e a descarga alucinatória acontece de modo inevitável. No entretanto, se a força do investimento não fôr tão grande, há a possibilidade de, através da indicação de realidade, inibir a descarga alucinatória e produzir uma percepção externa. Esta é a maneira de agir do processo secundário que, ao discriminar lembrança e percepção, pretende alcançar o prazer.

A partir daí poderão ocorrer três possibilidades. A primeira é a de que haja coincidência entre o investimento de desejo da imagem mnêmica e a percepção da mesma. Nesta situação não se coloca o problema de discriminação entre percepção e idéia. A segunda é a de que não haja inteira concordância entre o investimento de desejo e a percepção. Aqui a semelhança se torna pregnante e se transforma em identidade. A terceira é a de não haver nenhum ponto coincidente entre elas. "Nessas condições surgirá um interesse para *(re)conhecer* essa imagem perceptiva, de maneira que talvez se consiga encontrar, apesar de tudo, uma via entre ela e a mnem +". "Se a imagem perceptiva não fôr absolutamente nova, fará agora *recordar e evocará* uma imagem perceptiva mnêmica com a qual coinicida pelo menos em parte" (1895,437).

Se o objeto percebido vier a ser outro ser humano _ um objeto *semelhante* (nebensmensch) que "... foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório [do sujeito], seu primeiro objeto hostil e também sua única força auxiliar" (1895,438) _ por meio dele passará a se (re)conhecer, através dos traços e de outras percepções que se associem "... a lembranças de movimentos experimentados por ele mesmo. Outras percepções do objeto também _ se,

por exemplo, ele der um grito _ evocarão a lembrança do próprio grito [do sujeito] e, com isso, de suas próprias experiências de dor. Desse modo, o complexo do ser humano semelhante se divide em duas partes, das quais uma dá impressão de ser uma estrutura que persiste coerente como uma *coisa*, enquanto que a outra pode ser *compreendida* por meio da atividade da memória _ isto é, pode ser reduzida a uma informação sobre o próprio corpo [do sujeito]" (1895,438).

Para Lacan, o que se situa na organização psíquica como princípio lógico, mítico _ porque inalcançável _ é o registro do real. E, no centro deste real, _ como um motor que aí propaga energia para outros lugares _ encontra-se a Coisa, esta estrutura que Freud definiu como uma das partes do complexo do semelhante. A Coisa é a tradução do termo alemão das Ding que muitas vezes Lacan utiliza em seus textos.

Esse real inatingível é aquele que impulsiona o sujeito. O real "... é o impossível; quando alguma coisa se encontra caracterizada do impossível, é aí somente o real; quando se bate, o real, é o impossível de penetrar" (1984f,55-6). Lacan a ele se refere como "... o que retorna sempre ao mesmo lugar..." (1979,52). É o mais interior e, no entanto, percebido como exterior exatamente por não se ter acesso direto a ele. A ponto de ser marcado por essa sua ex-sistência (1984f). "Pois esse *das Ding* está justamente no centro, no sentido de estar excluído. Quer dizer que, na realidade, ele deve ser estabelecido como exterior, esse *das Ding*, esse Outro pré-histórico impossível de esquecer, do qual Freud afirma a necessidade da posição primeira sob a forma de alguma coisa que é *entfremdet*, alheia a mim, embora esteja no âmago desse eu, alguma coisa que, no nível do inconsciente, só uma representação representa" (1988,91).

Ele é a causa do comportamento do sujeito e não é passível de ser analisado, porquanto não é conceitual, sendo anterior ao estabelecimento do recalque (1979). É indizível. "Esta importante articulação nos indica que, na origem, para que o recalque seja possível, é preciso que exista um mais além do recalque, algo último, já constituído primitivamente, um primeiro nódulo do recalcado, que não só se reconhece, senão que, por não se formular, literalmente é *como se não existisse*; sigo aqui a Freud. Não obstante, em certo sentido, se acha em alguma parte posto que _ Freud o diz constantemente _ é o centro de atração que atrai para si todos os recalques ulteriores" (1983n,75).

Uma explicação mais ampla sobre o que é o real: "O sentido que o homem deu sempre ao real é o seguinte: o real é algo que voltamos a encontrar no mesmo lugar, tenhamos estado aí ou não. Talvez este real se tenha movido, porém se se moveu, é buscado em outra parte, indaga-se por que foi perturbado, também nos dizemos que as vezes se moveu por seu próprio movimento. Mas está sempre perfeitamente em seu lugar, estejamos ou não aí. E em princípio, salvo exceção, nossos próprios deslocamentos não exercem influência eficaz nessa mudança de lugar" (1983o,439). Ele é o que é externo, que sobra, mas que, ao mesmo tempo, a tudo dá sentido.

A importância do registro do real é a de que "Disso se trata no descobrimento freudiano: de um novo sentimento do homem. O homem, a partir de Freud, é isso" (1983o,188). Isso (ça) é a tradução francesa para o id da segunda tópica freudiana (das es, em alemão). Lacan aproveita esta palavra muitas vezes para dar mais de um sentido ao seu texto. "Isso é algo que, antes da prova dessa busca, estabelece seu termo, sua meta e sua visada. É isso que Freud designa para nós quando nos diz *que o objetivo primeiro e imediato da prova da realidade não é a de encontrar na percepção real um objeto que corresponde ao representado, mas reencontrá-lo, convencer-se de que ele ainda está presente*" (1988,68-9). "*Das Ding* deve, com efeito ser identificado com o *Wiederzufinden*, a tendência a reencontrar, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto" (1988,76).

"O Ding como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito. É sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação a que? _ ao mundo de seus desejos" (1988,69).

Das Ding é a mãe, como objeto do incesto (1988). Como tal é uma experiência que se torna proibida. A mãe é um objeto impossível e o sujeito só poderá reencontrá-la, de forma cega, enigmática. Deste modo, das Ding apresenta-se na experiência psíquica como a lei moral, arbitrária, enigmática (1988). Algo que foi marcado e gera conseqüências, porém que não se pode recuperar.

O sujeito, de princípio, não tem acesso direto nem ao bom, nem ao mau objeto. Ele mantém distância de das Ding, visto que este é originalmente fora-do-significado (1988). "Ele pode gemer, explodir, amaldiçoar, ele não entende _ nada aqui se articula, nem mesmo a metáfora.

Ele faz sintoma, como se diz, e esses sintomas são originalmente, sintomas de defesa" (1988,93-4). "O sintoma, é o sinal próprio da dimensão humana" (1984f,56). "O sintoma faz mesmo parte do inconsciente" (1984f,58). O sintoma demarca a instalação do recalque (1983d).

Essa experiência reguladora que mantém distância de das Ding faz com que o sujeito sempre procure reencontrá-lo, pois é ponto de atração. Através de sua postulação pode-se perceber como se dá a escolha da neurose. Na histeria há o objetivo de encontrar um objeto marcado como objeto de insatisfação. É em torno disso que a histérica se organiza, do desejo de insatisfação.

Já o neurótico obsessivo volta-se para um objeto que, ao contrário da histérica, lhe fez sentir prazer demais. Demais porque em excesso, ou seja, gerando desequilíbrio, quebra o limiar de homeostase, de prazer. Acabou por provocar dor. O obsessivo, então, se organiza em torno de um objeto a ser evitado e o faz atribuindo ao seu desejo a característica de ser impossível (1988).

O real é considerado um buraco, um nada, entretanto em torno dele algo se articula. Fica aí demarcado um corte, uma hiância entre o real e a linguagem que a partir dele vai ser articulada. O real permanece para além da linguagem, inacessível. "*Das Ding* é o que _ no ponto inicial, logicamente e, da mesma feita, cronologicamente, da organização do mundo no psiquismo _ se apresenta, e se isola, com o termo de estranho em torno do qual gira todo o movimento da *vorstellung*, que Freud nos mostra governado por um princípio regulador, o dito princípio do prazer, vinculado ao funcionamento do aparelho neurônico. E em torno deste *das Ding* que roda todo esse processo adaptativo, tão particular no homem visto que o processo simbólico mostra-se aí inextrincavelmente tramado" (1988,76).

Se o real é anterior ao recalque, é o chamado inconsciente que se organiza após o estabelecimento do recalque. É neste ponto de hiância, de falta, de divisão entre o real e o que ele afeta que surge o inconsciente. Esta é a explicação que fundamenta porque, em psicanálise, o sujeito não se confunde com o in-divíduo estudado pela psicologia. A divisão do sujeito é de estrutura; ela nunca será ultrapassada, por princípio.

A submissão do sujeito ao real traduz-se neste trecho que ressalta a falta de acesso e de controle do homem com relação ao mundo e a si mesmo: "O homem pensava que havia lugares que se conservavam, mas também acreditava

que sua ação teria que ver com a conservação dessa ordem. Durante muito tempo acreditou que seus ritos, suas cerêmônias _ o imperador abrindo o sulco da primavera, as danças da primavera, que garantem a fecundidade da natureza _, suas ações ordenadas e significativas _ ações no verdadeiro sentido, o de uma palavra _, eram indispensáveis para a manutenção das coisas em seu lugar. Não pensava que o real se desvaneceria se ele não participasse dessa forma ordenada, mas pensava que o real se alteraria. Não pretendia fazer a lei, pretendia ser indispensável para a permanência da lei. Definição importante, porque em verdade salvaguarda perfeitamente o rigor da existência do real.

O limite foi franqueado quando o homem se considerou que seus ritos, danças e invocações, em verdade nada tinham que ver com essa ordem. Tem razão ou está equivocado? Nada sabemos disso. Mas é indiscutível de que já não possuimos a antiga convicção. Desde esse momento nasceu a perspectiva da ciência exata.

A partir do momento em que o homem pensa que o grande relógio da natureza funciona só, e que segue marcando a hora até quando ele não se encontre aí, nasce a ordem da ciência. A ordem da ciência apóia-se em que, de oficiante da natureza, o homem passou a ser seu oficioso. Não a governará salvo obedecendo-a. E igual ao escravo, tenta sobrevir a seu amo sob sua dependência servindo-lhe bem" (1983o,440).

O real antecede aquilo que se pode denominar propriamente de humano. "Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em termos de oposição. A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas e as modelam" (1979,26). "... antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí _ isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador" (1979,26). O sujeito é determinado antes da linguagem que lhe possibilita tornar-se humano.

É em função da conquista da linguagem que se pode perguntar pelo que havia ali antes. Por este motivo o real não se refere a um não-conceito, porém ao conceito da falta (1979).

"Um nome, por mais confuso que seja designa uma determinada pessoa e nisso consiste exatamente o passo ao humano. Se devemos definir em qual momento o homem torna-se humano, digamos que é quando, assim seja minimamente, entre na relação simbólica" (1983n,235).

"Mas o sujeito está aí para ser reencontrado, *aí onde estava*... o real" (1979,47). Ou seja: "*Lá onde estava*, o Ich _ o sujeito e não a psicologia _ o sujeito deve advir" (1979,48). Acontece como o grito que faz surgir o silêncio (1979,31). "A Coisa só se apresenta a nós na medida em que ela acerta na palavra, como se diz *acertar na mosca*" (1988,72). Esta é uma referência direta ao fato de que o sujeito fala mais do que acredita estar falando e é isso que o analista pretende ouvir.

Desde o seu nascimento, a experiência analítica deu grande importância ao uso da palavra. "Freud _ secundado pelo sujeito, mas se a coisa funciona é, em rigor porque o sujeito fala _, é o primeiro a dar-se conta de que um número tirado do chapéu rapidamente fará sair coisas que retrocedem o sujeito ao momento em que se deitou com sua irmãzinha, e inclusive ao ano em que foi mal em seu exame de bacharelado porque essa manhã havia se masturbado. Se admitimos estas experiências, é preciso propor que o acaso não existe. O sujeito não pensa nos símbolos e entretanto estes seguem se superpondo, copulando, proliferando, fecundando-se, saltando em cima, afastando-se. E quando vocês tiram um, podem projetar sobre ele uma palavra desse sujeito inconsciente do qual falamos" (1983o,277).

O paciente conta um sonho e Freud desconfia de que ali haja algum sentido. Ele desconfia da dúvida do sonhador sobre seu sonho. E também da estranheza do ato falho, do chiste. "Isto nos mostra que Freud coloca certeza, *Gewissheit*, somente na constelação dos significantes, tal como eles resultam da narrativa, do comentário, da associação, pouco importando a retratação. Tudo vem a fornecer significante, com o que ele conta para estabelecer sua própria *Gewissheit* _ pois eu sublinho que a experiência só começa com o encaminhamento dela " (1979,47).

O sujeito do inconsciente se expressa por meio dos significantes. Aqui se trata do trabalho analítico, sendo que a lingüística é usada como apoio, analogia ao que sucede aí. Tanto que Lacan considera que "lingüisteria" seria sua melhor denominação (1982).

"O significante é uma dimensão que foi introduzida pela lingüística. A lingüística, no campo em que se produz a

fala, não é algo espontâneo. Um discurso a sustem, que é o discurso científico. Ela introduz na fala uma dissociação graças à qual se funda a distinção do significante e do significado. Ela divisa o que no entanto parece espontâneo. É que, quando falamos, isso significa, isso comporta o significado e, ainda mais, até certo ponto, isso só se suporta pela função de significação.

Distinguir a dimensão do significante só ganha relevo ao se colocar que o que vocês entendem, no sentido auditivo do termo, não tem nenhuma relação com o que isso significa" (1982,42).

"A lingüística não só distinguiu um do outro, o significante e o significado. ... é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante.

Distingue-se aí algo que não passa de efeito do discurso, do discurso enquanto tal, quer dizer, de algo que já funciona como liame" (1982,47).

"O significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame" (1982,43).

A palavra surge como "Revelação, e não como expressão: o inconsciente só se expressa mediante uma deformação, *Entstellung*, distorção, transposição" (1983n,82-3). "Pois a função da linguagem não é informar, senão evocar" (1983a,117).

"Este último verão escrevi *Função e campo da palavra e da linguagem* sem empregar aí de propósito o termo expressão, pois toda a obra de Freud se desdobra no sentido da revelação, não no da expressão. A revelação é a mola última do que buscamos na experiência analítica" (1983n,82-83).

"O que nos interessa é o tecido que engloba essas mensagens, é a rede na qual, eventualmente, algo se deixa pegar" (1988,47).

Não só o sujeito fala mais do que pretende. Ao tentar dar conta, contar sobre si mesmo, o sujeito não consegue falar tudo (1982). Sempre algo sobra da sua experiência que não se traduz nas palavras. Ou seja, o simbólico não

coincide com o real e algo resta. O sujeito está sempre para além dos significantes, mas aludido por estes. Assim é que o sujeito é o que desliza entre um significante e outro. "O sujeito não é outra coisa _ quer ele tenha ou não consciência de que significante ele é feito _ senão o que desliza numa cadeia de significantes. Este efeito, o sujeito, é o efeito intermediário entre o que caracteriza um significante e outro significante, isto é, ser cada um, ser cada qual, um elemento" (1982,68). "O significante, eu disse, se caracteriza por representar um sujeito para outro significante" (1982,68). O sujeito do inconsciente surge entre um significante e outro, mas logo desaparece.

"Quando se fala do significado, pensa-se na coisa, quando em realidade se trata da significação. Não obstante, cada vez que falamos, dizemos a coisa, o significável, mediante um signficado. Aqui existe um engano, pois obviamente a linguagem não é feita para designar as coisas. Mas este engano é estrutural na linguagem humana e, em certo sentido, a verificação de toda verdade está fundada nela" (1983n,358). Eis o ponto de diferenciação e de articulação entre o registro do real e o do simbólico.

Para elucidar sobre o registro do imaginário, é bom voltar ao projeto (1895) e verificar que, quando Freud relata o complexo do semelhante, além da estrutura a que denomina de coisa, faz referência a uma outra parte que se desenvolve deste complexo e que se reduz a uma informação sobre o próprio corpo do sujeito.

"A referência ao corpo, primeiro. Pode-se perceber , para a análise, que do corpo ela só apreende aquilo que há de mais imaginário.
Um corpo, isso se reproduz por uma forma.
Forma que se manifesta nisso que este corpo reproduz, subsiste e funciona por si mesmo.
De seu funcionamento, nós não temos o menor indício.
Nós o apreendemos como forma.
Nós o apreciamos como tal, por sua aparência.
Esta aparência do corpo humano, os homens a adoram.
Eles adoram em suma uma pura e simples imagem.
Comecei a acentuar o que Freud chama de narcisismo, *id* é o nó fundamental que faz com que, para se dar uma imagem daquilo que ele chama o mundo, o homem o concebe como esta unidade de pura forma que representa para ele o corpo.

A superfície do corpo, é daí que o homem tomou a idéia de uma forma privilegiada. E sua primeira apreensão do

mundo foi a apreensão de seu semelhante" (1984f,54).

"É um ponto que acredito ter contribuído pessoalmente para esclarecer ao conceber a dinâmica chamada de *estadio do espelho*, como consequência de uma prematuração do nascimento, genérica no homem, do qual resulta no momento assinalado a identificação jubilosa do indivíduo ainda assim *infante* com a forma total na qual se integra esse reflexo de nariz, ou seja com a imagem de seu corpo ..." (1983b,170).

"O homem se apreende como corpo, como forma vazia do corpo, em um movimento de básculo, de intercâmbio com o outro. Do mesmo modo, aprenderá a reconhecer invertido no outro tudo o que nele está então em estado de puro desejo, desejo originário, inconstituído e confuso, desejo que se expressa no vagido da criança. Aprenderá, pois ainda não o aprendeu, tão só quando coloquemos em jogo a comunicação.

Esta anterioridade não é cronológica senão lógica, não fazemos mais do que deduzí-la. Nem por isto é menos fundamental; permite-nos distinguir os planos do simbólico, o imaginário e o real, sem os quais não podemos progredir na experiência analítica, salvo utilizando expressões confinamos com a mística.

Antes que o desejo aprenda a se reconhecer _ pronunciamos agora a palavra _ pelo símbolo, só é visto no outro.

Na origem, antes de uma linguagem, o desejo só existe no plano único da relação imaginária do estadio especular; existe projetado, alienado no outro" (1983n,253).

"Como o observa muito justamente um poeta engenhoso, o espelho faria bem em ser um pouco mais reflexivo antes de devolver-nos nossa imagem. Por este momento o sujeito todavia não viu nada. Mas apenas a mesma captura se reproduz ante o nariz de um de seus semelhantes,... E assim, como todo o resto que temos, mãos, pés, coração, boca, inclusive os olhos, ... Concentração!, quer dizer chamada ao poder dessa imagem da qual se regozijava da lua de mel do espelho, a essa união sagrada da direita e da esquerda que se afirma nela, por muito transtornada que pareça se o sujeito se mostra com mais atenções" (1983b,171).

E eis que a imagem é que faz com que surja o desejo. "O sujeito localiza e reconhece originariamente o desejo por intermédio não só de sua própria imagem, mas também do corpo de seu semelhante. Exatamente nesse momento,

isola-se no ser humano a consciência enquanto consciência de si. Porque reconhece seu desejo no corpo do outro o intercâmbio se efetua. É porque seu desejo passou do outro lado que ele se assimila ao corpo de um outro, e se reconhece como corpo" (1983n,223).

"O que reconhece e fixa nessa imagem do outro é um desejo fragmentado. O aparente domínio da imagem do espelho lhe é dada, virtualmente ao menos, como total. É um domínio ideal" (1983n,224).

Portanto, para Lacan, o ego é um desconhecimento (1983n). Essa noção totalizante de um ego que é corporal é apreendida ilusoriamente através do semelhante e não de sua própria experiência. O infante toma esta sua imagem que vem do semelhante como seu ideal. O seu desejo está no outro e depende do outro.

"Nesta relação, o desejo de um sujeito só se pode confirmar em uma competição, em uma rivalidade absoluta com o outro pelo objeto para o qual tende. Cada vez que nos aproximamos, em um sujeito, a esta alienação primordial, é gerada a agressividade mais radical, o desejo de desaparecimento do outro, enquanto o outro suporta o desejo do sujeito.

Entretanto, graças a Deus, o sujeito está no mundo do símbolo, quer dizer em um mundo de outros que falam. Seu desejo pode passar então pela mediação do reconhecimento. Se não fosse assim, toda função humana se esgotaria na ligação indefinida da destruição do outro como tal.

Inversamente, cada vez que, no fenômeno de um outro, surge algo que permite de novo ao sujeito voltar a projetar, voltar a completar, a *nutrir* _ como disse Freud em algum lugar _ a imagem do *Ideal-Ich*, cada vez que de modo analógico volta a se produzir a assunção de júbilo do estadio do espelho, cada vez que o sujeito é cativado por um de seus semelhantes, o desejo retorna então ao sujeito. Mas retorna verbalizado" (1983n,254). É no outro e pelo outro que o desejo é nomeado (1983n).

"Com efeito, como podem ver, os desejos da criança passam primeiro pelo outro especular. Aí é aonde são aprovados ou reprovados, aceitos ou repelidos. Este é o caminho por onde a criança aprende a ordem simbólica e acede a seu fundamento: a lei" (1983n,265). Lei esta que passa a mediar todo o seu comportamento,o seu caminho.

Vale a pena aqui desfazer uma confusão costumeira entre o que se entende por agressividade e o que se entende

por agressão. "É preciso aprofundar a noção de agressividade que utilizamos de forma um tanto grosseira. Acredita-se que a agressividade é a agressão. Entretanto, não tem nada que ver uma com a outra. Só em seu limite, virtualmente, a agressividade se resolve em agressão. Mas a agressão nada tem que ver com a realidade vital: é um ato existencial vinculado a uma relação imaginária" (1983n,263).

Agora se pode elucidar a articulação do simbólico ao imaginário: "Em outros termos, a relação simbólica define a posição do sujeito como vidente. A palavra, a função simbólica, define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação do imaginário. A distinção se efetua nesta representação entre o Ideal-Ich e o Ich-Ideal, entre eu ideal e ideal de eu. O ideal do eu dirige o jogo de relações das quais depende toda relação com o outro. E desta relação com o outro depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária" (1983n,214).

"O *Ich-Ideal*, enquanto aquele que fala, pode chegar a situar-se no mundo dos objetos no nível de *Ideal-Ich*, ou seja, no nível de onde se pode produzir essa captação narcísística..." (1983n,215). "No amor se ama ao próprio eu, ao próprio eu realizado a nivel imaginário" (1983n,216).

"O amor é um fenômeno que ocorre no nível do imaginário, e que provoca verdadeira subdução do simbólico, algo assim como uma anulação, uma perturbação da função do ideal do eu. O amor volta a abrir as portas _ como escreve Freud sem rodeios _ à perfeição" (1983n,215). Objeto e eu ideal se equivalem neste caso.

E quanto à articulação do imaginário ao real? O espelho aí apresenta dupla função. A imagem enganadora encobre o vazio do real. São os engodos do semelhante, as ilusões, pois o eu mesmo, aquilo que sou no fundo, no fundo, é o vazio.

"É um espelho para além do qual é apenas por acidente que se projeta o ideal do sujeito. O espelho, num dado momento, pode implicar os mecanismos do narcisismo e, nomeadamente, a diminuição destrutiva, agressiva, que reencontramos em seguida. Mas ele desempenha um outro papel _ um papel de limite. Ele é aquilo que não se pode transpor. E a organização da inacessibilidade do objeto é justamente a única coisa da qual ele participa. Mas ele não é o único que participa disso" (1988,188). Como foi visto antes, o simbólico também tem aí uma partici-

pação especial.

E de que maneira o imaginário encobre o real? "Os objetos reais, que passam por intermédio do espelho e através dele, estão no mesmo lugar que o objeto imaginário. O próprio da imagem é a carga pela libido. Chama-se carga libidinal àquilo pelo qual um objeto torna-se desejável, quer dizer, aquilo pelo qual se confunde com essa imagem que levamos em nós mesmos, de diversos modos, e de forma mais ou menos estruturada" (1983n,214).

"Para que haja ótica é preciso que a cada ponto dado no espaço real lhe corresponda um ponto, e só um, em outro espaço que é o espaço imaginário" (1983n,124).

"Significa que, na relação entre o imaginário e o real, e na constituição do mundo que dela resulta, tudo depende da situação do sujeito. A situação do sujeito ... está caracterizada essencialmente por seu lugar no mundo simbólico; dito de outro modo, no mundo da palavra. Deste lugar depende que o sujeito tenha ou não direito a chamar-se *Pedro*" (1983n,130). Já que é o registro do simbólico que diferencia o ser humano do animal.

E como ficam, então, as relações entre o inconsciente e o eu? "O inconsciente escapa por completo ao círculo de certezas mediante as quais o homem se reconhece como eu. É fora deste campo aonde existe algo que possui todo o direito de expressar-se por eu (je), e que demonstra este direito na circunstância de ver a luz expressando-se a título de eu (je). O que em análise vem a formular-se como, falando com propriedade, o eu (je) é precisamente o mais desconhecido pelo campo do eu" (1983o,18).

"Por enquanto nos limitaremos a esta metáfora tópica: o sujeito está descentrado com respeito ao indivíduo. *Eu é outro* quer dizer isso" (1983o,20).

Neste contexto, o eu tem um sentido muito particular. ". .. o eu não é o eu (je), não é um êrro, no sentido que a doutrina clássica faz dele uma verdade parcial. É outra coisa, um objeto particular no interior da experiência do sujeito. Literalmente, o eu é um objeto: um objeto que cumpre uma determinada função que aqui denominamos função imaginária" (1983o,73).

Explicitados os três registros que determinam o funcionamento psíquico do sujeito, dentro das referências da teoria lacaniana, pode-se passar a elaborar as questões técnicas que organizam a atitude do psicanalista frente a este sujeito. Como se caracteriza o início de um processo psicanalítico?.

CAPÍTULO 6

NÃO HÁ JOGO SE NÃO HÁ PERGUNTA

O início do processo analítico ocorre a partir de um pedido que possibilita o estabelecimento de uma relação muito particular. Lacan liga a procura de análise com o que acontece na relação de troca comercial. "Logrei em suma o que no campo do comércio ordinário quiseram poder realizar tão facilmente: com oferta, criei demanda" (1983c,248). Isto não vem ao acaso. Para ele, é importante sublinhar o começo de uma ligação baseada na troca e que se deve traduzir a nível psíquico.

E como acontece essa demanda dos pacientes? "Trata-se de os fazer entrar pela porta, que a análise seja uma soleira, que aí haja para eles uma verdadeira demanda. Esta demanda: de que eles querem ser desembaraçados? Um sintoma" (1984f,32). O que estabelece a lei da troca na análise é uma oferta de trabalho do analista à qual interessa ao paciente e o faz demandar que o alivie de algo que lhe perturba, incomoda. "Eu ponho o acento sobre a demanda. É preciso com efeito que qualquer coisa empurre. E este só pode ser melhor que se conhecer; quando alguém me demanda isto, eu o recuso" (1984f,33). Alguma questão importante para o sujeito deve aí ser formulada porque só assim ela pode ter força para funcionar como detonadora, impulsionadora do processo.

"Em outros termos, não há jogo se não há pergunta, e não há pergunta se não há estrutura. A pergunta está composta, organizada, pela estrutura" (1983o,289). A pergunta não é qualquer uma. Ela diz respeito à verdade do sujeito. "A estrutura é o real que sai a reluzir na linguagem" (1984f,48).

"O sintoma se nos apresenta primeiro como um sinal, que nunca será mais que um sinal, e que sempre permanecerá incompreendido até o momento em que a análise tenha avançado suficientemente, e até o momento em que tenhamos compreendido seu sentido" (1983n,239-40). O sintoma faz referência à verdade do sujeito. E o analista escuta este pedido dentro deste contexto.

6.1 A demanda se articula com o desejo

"E, por outro lado, muito particular, como é nosso trabalho de todos os dias, ou seja, a maneira pela qual temos de responder na experiência ao que lhes ensinei a articular como uma demanda, demanda do doente à qual nossa resposta confere uma significação exata _ uma resposta da qual devemos conservar a mais severa disciplina para não deixar adulterar o sentido, em suma profundamente inconsciente, dessa demanda" (1988,10). A demanda tem um sentido inconsciente e é em sua direção que se volta o analista, para isso, para a outra coisa que está nisso que o sujeito fala. "A demanda está para além e para aquém de si mesma. Ao articular com o significante, ela demanda sempre outra coisa _ o desejo se forma como o que suporta esta metonímia" (1988,353). Quer dizer que, é necessária uma disciplina para que o analista, através da demanda que se esboça desde o princípio dessa relação, aí perceba a marca do desejo.

"Assim o analista é aquele que apóia a demanda, não como se costuma dizer para frustrar o sujeito, senão para que reapareçam os significantes aos quais sua frustração está referida" (1983c,250). O objetivo não é suscitar a demanda para depois vir a não satisfazer ao paciente, mas é para lhe revelar o sentido inconsciente.

Onde há frustração, há o movimento do desejo. É em torno dele que o analista trabalha. A demanda o traz embutido. "A importância de preservar o lugar do desejo na direção da cura necessita que se oriente esse lugar com relação aos efeitos da demanda, únicos que se concebem atualmente no princípio do poder da cura" (1983c,265).

Entretanto, muitos ainda confundem a necessidade _ voltada para o movimento de reequilibrar o organismo _ com a demanda _ que está atrelada a um sentido inconsciente. "O que são as necessidades? As necessidades são algo efetivamente vinculado ao organismo e que se distingue muito bem do desejo" (1983o,165).

"É também, paixão de ser, o que evoco toda demanda mais além da necessidade que se articula nela, e é sem dúvida aquilo de que o sujeito fica privado, tanto mais propriamente quanto mais satisfeita fica a necessidade articulada na demanda.

Mais ainda, a satisfação da necessidade não aparece ali senão como o engano contra o qual se choca a demanda de

amor, enviando o sujeito ao sonho aonde habita o limbo do ser, deixando-lhe no falar" (1983c,259). A diferença entre essas duas situações fica patente justo quando se quer satisfazer algo da ordem do desejo com meios que dizem respeito à uma insatisfação da necessidade. O resultado se torna nulo, justamente porque se confundiu, no falar, no pedido, desejo com necessidade.

Este é, num exemplo muito comum, o caso da pessoa que procura varios médicos sem sucesso em relação ao seu mal-estar ou sintomas orgânicos, ou que acha que ainda vai descobrir um comprimido que a tudo vai aliviar e de modo rápido, ou que vai passar a dormir mais cedo e regrar mais a sua vida e tudo assim voltará ao seu lugar, ou que tudo vai se resolver se vier a se separar do marido ou dele receber uma pensão maior, ou, ao contrário, se tiver mais um filho, etc. Estas situações muitas das vezes antecedem ou reaparecem durante o processo analítico, tentando atribuir às necessidades que podem ser objetivamente modificadas a característica de solução para frustrações ligadas ao que o sujeito gostaria de ser, ser amado, pelos outros, por si mesmo.

O importante é que o analista é quem não deve se confundir. "O mundo freudiano não é um mundo de coisas, não é um mundo do ser, é um mundo do desejo como tal" (1983o,333).

E o que é o desejo? "O desejo é uma relação de ser a falta. Esta falta é, falando com propriedade, falta de ser. Não é falta disso ou daquilo, senão falta de ser pela qual o ser existe" (1983o,334). É a sensação de privação que acaba por se localizar, fora ou no seu próprio ser, mas diz respeito ao desejo.

O analista não ter esta distinção esclarecida cria-lhe conseqüências práticas, como acreditar que o trabalho a partir da sugestão é o mesmo que o realizado desde a perspectiva da transferência. "Em se pretendendo frustrante ou gratificante, toda resposta à demanda em análise reduz nela a transferência à sugestão.

Há entre transferência e sugestão, este é o descobrimento de Freud, uma relação, e é que a transferência é também uma sugestão; mas uma sugestão que não se exerce senão a partir da demanda de amor, que não é demanda de nenhuma necessidade" (1983c,266). Se a demanda é sempre demanda de amor, o terapeuta, a partir da sugestão, responde no sentido de ajudar a pessoa a se sentir amada. Esta atitude impossibilita a percepção do que é mesmo que lhe traz insatisfação. É ao engano que ele alimenta,

a essa ilusão que visa a não querer saber do desejo e que pode acarretar a dependência ao terapeuta ou o retorno do mesmo tipo de insatisfação, embora a forma possa até modificar, num curto tempo.

6.2 Desatar as amarras da palavra

"A medida em que se desenvolve uma análise, o analista tem que se ver sucessivamente com todas as articulações da demanda do sujeito. Mas além disso ... não deve responder ante ela senão da posição da transferência" (1983c,250). Pois as demandas se sucedem durante o processo. E é aí que "Pelo intermediário da demanda, todo o passado se entreabre até o fundo do fundo da primeira infancia.

Pois se o amor é dar o que não se tem, é bem certo que o sujeito pode esperar que se lhe dê, posto que o psicanalista não tem outra coisa que lhe dar." (1983c,249).

"Há, na relação analítica, dois sujeitos vinculados por um pacto. Este pacto se estabelece em niveis muito diversos, e inclusive com começo muito confusos. Nem por isso deixa de ser essencialmente um pacto. E fazemos todo o necessário, mediante regras prévias, para estabelecer claramente esse caráter no começo.

No interior desta relação, trata-se primeiro de desatar as amarras da palavra. Em seu modo de falar, em seu estilo, em seu modo de dirigir-se ao interlocutor, o sujeito está liberado dos laços. Não só de cortesia e bons modos, mas inclusive de coerência. Soltam-se algumas das amarras da palavra. Se consideramos que existe um laço estreito, permanente, entre a forma na qual se expressa, se faz reconhecer seu sujeito e a dinâmica efetiva, vivida, de suas relações desejantes, devemos nos dar conta de que isto só introduz então, na relação no espelho com o outro certa não inserção, certa flutuação, uma possibilidade de oscilações.

Eis porque existe meu pequeno modelo.

Para o sujeito, a não inserção de sua relação com o outro faz variar, espelhar, oscilar, completar e des-completar a imagem de seu eu. Trata-se de que a perceba em sua completude, à qual nunca teve acesso, para que possa reconhecer todas as etapas de seu desejo, todos os objetos que trouxeram à esta imagem sua consistência, seu alimento, sua encarnação. Trata-se de que o sujeito

constitua mediante reposições e identificações sucessivas, a história de seu eu.

A relação falada, flutuante, com o analista tende a produzir na imagem de si variações suficientemente repetidas, suficientemente amplas, mesmo quando sejam infinitesimais e limitadas, como para que o sujeito perceba as imagens cativantes que se encontram na base da constituição de seu ego.

Falei de pequenas oscilações. No momento não necessito estender-me sobre o que constitui sua pequenez. Produzem-se evidentemente freiadas, demoras, que a técnica nos ensina a franquear, a acumular, inclusive as vezes a reconstruir. Freud nos proporcionou indicações neste sentido.

Semelhante técnica produz no sujeito uma relação de espelhismo imaginário consigo mesmo mais além do que lhe permitem obter suas vivências cotidianas...

A ruptura das amarras da palavra permite que o sujeito veja, ao menos sucessivamente, as diversas partes de sua imagem, e que obtenha o que chamamos uma projeção narcisista máxima" (1983n,268-269).

Os três registros da organização psíquica esclarecem os pontos sobre os quais giram todo o processo psicanalítico. Porisso a técnica tem que dar conta deles.

6.3 A palavra aponta para os registros do simbólico e do imaginário

O que dá sentido à regra fundamental é que, assim como o paciente fala para o analista, o sujeito também se constituiu na relação com outro campo diferente dele mesmo. Este outro campo que o organizou como humano é denominado de grande Outro (ou escrito simplesmente de Outro, ou pela letra *O*). Este Outro designa o lugar, externo ao sujeito, aonde se situa a cadeia de significantes, que se organiza além dele, simbolicamente. "Trata-se desta outra ordem evocada, invocada cada vez que o sujeito fala, articula alguma coisa" (1986,43).

Ele se diferencia do pequeno outro (ou simplesmente outro, ou pela letra *o*), seu semelhante, com o qual o sujeito se confunde no plano imaginário.

"Se o sujeito é o que lhes ensino, a saber, o sujeito

determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante" (1983n,187).

Traço unário é o nome dado a este primeiro significante, indizível, através do qual o sujeito começa a se alienar no campo do Outro. "Mas por este fato mesmo, isto _ que não era nada senão sujeito por vir _ se coagula em significante " (1979,187). O sujeito só pode aparecer através do significante, porém fica eclipsado por este, pois não está todo aí.

Ele recebe um nome, por exemplo, que o introduz num mundo além dele, numa determinada família, numa determinada cultura. Se é esse nome ou o que ele traz de investimento que começa a lhe dar oportunidade de se organizar como humano, por outro lado, ele não expressa que também o restringe a isso. O significante acaba por apontar a divisão do sujeito. Isto porque "... só funciona como significante reduzido o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito" (1979,197). Afinal, como foi visto, não há correspondência entre real e simbólico.

Chama-se *alienação* a esta operação que funda o sujeito e, paradoxalmente, marca seu desaparecimento sob o significante. Esta é a estrutura de todas as formações do inconsciente.

"Por um lado, o inconsciente ... é algo negativo, idealmente inacessível. Por outro lado, é algo quase real. Por último, é algo que se realizará no simbólico ou, mais exatamente algo que, graças ao processo simbólico na análise, *terá sido*" (1983n,239). Ele é simbolizado, falado, depois de já ter ocorrido.

Parte do sujeito se liga ao significante unário e parte resta, desaparece. O recalque que incide sobre o significante seguinte _ o significante binário _ causa deste desaparecimento. O sujeito desaparece, quer dizer, é recoberto, entre um significante e outro. Este segundo significante dá margem ao deslizamento da cadeia de significantes e proporciona o saber _ a afirmação de quem o sujeito diz ser. A verdade desaparece sob o saber (1979). E o que se expressa como inconsciente não faz sentido, aparece como duvidoso, diante do saber consciente.

A operação de alienação recobre duas faltas: aquela em

que o sujeito se funda no campo do Outro, através do significante e, a falta real, anterior, indizível, que assim fica encoberta (1979). Este desaparecimento, *afânise*, é causado pela falta de reciprocidade entre o real e o significante.

A segunda operação de encobrimento do sujeito é chamada de *separação*. "Pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido no balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem de lidar, ponhamos, para ilustrá-lo, a mãe no caso. É no que seu desejo está para além ou para aquém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que constitui o desejo do sujeito. O sujeito _ por um processo que não deixa de conter engano, que não deixa de representar essa torção fundamental pela qual o sujeito reencontra não é o que anima seu movimento de tornar a achar _ retorna então ao ponto inicial, que é o de sua falta como tal, da falta de sua *afânise*" (1979,207). Ao fazer o movimento de torção, de retorno, o sujeito faz com que a falta no Outro recubra a sua.

"Aqui os processos devem, certamente, ser articulados como circulares entre o sujeito e o Outro _ do sujeito chamado ao Outro, do Outro que lá retorna. Esse processo é circular, mas, por sua natureza, sem reciprocidade. Por ser circular, é dissimétrico" (1979,196). Aí se estabelece um engano de que há complementariedade.

"Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável _ *ele me diz isso, mas o que é que ele quer?*" (1979,203). A falta sentida pelo sujeito é procurada no intervalo entre os significantes que o Outro utiliza. O desejo, falta de ser, é buscado mais além das palavras do Outro. O desejo do homem é o desejo do Outro (1979). Dentro deste contexto é que emerge a dialética dos objetos de desejo. A busca, o futuro, está marcado por uma imagem do passado (1979).

Lacan toma esta sensação de perplexidade e de incoerência de quando alguém comete um ato falho ou tem um sonho absolutamente sem nexo, por exemplo, e, ao cabo de um momento costuma agir como se dissesse: é uma besteira! E

se é besteira, incompreensível, sem sentido, melhor deixar prá lá. No entretanto, são essas besteiras, que fazem sentido em outro contexto, inconsciente, que são importantes para a análise.

"A questão é de que o discurso analítico introduz um adjetivo substantivado, a besteira, no que ela é uma dimensão, em exercício, do significante" (1982,32).

"É com essas besteiras que vamos fazer a análise, e que entramos no novo sujeito que é o do inconsciente. É justamente na medida em que ele não quer mesmo mais pensar, o homenzinho, que se saberá talvez um pouco mais dele, que se tirará algumas conseqüências dos ditos _ ditos de que não podemos nos desdizer, é a regra do jogo" (1982,33).

"Se acreditam que ele pode se revelar todo, pois aí caem: tudo não se pode. Isso quer dizer que uma parte não se revelará nunca.

Disso precisamente alardeia a religião. E é o que dá seu amparo à Revelação de que se prevalece para o explorar.

Quanto à psicanálise, sua proeza, é explorar o mal-entendido pelo mal-entendido. Tendo, ao cabo, uma revelação que é de fantasma" (1981,6). Ele entende que em psicanálise se realiza uma praxis, "... uma ação realizada pelo homem, qualquer que seja ela, que o põe a tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário" (1979,14). E diante desta explicação é que se pode perceber porque a psicanálise, para Lacan, faz fronteira entre a religião _ que determina o que existe mais além _ e a filosofia _ que se questiona sobre o ser.

"Se algo significa a psicanálise, é que o sujeito já está metido em algo que tem relação com a linguagem sem ser-lhe idêntico, e que tem que reconhecer seu lugar nele: o discurso universal" (1983o,419).

6.4 A questão é saber onde se situa o sujeito

"A questão, para nós, é saber onde se situa o sujeito da relação analítica. Desconfiemos da atitude ingênua: *o sujeito...está claro, é ele*! Como se o paciente fosse algo unívoco, como se o próprio analista se reduzisse a uma certa soma de características individuais. Quem é o sujeito? Esta é a pergunta que aqui manejamos em todas

suas manifestações, nas antinomias que revela. Seguimo-la por todos os pontos nos quais ela se reflete, se refrata, destila. Esperamos assim fazer sentir o ponto em que se situa exatamente, e que não pode ser atacado de frente, porque fazê-lo implicaria se ver com as raízes mesmas da linguagem" (1983o,205-6).

"Do mesmo modo os lapsus, as lacunas, as contenções, as repetições do sujeito também expressam, mas neste caso espontaneamente, inocentemente, a modalidade segundo a qual se organiza o discurso. É isto o que nós devemos ler..." (1983o,355).

Se o mal-entendido tem lugar no processo analítico, existe um certo tipo que Lacan faz questão de que nele não interfira. "Gostaria, imediatamente, de evitar um mal-entendido. Vão me dizer _ de qualquer modo, a psicanálise é uma pesquisa. Muito bem, permita-me enunciar, e mesmo me dirigindo aos poderes públicos para quem este termo pesquisa, há algum tempo, parece servir de senha para muitas coisas _ o termo pesquisa, eu desconfio dele. Para mim, jamais me considerei um pesquisador. Como disse uma vez Picasso, para o maior escândalo das pessoas que o rodeavam _ *Eu não procuro, acho*" (1979,14). Procurar já implica direcionar o processo a partir de concepções préestabelecidas, o que interfere na escuta do analista.

"Com tudo isto o sujeito quer dizer algo, e em uma linguagem que virtualmente se oferece a se converter em palavra, quer dizer, a ser comunicada. A elucidação falada é a mola de progresso. As imagens cobrarão seu sentido em um discurso mais vasto, aonde se integra toda a história do sujeito. O sujeito como tal está historiado de cabo a rabo. Aqui joga a análise: na fronteira entre o simbólico e o imaginário" (1983o,381).

"Para resumir, o esquema que coloca a relação de objeto no centro da teorização da análise evita a mola da experiência analítica, a saber: que o sujeito se relata" (1983o,382). "Para além da demanda alienada do dicurso na medida em que ele está aí, repousando no lugar do Outro, o sujeito prolongando o seu *élan* se interroga sobre o que ele é enquanto sujeito" (1986,43). Tudo o que fala se refere a ele mesmo. Deste modo, a regra fundamental da psicanálise abre caminho para a cadeia de significantes e possibilita a apreensão do que ocorre no nível transferencial.

"O discurso elementar da demanda submete a necessidade do sujeito ao consentimento, ao capricho, ao arbítrio do

Outro como tal, e estrutura desta forma a tensão e a intensão humana na fragmentação significante" (1986,36). O sujeito "... está numa certa relação privilegiada, enquanto sujeito, com a demanda" (1986,36). O desejo é a metonímia do discurso da demanda.

"Significa que nos efeitos que respondem em um sujeito a uma demanda determinada vão inferir aqueles de uma posição com relação ao outro (ao outro, aqui seu semelhante) ao que ele sustenta enquanto sujeito" (1983c,268).

"O que está em jogo no nosso sujeito é a pergunta Quem sou? Sou?, é uma relação de ser, um significante fundamental. Na medida em que esta pergunta enquanto simbólica foi despertada, e não reativada enquanto imaginária, desencadeou-se a descompensação de sua neurose e se organizaram seus sintomas. Quaisquer que sejam suas qualidades, sua natureza, o material do qual foram tomados emprestados, estes cobram valor de formulação, de reformulação, de insistência inclusive dessa pergunta" (1984, 242-3).

"O termo *associação livre* define muito mal aquilo do que se trata: são as amarras da conversação com o outro as que tentamos cortar... Embora o sujeito acomode seu desejo em presença do outro se produz, no plano imaginário, essa oscilação do espelho que permite que coisas imaginárias e reais que, para ele habitualmente não costumam coexistir, encontrem-se em certa simultaneidade ou em certos contrastes" (1983o,259-60). Essas oscilações fazem com que novos sentidos aí emerjam desde a relação transferencial.

"*Eu (je)* é um termo verbal cujo emprego é aprendido em uma certa referência ao outro, referencia que é uma referencia falada. O *eu (je)* nasce com referência ao *tu*" (1983n,247).

"Se a palavra se funda na existência do Outro, o verdadeiro, a linguagem está feita para nos remeter ao outro objetivado, ao outro com o qual podemos fazer tudo quanto queremos, inclusive pensar que é um objeto, isto é, que não sabe o que diz. Quando nos servimos da linguagem, nossa relação com o outro joga todo o tempo nessa ambigüidade. Dito em outros termos, a linguagem serve tanto para nos fundir no Outro como para nos impedir radicalmente de compreendê-lo. E disso precisamente se trata na experiência analítica.

O sujeito não sabe o que diz, e pelas melhores razões, porque não sabe o que é " (1983o,367). Ele não se dá

conta de que a imagem que toma como realidade, é ilusória, ideal. Em condições propícias, que o analista se preocupa em proporcionar, é que, ao falar, percebe a que está colado.

"Por isso ensinamos que não há só na relação analítica dois sujeitos presentes, senão dois sujeitos providos cada um de dois objetos que são o eu e o outro, dando a este outro o índice de um *o* minúsculo inicial" (1983b,172). A análise torna pregnante essa relação eu-outro que se faz presente na relação transferencial.

"Certamente, há o que se produz na análise, comparado com o que se produz no sonho, uma dimensão suplementar essencial: o outro está aí" (1983o,355). Este é o ponto em que a relação transferencial tem a possibilidade de gerar efeitos sobre o sujeito.

"O sujeito reconcentra seu próprio eu imaginário essencialmente sob a forma do eu do analista" (1983o,368). E a formação do analista aqui se mostra em toda sua importância.

"A análise deve apontar ao passo de uma verdadeira palavra, que reune o sujeito com outro sujeito, de outro lado do muro da linguagem. É a relação última do sujeito com um Outro verdadeiro, com o Outro que dá a resposta que não se espera que defina o ponto terminal da análise" (1983o,369).

Donde se depreende que não basta que o sujeito venha à sessão e fale. Não se trata de falar de qualquer coisa, pois pode-se falar de modo a manter a situação de alienação _ falar para não dizer, para não ouvir. É o que Lacan denomina de palavra vazia, em contraposição à palavra plena.."Esta cristalização só põe manifesto o seguinte: o discurso do sujeito na medida em que não alcança essa palavra plena através da qual deveria revelar-se seu fundamento inconsciente, se dirige então ao analista, está feita para lhe interessar, e encontra seu suporte nessa forma alienada do ser que chamamos eu" (1983o,88). Ou dito de outro modo: "Portanto, a dialética do eu e do outro é transcendida, situada num plano superior, pela relação com o outro, pela única função da linguagem, enquanto esta é mais ou menos idêntica, em todo caso enquanto está fundamentalmente ligada, ao que chamaremos a regra, ou melhor ainda, a lei. Esta lei cria, a cada instante de sua intervenção, algo novo. Cada situação é transformada por sua intervenção, qualquer que seja esta, salvo quando falamos para não dizer nada" (1983o,237). O real não é passível de tradução simbóli-

ca, mas é através dessa última que se chega mais perto dele e que algo aí pode ser mexido dentro da análise.

"Se se formam analistas é para que haja sujeitos tais que neles o eu esteja ausente. Este é o ideal da análise, que, desde logo, é sempre virtual. Nunca há um sujeito sem eu, um sujeito plenamente realizado, mas é isso o que deve tentar obter sempre do sujeito em análise" (1983o,369). Existe quem reaja a esta afirmação, contrapondo que o analista é uma pessoa e, então, tem o seu eu. Entretanto, o que Lacan adverte é que o analista só pode exercer esta sua função na medida em que não se coloque aí como pessoa. Daí a importância de sua formação. E é o que significa dizer que ele se faz de morto, ou seja, não responde senão ao sentido inconsciente da demanda.

"Isto quer dizer que o analista intervém diretamente na dialética da análise fazendo-se o morto, cadaverizando sua posição, como dizem os chineses, seja por seu silêncio ali aonde é o Outro com um o maiúsculo, seja anulando sua própria resistência ali aonde é o outro com um o minúsculo. Nos dois casos, e sob as incidências respectivas do simbólico e do imaginário, presentifica a morte.

Mas além disso convém que reconheça, e portanto distinga, sua ação em um e outro desses dois registros para saber porque intervém, em que instante se oferece a ocasião e como atuar sobre isso.

A condição primordial é que esteja compenetrado da diferença radical do Outro ao qual deve dirigir sua palavra, e desse segundo outro que é o que vê e do qual e pelo qual o primeiro lhe fala no discurso que prossegue ante ele. Porque é assim como saberá ser aquele a quem esse discurso se dirige" (1983b,173). Esta é a questão do manejo da transferência.

6.5 A questão também é: onde se situa o analista para o sujeito em análise ?

"Apesar de todos os esforços que fazemos para esquecer a palavra ou para a subordinar a uma função de meio, a análise como tal é uma técnica da palavra, e a palavra é o ambiente mesmo no qual se desloca. Unicamente em consideração à função da palavra podem distinguir-se entre si as diferentes molas da análise, e adquirir seu senti-

do, seu lugar exato" (1983n,380). Neste contexto é que se dá a relação transferencial.

"A transferência eficaz da qual falamos é, simplesmente, em sua essência, o ato da palavra. Cada vez que um homem fala a outro de modo autêntico e pleno há, no sentido próprio do termo, transferência, transferência simbólica: algo acontece que muda a natureza dos seres que estão presentes" (1983n,170).

E se ela não se restringe à situação analítica, entretanto nessa vai ter a possibilidade de abrir novos caminhos. "Isto não exclui de modo algum, onde não haja analista no horizonte, que ali possa haver, propriamente, efeitos de transferência exatamente estruturáveis como o jogo da transferência na análise. Simplesmente, a análise, ao descobrí-los, permitirá lhes dar um modelo experimental que não será de modo algum forçosamente diferente do modelo que chamamos natural. De modo que fazer emergir a transferência na análise, onde ela encontra seus fundamentos estruturais, pode muito bem ser o único modo de introduzir a universalidade da aplicação desse conceito" (1979,120-1).

Se ela não se restringe à situação analítica, entretanto, nela vai ter a possibilidade de abrir novos caminhos.

"E não obstante, quando o sujeito se compromete à busca da verdade como tal é porque se situa na dimensão da ignorância; pouco importa que o saiba ou não. É este um dos elementos que os analistas chamam *readiness to the transference*, apto para a transferência. Existe no paciente preparado para a transferência pelo único fato de se colocar na posição de confessar-se na palavra, e buscar sua verdade até seu extremo, no extremo que está aí, no analista. Convém também considerar a ignorância no analista" (1983n,404). E é a isso que Lacan faz referência neste trecho: "É dos meus analisandos que aprendo tudo, que aprendo o que é a psicanálise. Eu lhes empresto minhas intervenções, e não meu ensinamento, a não ser que eles saibam perfeitamente o que isto quer dizer" (1984f,34). Análise não significa entender intelectualmente o que está se passando ali.

A alusão à transferência se faz "... quando dizemos que ela estrutura todas as relações particulares a esse outro que é o analista, e que o valor de todos os pensamentos que gravitam em torno desta relação deve ser conotado de um signo de reserva particular. Donde a ex-

pressão _ que é sempre colocada numa nota como uma espécie de parêntese, de suspensão, e mesmo de suspeita, quando é introduzida a propósito da conduta de um sujeito _ *ele está em plena transferência*. Isto supõe que todo seu modo de apercepção está estruturado sobre o centro prevalente da transferência" (1979,120).

"O analista, eu lhes disse, mantém esse lugar, no que ele é o objeto da transferência. A experiência nos prova que o sujeito, quando entra em análise, está longe de lhe dar esse lugar" (1979,221).

Mesmo considerando cada caso em particular, a transferência nem sempre se instala no primeiro encontro entre analista e paciente ou pode aí aparecer por meio de uma tentativa de imobilizá-lo e não de o colocar neste lugar. "Sendo admitido que a análise pudesse ser, em certos sujeitos, posta em questão em seu começo mesmo, e suspeitada de ser um logro _ como é que acontece que, em torno desse *enganar-se*, algo estanca? Mesmo ao psicanalista posto em questão, é dado esse crédito de certa infabilidade em algum lugar, que, mesmo ao analista posto em questão, fará atribuir às vezes, o propósito de um gesto casual, intenções. *Você o faz para me pôr à prova!*" (1979,221). O que você quer de mim? Che vuoi?, como expressa Lacan.

E, quando ela se instala, "Diremos, com mais justeza, que a transferência positiva é quando aquele de quem se trata, o analista no caso, pois bem, a gente o tem em boa consideração _ negativa, está-se de olho nele" (1979,120).

6.6 A crença no Sujeito Suposto Saber decide a entrada em análise

O que sustenta a demanda é a crença de que o psicanalista tem o saber que falta ao sujeito. Assim é que a transferência corresponde ao analista percebido como sujeito suposto saber.

"O sujeito suposto saber é para nós o pivô desde o qual se articula tudo o tocante à transferência" (1987a,12). Ou seja: "Percebe-se que se a análise consiste na manutenção de uma situação pertencente a dois parceiros que assumem nela como o psicanalisante e o psicanalista, só poderá desenvolver-se as custas do constituinte ternário que é o significante introduzido no discurso que se instaura, o qual tem um nome: o sujeito suposto saber, for-

mação, não de artifício senão de veia, desprendida de significante.

Temos que ver o que qualifica ao psicanalista para responder a esta situação que, como se vê, não engloba sua pessoa. Não somente o sujeito suposto saber, com efeito não é real, senão que não é de modo algum necessário que o sujeito em atividade na conjuntura, o psicanalisante (único que fala inicialmente), se o imponha.

É tão pouco necessário inclusive que, habitualmente, não é certo: demonstra-o, nos primeiros tempos do discurso, um modo de assegurar-se de que o traje não lhe vá ao psicanalista; certo contra o temor de que este não se meta demasiado rápido em seus hábitos, se me permitem a expressão" (1987a,13). Aqui Lacan brinca com os significantes, expressando o receio do sujeito frente ao analista, mas também alude a que algo do imaginário aí está implicado. Assim como "O hábito faz o monge", os trajes e o que eles recobrem, o desconhecimento que sustentam _ a falta em ser do sujeito _ receia-se que possam ser revelados de imediato e qual o lugar que o analista vai ocupar aí. Há uma defesa em preservar esta imagem à qual se está colado, estas vestes, este hábito.

"Isto não autoriza de modo algum ao psicanalista a contentar-se em saber que não sabe nada, porque o que está em jogo é o que tem que saber" (1987a,14). Ele está no jogo e, para jogá-lo de modo eficaz, deverá perceber qual o seu lugar nele.

"O que é que se passa quando o sujeito começa a falar com o analista? _ ao analista, quer dizer, ao sujeito suposto saber, mas do qual é certo que ele não sabe nada ainda. É a ele que é oferecido algo que vai primeiro, necessariamente, se formar como pedido. Quem não sabe que é aí que está o que orientou a todos os pensamentos sobre a análise no sentido do reconhecimento da função da frustração? Mas o que é que o sujeito pede? Aí está toda a questão, pois o sujeito bem sabe que, quaisquer que sejam seus apetites, quaisquer que sejam suas necessidades, nenhum encontrará satisfação ali, senão, no máximo, a de organizar seu menu" (1979,254). A demanda dirigida ao analista é demanda de quê?

"Na fábula que eu lia, quando era pequeno, na imagem de Épinal, o pobre mendigo se regala, na porta da churrascaria, com a fumaça do assado. Na ocasião, a fumaça é o menu, quer dizer, significantes, pois que não se faz mais do que falar. Muito bem! Há essa complicação _ aí é que está minha fábula _ que o menu está redigido em chi-

nês. Então, o primeiro tempo, é pedir a tradução à garçonete. Ela traduz _ *patê imperial, rolinho de primavera*, e alguns outros. Pode muito bem acontecer, se é a primeira vez que você vem ao restaurante chinês, que a tradução continue a não lhe dizer nada, e você pede finalmente à garçonete _ *aconselhe-me alguma coisa*, o que quer dizer _ *o que eu desejo lá de dentro, você é que deve saber*" (1979,254-5). Bem se vê que a fábula lacaniana remete às operações de alienação e de separação que fundam o sujeito.

Ele continua: "Mas é mesmo a isso, no final das contas, que se espera que chegue uma situação tão paradoxal? Nesse ponto, em que você se remete a não sei que adivinhação da garçonete cuja importância viu crescer cada vez mais, será que não seria mais adequado, se o seu coração mandar, e se a coisa se apresentar de maneira vantajosa, ir bolinar, ainda que só um pouquinho, os peitos dela? Pois que não é só para comer que você vai ao restaurante chinês, é para comer dentro das dimensões da exotismo. Se minha fábula quer dizer alguma coisa, é na medida que o desejo alimentar tem um sentido outro que não o da alimentação. Aqui ele é o suporte e o símbolo da dimensão sexual, única a ser relançada pelo psiquismo..." (1979,255). Ao dirigir ao analista uma demanda, o que o sujeito quer é outra coisa.

E o analista, como é que ele se situa ?

6.7 Manobra e operação da transferência: a justa distância entre o ponto em que o sujeito se vê amável e aquele em que se vê causado como falta pelo objeto a

"... O analista, não basta que ele suporte a função de Tirésias. É preciso ainda, como diz Apollinaire, que ele tenha mamas. Quero dizer que a operação e a manobra da transferência devem ser regradas de maneira que se mantenha a distância entre o ponto desde onde o sujeito se vê amável, _ e esse outro ponto em que o sujeito se vê causado como falta por *a*, e onde *a* vem arrolhar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito" (1979, 255). É neste ponto de falta que o sujeito deve se reconhecer. Mas para chegar aí, ele não pode prescindir de satisfações imaginárias _ sentir-se amado _ , no entretanto, não é conveniente que isto ocorra de maneira a tornar a relação simplesmente baseada na sugestão.

A intensidade e a forma desta oscilação, que faz emergir

novos sentidos, modifica-se de um para outro sujeito e no decorrer do processo de um mesmo sujeito. Este cálculo é a expressão da disciplina do analista no seu trabalho.

Mas o que significa o sujeito perceber a causa de sua falta em *a* ?

A falta inaugural do sujeito, que marca sua divisão, diz respeito ao real. E essa falta é encoberta quando o sujeito se percebe prematuramente como um todo. Esta imagem não consegue se manter como tal o tempo todo, pois é ideal. A imagem ideal à qual o sujeito se impõe corresponder para se sentir amado faz brotar aí um objeto diferente dos outros: o falo. "... Freud responde que é uma exigência narcísica do sujeito" (1986,82). "Revelando do falo mesmo que não é nada mais do que esse ponto de falta que indica no sujeito" (1983e,361).

"... o falo, ou seja a imagem do pênis, é negatividade em seu lugar na imagem especular" (1983d,333). Isto indica que ele não é o que aparece na imagem do sujeito, mas o que ele acha que aí deveria estar e, por não o encontrar, falta.

"Quando se refere a uma frustração relaciona-se com o termo imaginário e liga-se ao objeto a. Quanto à ação simbólica, a falta se inscreve como castração _ e como privação, no nível do real" (1986,83).

Esse falo que deveria estar fazendo parte da imagem do sujeito, ao não ser percebido, gera frustração. Ele, neste caso, equivale ao objeto *a*, que pode adquirir a correspondência de objetos que foram tidos para o sujeito como seu complemento: objetos de sucção, de excreção, o olhar, a voz (1984b).

Sendo o falo um objeto capaz de ser simbolizado, quando percebido como faltante, o sujeito se sente castrado, castrado simbolicamente. "As formas pelas quais aparece o sujeito no nível de castração, da frustração, da privação, podemos considerá-las alienadas, mas temos que acrescentar a cada vez uma articulação sensivelmente diversificada. No nível da castração, o sujeito aparece numa síncope do significante. É outra coisa quando ele aparece no nível do Outro, enquanto submetido à lei de todos. É ainda outra coisa quando ele mesmo deve situar-se no desejo. A forma de seu desaparecimento tem aqui uma originalidade singular ..." (1986,85). São experiências que se inscrevem respectivamente em diferentes registros.

O falo é sempre um objeto aludido. "A posição do falo está sempre velada. Ele apenas aparece em "phanies", como relâmpagos, por seu reflexo no nível do objeto. Trata-se para o sujeito, bem entendido, de tê-lo ou não. Mas a posição radical do sujeito no nível da privação, do sujeito enquanto sujeito do desejo é ele não sê-lo. O sujeito é ele mesmo, se posso dizer, um objeto negativo" (1986,85). O sujeito quer ser o falo e, dando-se conta de que não é o que acontece, ele se sente como um nada.

"O que ocorre com o sujeito enquanto tenha sido simbolicamente castrado? Ele foi simbolicamente castrado no nível de sua posição como sujeito que fala e não no nível do ser. Seu ser tem de fazer luto do que ele ofereceu em sacrifício, em holocausto à função do significante falante" (1986,84). A castração simbólica aponta para o limite do significante que não tem como dizer tudo do sujeito ou para o sujeito.

Todos sabem que a castração está aí no horizonte e, evidentemente, jamais se produz em lugar algum. O que se efetua está em relação com o fato de que esse órgão, desse significante, o homenzinho é um suporte sobretudo lastimável, e que ele aparece, antes de mais nada, sobretudo privado dele" (1988,369).

Isto indica que não só ele está privado do falo, mas de que assim sempre foi e de que o mesmo acontece com o Outro. "... que a recusa da castração, se há algo que se pareça com ela, é em primeiro lugar recusa da castração do Outro (da mãe primeiramente)" (1983c,263).

Ainda esclarecendo sobre a castração, em seu registro simbólico, agora quanto ao homem e à mulher: "(É o fato de que a mulher tenha que passar pela mesma dialética _ quando nada parece obrigá-la a isso: permitindo-nos articular o que é o falo por defeito o que faz o montante da dívida simbólica: conta devedora quando se o tem _ quando não se o tem, crédito impugnado" (1983m,388).

"O objeto *a* é este objeto que sustenta a relação do sujeito ao que ele não é. ... Mas acrescentamos: ao que ele não é na medida que não é o falo. É o objeto *a* que sustenta o sujeito nesta posição privilegiada, que ele é levado a ocupar em certas situações em que não é o falo" (1986,85).

Em verdade, nem o homem, nem a mulher têm o falo e nem podem sê-lo, embora se organizem em torno desta possibilidade e tenham que passar, então, pela angústia de cas-

tração.

"A angústia de castração é como um fio que perfura todas as etapas do desenvolvimento. Ela orienta as relações que são anteriores à sua aparição propriamente dita _ desmame, disciplina anal, etc. Ela cristaliza cada um desses momentos numa dialética que tem por centro um mau encontro" (1979,65). Ela emerge desde a dificuldade em manter a ilusão de que os momentos que lhe antecederam e de que certo objeto, que deles participaram, garantiram uma complementariedade para o sujeito. Ele acha que perdeu este objeto precioso e o quer recuperar. É certo que ele nunca foi perdido. Esta noção dele ter sido perdido surge do fato de que *depois* tenta-se aí dar sentido (1988). A trama dos significantes é que orienta em direção a ele. A busca de satisfação se vincula à relação de objeto.

O objeto não pode ser qualquer um, visto que encobre a inacessibilidade da Coisa. Trata-se de um elemento imaginário. Ele visa preencher a falta, mas não é atingido no espelho. O objeto *a* é objeto *no* desejo (1988) e é continuamente deslocável.

"Do vazio, então, que os centra, estes objetos tomam a função de causa que têm para o desejo..." (1984c,41). A busca do sujeito se dá em torno deles. "É pois melhor o assumir a castração o que cria a crença com que se institui o desejo" (1983m,388).

"No transcurso de uma análise pode haver algo que se forma como um objeto. Mas este objeto, longe de ser aquele de que se trata, não é mais que uma forma fundamentalmente alienada" (1983o,370). Este objeto que se forma na análise dá em varios momentos seu lugar para o analista ocupar.

"Cabe adiantar então que o psicanalista na psicanálise não é sujeito, e que situando seu ato com a topologia ideal do objeto a, deduz-se que opera por não pensar" (1984e,53). Ele não deve se identificar com este objeto imaginário. Ele deve operar com esta situação. É assim que, em certos momentos, "O psicanalista se faz de objeto a. Por se faz entenda-se: se faz produzir de objeto *a*: com objeto *a*" (1984e,52-3). Esta roupagem lhe serve, paradoxalmente, para colocar a nú a maneira como o sujeito busca sua satisfação.

Acontece que o sujeito quer mais, mais do que pode ter acesso. Ele procura ultrapassar o desejo _ que marca um limite _ e ir na direção de uma satisfação que se liga à

pulsão: ao gozo (1988). "... pois o desejo vem do Outro, e o gozo está do lado da Coisa" (1983m,389).

"Ao que se deve ater, é a que o gozo está proibido a quem fala como tal, ou também que não se pode dizer senão entre-linhas para quem quer que seja sujeito da Lei, posto que a lei se funda nesta proibição mesma.

Mas não é a lei mesma a que fecha o sujeito o passo ao gozo, ela faz somente de uma barreira quase natural ao sujeito barrado, pois é o prazer o que traz ao gozo seus limites, o prazer como nexo da vida, incoerente, até que outra proibição, esta não impugnável, se eleve dessa regulação descoberta por Freud como processo primário e lei pertinente do prazer" (1983d,333).

"Isso tem um nome _ é o que se chama para além do princípio do prazer" (1988,225-6). E o que é para além do princípio do prazer é excesso, é proibido por ser uma transgressão à lei moral, lei esta que separou a Coisa de seu possível acesso. É um mal porque o mal aparece como excesso, visto que este é insuportável de ser vivido.

É um paradoxo querer buscar o gozo e este ser um mal. Lacan observa que o sujeito toma como um bem o que, em verdade, é um mal (1988). Contudo, "Chama-se o Gozo, e é aquilo cuja falta tornaria vão o universo" (1983d,331).

"*Não é isso* _ aí está o grito por onde se distingue o gozo obtido do gozo esperado. É onde se especifica o que se pode dizer na linguagem" (1982,152).

"Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O supereu é o imperativo do gozo _ Goza!" (1982,11).

"O supereu aparece primeiro na história da teoria freudiana na forma de censura ... A missão da censura é enganar por meio do mentir. Não foi por nada que Freud escolheu o termo censura. É esta uma instância que cinde o mundo simbólico do sujeito, corta-o em dois: uma parte acessível, reconhecida, e uma parte inacessível, proibida. Voltamos a encontrar esta noção apenas transformada e quase com o mesmo acento, no registro do supereu" (1983n,289).

A censura e o supereu estão situados no mesmo registro que a lei que isola o que é acessível disso que é proibido (1983o). Ocorre que o supereu é um imperativo que age a favor da lei, mas que, devido a ser cego e tirano, acaba por lhe ser contrário (1983n). "Todo aquele que se

aplica em submeter-se à lei moral sempre vê reforçarem-se as exigências, sempre mais minuciosas, mais cruéis de seu supereu" (1988,216). Ele não dá trégua. E, se "Todo exercício de gozo comporta algo que se inscreve no livro da dívida na Lei" (1988,216), o supereu permanece cobrando a sua transgressão.

Aproximar-se do gozo faz surgir uma enorme agressividade diante da qual o sujeito recua. A energia que volta esta agressividade contra o sujeito se origina do supereu e o recuo que ela provoca decorre dele ter ido contra a imagem do outro. Afinal, é dela que o eu se forma. Ir contra ela, gerar um demanda *incondicional* de amor, é ir contra si mesmo, pois a imagem, com sua beleza, esconde um vazio.

"Pois bem, uma das formas mais chamativas do discurso interrompido é a lei enquanto incompreendida. Por definição, supõe-se que ninguém ignora a lei, mas ela sempre é incompreendida pois ninguém a capta em sua totalidade. ... O que é censura sempre está ligado àquilo que, no discurso, se vincula com a lei enquanto incompreendida" (1983o,195-6).

Tudo o que acontece com o sujeito relaciona-se com a lei. "Sua história está unificada pela lei, por seu universo simbólico que não é o mesmo para todos.

A tradição e a linguagem diversificam a referência do sujeito. Um enunciado discordante, ignorado na lei, um enunciado situado no primeiro plano por um acontecimento traumático, que reduz a lei a uma emergência de caráter inadmissível, não integrável: eis esta instância cega repetitiva, que habitualmente definimos com o termo supereu" (1983n,292).

O supereu aponta para algo que escapa à lei, isto é, que não é absorvido por ela e que, porisso, insiste. É neste sentido que ele age contra a lei. Deste modo, o real que se apresenta como um encontro faltoso, impulsionando o sujeito em direção a um retorno de algo perdido. Esta situação apareceu na teoria freudiana como a noção de traumatismo (1979).

6.8 O que insiste precisa ser simbolizado

O movimento que se estabelece é o de voltar a encontrar o objeto perdido. Ele se expressa por meio de algo que se repete, como por acaso, nos intervalos entre os sig-

nificantes, ou seja, mais além deles e, contudo, a partir deles. Assim, a palavra se liga à morte, "... morte na medida em que é aquilo ao qual a vida resiste" (1983o,301). Morte como o que não se articula com o significante.

"A relação do eu com a morte é muito estreita, porque o eu é um ponto de intersecção entre o discurso comum, no qual o sujeito está aprisionado, alienado e sua realidade psicológica.

A relação imaginária, no homem, está desviada, porquanto nela se produz na hiância por onde a morte se presentifica. O mundo do símbolo, cujo fundamento mesmo é o fenômeno da insistência repetitiva, é alienante para o sujeito ou, mais exatamente, é causa de que o sujeito se realize sempre em outro lugar, e de que sua verdade lhe esteja sempre em algum aspecto velada. O eu está na interseção entre um e outro" (1983o,315). O eu faz fronteira com a articulação significante e com o que não se articula (pulsão de morte), mas é aquilo desde o qual esta articulação pode ser dar, o que a causa _ o real.

E como esta insistência se expressa ? Na época anterior à psicanálise, tempo de acreditar na catarse, a referência era a de que o sujeito reproduziria seu passado. Depois Freud percebeu que repetição não corresponde a uma reprodução e de que ela também não ocorre por decisão do sujeito ou sobre algo de que ele tenha clareza. "Toda a história da descoberta por Freud da repetição como função só se define com mostrar assim a relação do pensamento com o real" (1979,52).

"O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (em outro cenário, escreve ele) se repete e insiste para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e a cogitação que ele informa" (1983d,311).

"Nossa investigação nos levou ao ponto de reconhecer que o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*) toma seu princípio no que chamamos *insistência* da cadeia significante. Esta noção, por sua vez, colocamo-la manifesto como correlativa na *ex-sistencia* (ou seja: o lugar excêntrico) aonde devemos situar ao sujeito do inconsciente, se tomarmos a sério o descobrimento de Freud. Como é sabido, é na experiência inaugurada pela psicanálise onde se pode captar por qual sesgo do imaginário vem e se exerce, até o mais íntimo do organismo humano, esta adesão ao *simbólico*" (1983f,11).

"O mais além do princípio do prazer está expresso com o termo *Wiederholungszwang*, incorretamente traduzido para o francês por *automatisme de répétition* [automatismo de repetição]; acredito oferecer-lhes um equivalente melhor com a noção de *insistência, insistência repetitiva*, insistência significativa. Esta função está na própria raiz da linguagem entanto traz uma nova dimensão, não diria ao mundo, pois ela é precisamente, a dimensão que torna possível o mundo, na medida em que um mundo é um universo submetido à linguagem" (1983o,309).

Lacan toma o artigo freudiano *Mais além do princípio do prazer*, de 1920, para demonstrar como ele elucida o projeto (1895), em alemão, *Entwurf*:

"A originalidade do *Entwurf* provém da noção das trilhas que comandam a repartição dos investimentos libidinais de tal maneira que um certo nível não seja ultrapassado, para além do qual a excitação é insuportável para o sujeito" (1988,271). Estas trilhas distribuem a energia para evitar seu acúmulo e sua descarga imediata, isto é, para evitar a alucinação, o excesso.

"Ora, o nervo do princípio do prazer se situa no nível da subjetividade. O trilhamento não é absolutamente um efeito mecânico, ele é invocado como prazer da facilidade, e será retomado como prazer da repetição. A repetição da necessidade, como uma certa pessoa articulou, só funciona, na psicologia freudiana, como ocasião da necessidade de repetição, ou mais exatamente, da compulsão de repetição" (1988,271-2). A insistência provoca uma compulsão de repetição, incidência do real sobre o simbólico.

"Isso também deve esclarecer a significação própria do termo *acting-out*. Se, há pouco, falei de automatismo de repetição, se falei dele essencialmente a propósito da linguagem, é porque toda ação na sessão, *acting-out* ou *acting-in*, está incluida num contexto de palavra. Qualifica-se como *acting-out* qualquer coisa que ocorra no tratamento. E não sem razão. Se muitos sujeitos se precipitam durante a análise a realizar múltiplas e variadas ações eróticas, como, por exemplo, casar-se, evidentemente é por *acting-out*. Se atuam o fazem dirigindo-se ao seu analista.

Por isso é preciso fazer uma análise do *acting-out* e fazer uma análise da transferência, isto é, encontrar em um ato seu sentido de palavra. Já que se trata para o sujeito de fazer-se reconhecer, um ato é uma palavra" (1983n,356).

6.9 Quando a intensidade se transforma em obstáculo

O obstáculo que surge dentro do processo psicanalítico, o que interrompe a cadeia associativa denomina-se resistência. "... a resistência não é considerada como interna ao sujeito, num plano psicológico, senão unicamente em relação com o trabalho de interpretação" (1983o,195).

"No movimento através do qual o sujeito se confessa, aparece um fenômeno que é resistência. Quando esta resistência se torna demasiado forte, surge a transferência" (1983n,71-2). A resistência se faz expressar através da relação transferencial, provocando aí excessos que tendem a inquietar.

"... se a transferência se torna demasiado intensa produz-se um fenômeno crítico que evoca a resistência; a resistência na forma mais aguda em que é possível vê-la manifestar-se: o silêncio. Podem dar-se conta? não é certo? que, como diz Freud, a transferência se converte em um obstáculo quando é excessiva" (1983n,412-3).

"Vemos produzir-se, em certo ponto desta resistência, o que Freud chama a transferência, isto é a atualização da pessoa do analista" (1983n,73). A pessoa do analista passa a absorver a atenção do sujeito mais do que qualquer outra situação ou pessoa.

"Também é preciso dizer que, se este momento se produz oportunamente, o silêncio adquire seu pleno valor entanto silêncio: não é simplesmente negativo, senão que vale como mais além da palavra. Alguns momentos de silêncio, na transferência, representam a apreensão mais aguda da presença do outro como tal" (1983n,413).

"Em certos casos, no momento em que parece disposto a formular algo mais autêntico, mais candente que o que conseguiu até então alcançar, o sujeito se interrompe e emite um enunciado que pode ser este: *Subitamente me dou conta de sua presença*" (1983n,70). É certo que o analista já estava aí antes, porém só neste momento sua presença é percebida enquanto tal, tomando um espaço enor-

me.

"Isto é algo que me ocorreu mais de uma vez, e que os analistas facilmente podem corroborar. Este fenômeno se estabelece em conexão com a manifestação concreta da resistência que intervém na trama mesma de nossa experiência em função da transferência. Se adquire um valor seletivo, é porque o sujeito mesmo o sente então como uma virada brusca, um giro súbito que faz passar de uma vertente a outra do discurso, de um acento a outro da função da palavra" (1983n,70-1). Ou seja, essa sensação de presença corresponde a um momento em que, através da cadeia associativa, algo exerce pressão sobre o sujeito.

"No momento em que o sujeito se interrompe é, comumente, o momento mais significativo de sua aproximação à verdade. Captamos aqui a resistência em estado puro, a qual culmina no sentimento, freqüentemente tingido de angústia, da presença do analista" (1983n,87).

"O que Freud nos indica, desde o primeiro tempo, é que a transferência é essencialmente resistente, *Übertragungswiderstand*. A transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar. Longe de ser a passagem de poderes ao inconsciente, a transferência é, ao contrário, seu fechamento.

Isto é essencial para marcar o paradoxo que se exprime muito comumente nisto _ que pode ser encontrado mesmo no texto de Freud _ de o analista dever esperar a transferência para começar a dar interpretação" (1979,125).

"Com efeito, a resistência se encarna no sistema do eu e do outro. Ali é onde surge em tal ou qual momento da análise. Mas parte do outro lado, a saber, da impotência do sujeito para chegar até o final no âmbito da realização de *sua* verdade. Segundo um modo, mais ou menos definido sem dúvida para tal ou qual sujeito em função das fixações de seu caráter e estrutura, o ato da palavra sempre vem a projetar-se em determinado nível, em determinado estilo da relação com o outro" (1983n,85). A palavra interfere, torna-se intrusa, ameaçadora à cristalização imaginária. Cria-se uma tensão entre o eu e o outro, do qual o sujeito acredita depender seu desejo.

"Esta perspectiva nos conduz exatamente ao seguinte ponto: a resistência da qual falamos projeta seus resultados sobre o sistema do eu, enquanto o sistema do eu não pode nem sequer conceber-se sem o sistema _ se assim se pode dizer _ do outro. O eu é referencial ao outro. O eu

se constitui na relação ao outro. É correlativo a ele. O nível em que é vivido o outro situa o nível exato em que, literalmente, o eu existe para o sujeito" (1983n,85).

A resistência é um efeito do eu e, se ela engancha na transferência. O analista é o outro nesta relação.

"A transferência, se bem é certo que se estabelece na e pela dimensão da palavra, só conduz à revelação dessa relação imaginária quando alcança certos pontos cruciais, do encontro falado com o outro, neste caso o analista. Desembaraçado o discurso mediante a regra chamada fundamental de parte de suas convenções, começa a jogar mais ou menos livremente com relação ao discurso corrente, e abre ao sujeito a via desse fecundo equívoco no qual a palavra verídica conflui com o discurso do êrro. Mas, também quando a palavra foge à revelação, o equívoco fecunda, e se desenvolve no engano _ dimensão essencial que precisamente nos impede de eliminar ao sujeito como tal de nossa experiência, e a reduzir a termos objetais _ se descobrem esses pontos que, na história do sujeito, não foram integrados, assumidos, senão recalcados" (1983n,411). Como existe um intenso movimento para preservar a cristalização imaginária, a tensão entre o eu e o outro, o analista, deve adquirir muita força para que se faça expressar verbalmente, fazendo-se revelar como engano..

"Este é pois o plano no qual vêem a jogar a relação de transferência: joga em torno da relação simbólica, quer se trate de sua instituição, seu prolongamento ou sua sustentação. A transferência implica incidências, projeções das articulações imaginárias, mas se situa por inteiro na relação simbólica" (1983n,336).

6.10 Transferência é amor-paixão

"Tratamos de definir a resistência em seu próprio campo. Formulamos logo uma definição da transferência. Agora, podem se dar conta claramente da distância que existe entre a resistência _ que separa ao sujeito da palavra plena que a análise espera dele, e que está em função dessa inflexão ansiógena que constitui em seu modo mais radical, no nível de intercâmbio simbólico, a transferência _ e esse fenômeno que manejamos tecnicamente na análise, e que nos parece é a mola energética, como diz Freud, da transferência, a saber o amor.

Em *Observações sobre o amor de transferência*, Freud não vacila em aplicar à transferência o nome de *amor*. Tampouco elude Freud o fenômeno amoroso, passional, em seu sentido mais concreto, pois até chega a dizer que não há, entre a transferência e o que na vida chamamos amor, nenhuma distinção verdadeiramente essencial. A estrutura desse fenômeno artificial que é a transferência e a do fenômeno espontâneo que chamamos amor e, muito precisamente, amor-paixão, são no plano psíquico equivalentes.

Não há por parte de Freud evitação alguma do fenômeno, nenhuma tentativa de dissolver o escabroso em algo que seria da ordem do simbolismo, no sentido em que se entende habitualmente: o ilusório, o irreal. A transferência é o amor" (1983n,142).

"A transferência é um fenômeno em que são incluídos juntos, o sujeito e o psicanalista. Dividí-la nos termos de transferência e de contratransferência, qualquer que seja a sagacidade, a desenvoltura das proposições que a gente se permite sobre este tema, nunca é mais que um modo de eludir o de que se trata" (1979,219).

A relação eu-outro engloba o sujeito e o psicanalista _ isto é, enquanto psicanalista _ como o outro ao qual o sujeito se dirige. Pensar como se situa aqui a contratransferência é considerar um propósito que não se coaduna com o processo analítico. Nesta situação, a referência é outra.

"Longe de termos que considerar dois sujeitos, numa posição dual, a discutir sobre a objetividade que estaria ali, depositada como efeito de queda de uma compressão no comportamento, precisamos fazer surgir o domínio da tapeação possível. ... Ao persuadir o outro de que ele tem o que nos pode completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta. O círculo da tapeação, enquanto que não nomeado, faz surgir a dimensão do amor ... " (1979,128). Este é um divisor de águas entre a sugestão e a transferência.

"O que se passa é aquilo que chamamos em sua aparição mais comum *efeito de transferência*. Este efeito é o amor. É claro que, como todo amor, ele só é referencial, como Freud nos indica, no campo do narcisismo. Amar é, essencialmente, querer ser amado" (1979,239). Ou seja, " O ponto onde se focaliza a identificação do sujeito no nível da imagem narcisista é o que, na análise, chamamos a transferência" (1983n,270).

"Mesmo se devemos considerar a transferência como um

produto da situação analítica, podemos dizer que esta situação não poderia criar o fenômeno todo, e que, para produzí-lo, é preciso que haja, fora dela, possibilidades já existentes às quais ela dará composição, talvez única" (1979,120).

"Apelar para uma parte sã do sujeito,que estaria lá no real, apta a julgar com o analista o que se passa na transferência, é desconhecer que é justamente essa tal parte que está interessada na transferência, que é ela que fecha a porta, ou a janela, ou o postigo, como quiserem _ e que a bela com quem queremos falar está lá detrás, que só pede para reabrí-los, os postigos. É por isso mesmo que é neste momento que a interpretação se torna decisiva, pois é à bela a que temos que nos dirigir" (1979,126). O real é impossível, donde o que é passível de ser atingido é o imaginário, a bela que encobre o vazio.

Querer ser o falo, colocar o analista no lugar do objeto *a* orientam as situações que acabam por surgir. O que causa o fechamento é o objeto a (1979). Onde haveria falta, aí é colocado o objeto *a* que visa dar uma satisfação mais além, sem limites, um gozo. A interpretação propõe uma guinada do gozo para o prazer _ ao desejo.

"Qual é o meu desejo? Qual é a minha posição na estrutura imaginária? Esta posição só se pode conceber na medida em que haja um guia que está mais além do imaginário, a nivel simbólico, do intercâmbio legal, que só se pode encarnar através do intercâmbio verbal entre os seres humanos. Esse guia que dirige o sujeito é o ideal do eu.

A distinção é absolutamente essencial, e nos permite conceber o que ocorre na análise no plano imaginário, e que se chama transferência.

... O amor é um fenômeno que ocorre no nível do imaginário, e que provoca uma verdadeira subdução do simbólico, algo assim como uma anulação, uma perturbação da função do ideal do eu. O amor volta a abrir as portas _ como Freud escreve sem rodeios _ à perfeição.

... O *Ich-Ideal*, enquanto falante, pode chegar a se situar no mundo dos objetos a nível de *Ideal-Ich*, ou seja no nível onde se pode produzir essa captação narcisística ... Observem que no momento em que se produz esta confusão, não há já nenhuma regulação possível do aparato" (1983n,215). Na paixão não existe fronteiras entre eu e o outro.

"Não se trata do amor enquanto Eros _ presença universal do poder de vinculação entre os sujeitos, subjacente a toda a realidade na qual a análise se desloca _ senão do amor-paixão, tal como concretamente o vive o sujeito, como se fosse uma catástrofe psicológica" (1983n,173).

"A estrita equivalência entre objeto e ideal do eu na relação amorosa, é uma das noções mais fundamentais da obra de Freud: encontramo-la a cada passo, uma e outra vez. Na carga amorosa o objeto amado equivale, estritamente, devido à captação do sujeito que opera, ao ideal do eu" (1983n,194).

"O ponto do ideal do eu é o de onde o sujeito se verá, como se diz, *como visto pelo outro* _ o que lhe permitirá suportar-se numa situação dual para eles satisfatória do ponto de vista do amor.

Enquanto miragem especular, o amor tem essência de tapeação. Ele se situa no campo constituído no nível da referência do prazer, desse único significante necessário para introduzir uma perspectiva centrada no ponto ideal, I maiúsculo, colocado em algum lugar do Outro, de onde o Outro me vê, na forma que me agrada ser visto.

Ora, nessa convergência uma à qual a análise é chamada pela face da tapeação que há na transferência, algo se encontra que é paradoxo _ a descoberta do analista. Esta só é compreensível no outro nível, o nível em que situamos a relação da alienação" (1979,253).

"Estamos presos em esperar esse efeito de transferência para poder interpretar e, ao mesmo tempo, sabemos que ele fecha o sujeito ao efeito da nossa interpretação. O efeito da alienação em que se articula na relação do sujeito ao Outro, o efeito que somos, é aqui absolutamente manifesto" (1979,239). Se, por um lado, há um fechamento, por outro, ele faz alusão a algo que ficou recalcado e que passa a transpirar na transferência.

"Esse objeto paradoxal, único, especificado, que chamamos objeto *a* _ retomá-lo seria repisá-lo. Mas eu o presentifico para vocês de modo mais sincopado, sublinhado que o analisando diz em suma a seu parceiro, ao analista _ *Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu _ o objeto a minúsculo, eu te mutilo.*

...

Eu me dou a ti, diz ainda o paciente, *mistério!, se transforma inexplicavelmente em presente de uma merda* _

termo igualmente essencial de nossa experiência" (1979,254).

O objeto *a* é um pedaço que falta ao sujeito; no entanto, súbito, de precioso vira nada. É uma ilusão. A falta persiste.

"O *a* minúsculo não atravessa jamais esta hiância. ... É nesse ponto de falta que o sujeito tem que se reconhecer" (1979,255).

"Pois a mola fundamental da operação analítica é a manutenção da distância entre I e o *a*" (1979,258). Esse é o ponto delicado da manobra da transferência, a necessidade do analista fazer um cálculo preciso.

Dessa maneira, as operações de alienação e de separação se sucedem durante o tratamento, reconstruindo a história do eu do sujeito, a partir da relação transferencial, acrescentando a cada vez algo de simbólico neste movimento: o reconhecimento do desejo.

"No transcurso da análise se trata do complementar essa imagem. Ao mesmo tempo, o sujeito reintegra seu desejo na forma de uma tensão particularmente aguda. Este movimento não se detém numa única revolução. Existem todas as revoluções necessárias para que as diferentes fases da identificação imaginária, narcisista, especular _ esta três palavras são equivalentes no modo de representar as coisas na teoria _ proporcionam uma imagem bem lograda.

Isto não esgota o fenômeno, posto que nada se pode conceber sem a intervenção deste terceiro elemento que introduz a vez passada: a palavra do sujeito.

Neste momento, o desejo é sentido pelo sujeito, e não o pode sentir sem contar com a conjunção da palavra. Este é um momento de pura angústia, e nada mais. O desejo emerge numa confrontação com a imagem. Quando esta imagem que havia sido des-completada, se completa, quando surge a faceta imaginária que não estava integrada, que estava suprimida, recalcada, então aparece a angústia. Este é o ponto fecundo" (1983n,278-9).

"Não é em torno, nem em volta, nem antes, nem depois, senão no momento preciso em que o que está para despontar no imaginário está simultâneamente presente na relação verbal com o analista, quando a interpretação deve se fazer afim de que possa exercer seu valor decisivo, sua função mutativa" (1983n,279).

"O que significa isto? Que se trata do momento em que o imaginário e o real da situação analítica se confundem entre si. É o que lhes estou explicando. O desejo do sujeito está ali, na situação, ao mesmo tempo presente e inexprimível" (1983n,279).

Reintroduzindo esta situação na teoria, pode-se lembrar que "No sujeito humano, o desejo é realizado no outro, pelo outro _na *casa* do outro, como disse o Dr. Pujols_. É este o segundo tempo, o tempo especular, o momento em que o sujeito integrou a forma do eu. Mas só o pode integrar depois de um primeiro jogo de básculo, pelo qual, precisamente, mudou seu eu por esse desejo que vê no outro. A partir de então, o desejo do outro, que é o desejo do homem, entra na mediatização da linguagem. É no outro, pelo outro, que o desejo é nomeado. Entra na relação simbólica do *eu (je)* e o *tu*, numa relação de reconhecimento recíproco e de transcedência, na ordem de uma lei já preparada para incluir a história de cada indivíduo" (1983n,263).

Quanto ao sentido do sintoma: "A recusa deste sentido é o que coloca ao sujeito um problema. Este sentido não lhe deve ser revelado, deve ser assumido por ele. Porisso a psicanálise é uma técnica que respeita à pessoa humana _ tal como hoje a entendemos quando nos demos conta de que a mesma tinha seu valor _ que não só a respeita, senão que não pode funcionar senão a respeitando. Seria então paradoxal colocar em primeiro plano a idéia de que a técnica analítica tem como objetivo forçar a resistência do sujeito" (1983n,53-4).

6.11 O desejo do analista, a ética o dirige

"O fim do meu ensino tem sido, e permanece, o de formar analistas. ...

A formação do psicanalista exige que ele saiba, no processo em que conduz seu paciente, em torno do quê o movimento gira. Ele deve saber, a ele deve ser transmitido, e numa experiência, aquilo de que ele retorna. Esse ponto-pivô, é o que eu designo _ de um modo que, penso, lhes parece já suficientemente motivado, mas que, espero, à medida do nosso progresso, lhes parecerá cada vez mais claro, cada vez mais necessário _ é o que designo pelo nome de *desejo do psicanalista*" (1979,218). "... é o desejo do analista o que em último termo opera na psicanálise" (1983m,390).

"A espera do advento deste ser em sua relação com o que designamos como o desejo do analista no que tem de inadvertido, pelo menos até o momento atual, por sua própria posição, tal é a mola verdadeira e última do que constitui a transferência" (1983l,380). Ele é inadvertido na medida em que traduz demanda em desejo.

Questão de formação: "O que há de ser do desejo do analista para que ele opere de maneira correta ?

O desejo do analista, em cada caso, não pode de modo algum ser deixado fora de nossa questão, pela razão de que o problema da formação do analista o coloca. E a análise didática não pode servir para outra coisa senão levá-lo a esse ponto que designo em minha álgebra como o desejo do analista" (1979,17). Porque Lacan chama de análise didática àquela que corresponderia ao verdadeiro final de análise. Chegar até este ponto, através de sua própria análise, dá-lhe condições de ocupar o lugar de analista e de não confundí-lo com sua própria pessoa. "... a transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e a seu manejo" (1983l,380).

"O ser do analista com efeito está em ação inclusive em seu silêncio, e é na estiagem da verdade que o sustenta quando o sujeito proferirá sua palavra" (1983g,126).

O silêncio pode ser entendido como um artifício válido, desde que bem calculado, no manejo da transferência. "Pois esse silêncio compreende a palavra, como se vê na expressão guardar silêncio, que, para falar do silêncio do analista, não quer dizer somente que não faz ruido, senão que se cala *em lugar de* responder" (1983g,118).

O desejo do analista é dirigido para os traumas e sua persistência, para o desejo de desejo. Neste sentido, é a ética da psicanálise que o comanda. "A questão ética, uma vez que a posição de Freud nos faz progredir nesse domínio, articula-se por meio de uma orientação do referenciamento do homem em relação ao real" (1988,21).

"Para lhes dar fórmulas-referência, direi _ se a transferência é o que, da pulsão desvia a demanda, o desejo do analista é aquilo que a traz ali de volta. E, por esta via, ele isola o *a*, o põe à maior distância possível do I que ele, o analista, é chamado pelo sujeito a encarnar. É dessa idealização que o analista tem que tombar para ser o suporte do *a* separador, na medida em que seu desejo lhe permite ..." (1979,258).

6.12 Desejo é desejo de nada

O desejo do analista dispõe da transferência para daí surgir o desejo do sujeito. "O desejo, função central de toda experiência humana, é desejo de nada nomeável. E esse desejo é o que ao mesmo tempo está à frente de toda espécie de animação.

... O ser chega a existir em função mesmo desta falta. É em função desta falta, na experiência de desejo, como o ser chega a um sentimento de si com respeito de ser" (1983o,334-5).

Em análise não se chega a nomear um desejo. Não existe esta idéia de depurar o processo até, finalmente, se chegar a dizer: este é o seu desejo. "Dito de outro modo, atrás do que é nomeado, o que há é inominável. Por ser inominável, com todas as resssonâncias que este nome lhe pode dar, está aparentado com o inominável por excelência, isto é, com a morte" (1983o,317). Desejo é desejo de nada. Desejo leva a desejo.

"Também você entendeu perfeitamente o que quis dizer quando evoquei a vez passada o desejo, o desejo enquanto revelado por Freud, no nível do inconsciente, como desejo de nada.

Escutou expor esta noite a ilusão, nada rara entre os leitores de Freud, de que sempre reaparece o mesmo significado, significado de muito escasso alcance, como se o desejo do sonho que Freud designa na *Traumdeutung* se resumisse no fim a uma espécie de lista, realmente curta, das pulsões.

Nada disso. Peço-lhes que leiam a *Traumdeutung*, de uma vez por todas e duma só vez, para se convencer do contrário. Mesmo quando Freud aborda ali as mil formas empíricas que pode cobrar este desejo, não há uma só análise que culmine na formulação de um desejo. Finalmente, o desejo ali nunca está revelado. Tudo transcorre nos degraus, nas etapas, nos diferentes escalões da revelação desse desejo. Inclusive em certo momento Freud se ri da ilusão daqueles, depois de ter lido sua *Traumdeutung*, acabam acreditando que a realidade do sonho é a série de seus pensamentos latentes. O próprio Freud diz que se só fosse isto, tal realidade não ofereceria nenhum interêsse. O interessante são as etapas da elaboração do sonho, porque aí é onde se revela o que buscamos na interpretação do sonho, esse *x* que, ao fim e ao cabo, é desejo de

nada" (1983o,316).

"É, diz, o fenômeno constituido pelo fato de que não existe tradução direta possível para um certo desejo recalcado pelo sujeito. Este desejo do sujeito está vedado a seu modo de discurso, e não se pode fazer reconhecer. Porque? Porque entre os elementos do recalque há algo que participa do inefável. Há relações essenciais que nenhum discurso pode expressar suficientemente, só o pode fazer entre-linhas como disse há pouco tempo" (1983n, 354).

A análise cumpre uma função de reconhecimento. "A palavra é essa dimensão através da qual o desejo do sujeito está integrado autenticamente no plano simbólico. Tão só quando se formula, quando se nomeia ante o outro, o desejo, seja qual for, é reconhecido no pleno sentido da palavra" (1983n,272).

"O desejo inconsciente, isto é, impossível de se expressar, encontra de todos os modos um meio para se expressar no alfabeto, na fonemática dos restos diurnos, descarregados eles mesmos de desejo. É este pois um verdadeiro fenômeno de linguagem como tal" (1983n,355).

Isto é: "O que é desejo, desde o momento em que constitui meio da alucinação, da ilusão, e portanto de uma satisfação que é o contrário de uma satisfação? Se damos ao termo desejo uma definição funcional, se para nós é a tensão posta em jogo por um ciclo comportamental, qualquer que seja, se o inscrevemos num ciclo biológico, o desejo se dirige à satisfação real. Se ele se dirige à uma satisfação alucinatória, há então aqui um registro diferente. O desejo se satisfaz em outra parte e não em uma satisfação efetiva. É a fonte, a introdução fundamental do fantasma como tal. Há aqui outra ordem, que não encaminha até nenhuma objetividade senão que por si mesma define as perguntas colocadas pelo registro do imaginário" (1983o,318-9). O fantasma diz respeito às perguntas que o sujeito se faz e que o leva a reconstruir sua história. Se ele não se estagna nestas perguntas, ele gera desejo, gera futuro.

O desejo fundamental é o do incesto, o do reencontro com das Ding. Este é o princípio da lei primordial. Ele está interditado (1988), contudo a satisfação do desejo se encontra em ele poder ser reconhecido, confessado. Sua satisfação é simbólica (1983o). "O desejo surge no momento de encarnar-se numa palavra, surge com o simbolismo" (1983o,350). Atrás do nomeável está o não nomeável. "O material significante fonemático, hieróglifo, etc...

está constituido por formas destituidas de seu sentido próprio e retomadas numa nova organização através da qual consegue expressar-se outro sentido. Freud chama *Übertragung* exatamente a este processo" (1983n,355).

Permitir ao sujeito nomear seu desejo. Foi neste ponto no qual, para Lacan, Freud se enganou com Dora e, daí se tira um ensinamento: é o paciente que deve reconhecer seu desejo. "Uma vez realizado este movimento de báscu-lo, pelo qual o sujeito no mesmo momento em que sua palavra reintegra a palavra do analista, está lhe permitindo um reconhecimento de seu desejo. Isto não se produz em uma só vez. Ao ver o sujeito que se aproxima esta completude, tão preciosa, avança entre essas nuvens como em um espelhismo. Freud pode ocupar seu lugar a nível do *Ich-Ideal* tão só na medida em que o sujeito reconquista seu *Ideal-Ich*" (19833n,274-5). "Para dar o passo seguinte, será necessário aprofundar a função do *Ideal-Ich* cujo lugar ocupa, vocês o vêem, durante algum tempo o analista na medida em que realize sua intervenção no lugar adequado, no momento adequado, no lugar adequado" (1983n,276).

6.13 O manejo do tempo da sessão

A manobra técnica, relativa ao tempo da sessão, relaciona-se à sua duração não ser préestabelecida. Isto é possível, visto que o inconsciente tem o seu próprio tempo para se revelar e do fato de que o analisando tende a se acostumar com o tempo regular de uma sessão a ponto de se tornar apto a controlar o que ali pode acontecer. Ele visa manter o que diz como tendo valor de verdade, pontuando à sua maneira as suas associações para que daí não surja outro sentido e, assim colaborando para o fechamento do inconsciente.

Partindo desta referência, a interrupção provocada pelo analista tem por objetivo dar condições para que irrompa a palavra plena. Isto impõe a que "A suspensão da sessão não pode ser experimentada pelo sujeito como uma pontuação em seu progresso. Sabemos como calcula o vencimento desta sessão para articulá-lo com seus próprios prazos, inclusive com suas próprias escapatórias, como antecipa esse progresso equilibrando-o à maneira de uma arma, espiando-o como um abrigo" (1983a,130). A interrupção se dirije ao que é inadvertido. Ela não deve dar margem ao gozo.

"É um fato que se comprova folgadamente na prática dos

textos das escrituras simbólicas, já se trate da Bíblia ou dos conegos chineses: a ausência da pontuação é neles uma fonte de ambigüidade, a pontuação uma vez colocada fixa o sentido, sua mudança o renova ou o transtorna, e, se é equivocada, equivale a alterá-lo" (1983a,130-1). A pontuação, que pode ser utilizada na forma de interrupção da sessão, interfere no rumo que estava sendo tomado.

Agora, tudo isto leva a concluir que este corte, para causar o efeito requerido, deve ser muito bem calculado. Caso contrário, o resultado coloca o trabalho a se perder.

"A indiferença com que o corte do *timing* interrompe os momentos de apressar no sujeito pode ser fatal para a conclusão para a qual se precipitava seu discurso, e inclusive fixar nele um mal-entendido, se não é que dá pretexto a um ardil de retorção.

Os principiantes parecem mais impressionados pelos efeitos desta incidência, os quais fazem pensar que os outros se submetem à sua rotina.

Sem dúvida a neutralidade que manifestamos ao aplicar estritamente esta regra mantém a via do nosso não-atuar. ...

O perigo de que este ponto tome um valor obsessivo no analista é simplesmente o de que se preste à conveniência do sujeito ..." (1983a,131). Nestes casos, fica patente que a técnica não pode, em análise, ser usada como tendo o valor de regras a serem repetidas automaticamente, pois a sua consequência é desastrosa para o propósito do processo. O que deve decidir sobre se é o momento ou se não é o momento de cortar a sessão, não é em absoluto o préestabelecimento de um novo tempo regulamentar fixo ou como uma faixa de tempo variável. O tempo é determinado pelo andamento da sessão e pelo efeito que o analista busca ocasionar com relação ao material inconsciente do sujeito.

"O que lhe dá significação é o momento em que paramos a máquina. Os cortes temporais que nela fazemos. Se eles são incorretos, ver-se-ão surgir ambigüidades as vezes difíceis de resolver, mas ao que sempre se acabará confirmando uma significação" (1983o,421-2).

"O tempo lógico é constituído por três tempos. Primeiro, o *instante de ver* que não é sem mistério, se bem que bastante definido nessa experiência psicológica de ope-

ração intelectual que é o *insight*. Depois, *o tempo de compreender*. Enfim, o *momento de concluir*" (1979,42).

"... que a escansão do tempo lógico inclui o que chamei o momento de compreender, justamente de um efeito produzido (que retome meu sofisma) pela não-compreensão, e que ao eludir em suma o que constitui a alma de seu artigo ajuda a que se compreenda a margem" (1987a,18). Neste contexto, compreender é perceber ali algo que está além do que disse. É retornar ao que foi dito, dando-lhe uma significação que só pode acontecer *depois* de ter falado. "O que se modifica não é o que vem depois, senão tudo o que está antes. Temos um efeito de *apres-coup*..." (1983o,278).

Novamente, o analista não pode perder de vista o princípio pelo qual acredita na ignorância. "O analista, com efeito, não poderia aprofundar-se nela senão reconhecendo em seu saber o sintoma de sua ignorância, e isto no sentido propriamente analítico de que o sintoma é o retorno do recalcado no compromisso, e que o recalque aqui como em qualquer outro lugar é censura da verdade. A ignorância com efeito não deve se entender aqui como uma ausência de saber, senão, como o amor e o ódio, como uma paixão do ser; pois pode ser, como eles, uma via na qual o ser se forma.

O fruto positivo da revelação da ignorância é o não-saber, que não é uma negação do saber, senão sua forma mais elaborada" (1983g,125).

6.14 As paixões do ser: amor, ódio e ignorância

"O desejo se produz no mais além da demanda, pelo fato de que ao articular a vida de um sujeito a suas condições, poda nela a necessidade, mas também se torna ôco em seu mais para cá, pelo fato de que, demanda incondicional da presença e da ausência, evoca a falta em ser sob as três figuras do nada que constitui o fundo da demanda de amor, do ódio que vem a negar o ser de um outro, e do indizível do que se ignora em seu pedido" (1983c,260-1).

O desejo pressupõe o reconhecimento da falta do complemento do Outro. O amor camufla a falta exigindo do outro a complementariedade. O ódio o faz, indo contra o desejo do outro e a ignorância dissimula que nem tudo pode ser falado.

"O que deste modo ao Outro lhe é dado acumular e que é propriamente o que não tem, posto que a ele também lhe falta o ser, é o que se chama o amor, mas é também o ódio e a ignorância.

É também, paixão de ser, o que evoca toda demanda mais além da necessidade que se articula nela, e é sem dúvida aquilo de que o sujeito fica privado, tanto mais propriamente quanto mais satisfeita fica a necessidade articulada na demanda.

... Pois o ser da linguagem é o não ser dos objetos, e que o desejo tenha sido descoberto por Freud em seu lugar no sonho, desde sempre escândalo de todos os esforços do pensamento por se situar na realidade, basta para nos instruir" (1983c,259).

Isto se liga ao paradoxo do sujeito acreditar que o seu bem seria o reencontro com das Ding; o que é, em verdade, um mal. Pois se o sujeito persiste em sua paixão em ser e, neste caso, encontra um Outro que também confunde desejo com necessidade, querendo assim satisfazê-lo, o que pode aí ocorrer ? "Mas a criança não dorme sempre assim no seio do ser, sobretudo se o Outro, que por sua vez tem suas idéias sobre suas necessidades, se intromete, e em lugar do que não tem, lhe empanturra com o mingau asfixiante do que tem, isto é, confunde seus cuidados com o dom de seu amor.

É à criança que se alimenta com mais amor a que recusa o alimento e joga com sua recusa como com um desejo (anorexia mental).

Confins aonde se capta como em nenhuma outra parte que o ódio paga ao amor, mas aonde é a ignorância a que não se perdoa.

Afinal de contas, a criança, ao se negar a satisfazer a demanda da mãe, não exige acaso que a mãe tenha um desejo fora dela, porque é este o caminho que lhe falta até o desejo?" (1983c,259).

"No ponto de partida da psicanálise este mais além é o inconsciente, enquanto que não o podemos alcançar; é a transferência, enquanto modula verdadeiramente os sentimentos de amor e de ódio, que não são a transferência: a transferência é aquilo mercê da qual podemos interpretar essa lingugem composta por tudo o que o sujeito pode nos apresentar, linguagem que fora da psicanálise é, em princípio, incompleta e incompreendida. Isso é o mais além do princípio do prazer: o mais além da significa-

ção. Ambos se confundem" (1983o,283).

"Este esquema presentifica o seguinte: só na dimensão do ser, e não na do real, podem se inscrever as três paixões fundamentais: na união entre o simbólico e o imaginário, essa ruptura, essa aresta que se chama o amor; na união entre o imaginário e o real, o ódio; na união entre o real e o simbólico, a ignorância" (1983n,394).

"Entretanto, o sujeito que vem a se analisar coloca como tal, na posição de quem ignora. Sem esta referência não há entrada possível na análise; nunca se a nomeia, nunca se pensa nela, quando na realidade é fundamental" (1983n,394). No amor e no ódio não se estabelece brecha para o desejo. A ignorância gera Sujeito Suposto Saber, gera transferência. E esta é da ordem da insistência.

A análise não opera só com a reconstituição da imagem narcisista e na possibilidade de a articular ao simbólico.

"O que é uma praxis? Parece-me duvidoso que este termo possa ser considerado como impróprio no que concerne à psicanálise. É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que seja ela, que o põe em condições de tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário". (1979,14).

"O que acontece com isso vocês o podem ver: *o que não chegou à luz do simbólico aparece no real*" (1983i,149).

"Na ordem simbólica, os vazios são tão significantes como os cheios; parece efetivamente, escutado Freud hoje, que é a hiância de um vazio a que constitui o primeiro passo de todo movimento dialético.

Este exemplo toca em outro modo de inteferência entre o simbólico e o real, desta vez não um que faça o sujeito sofrer, senão que o sujeito atua. É efetivamente deste modo de reação o que se designa na técnica com o nome de *acting-out* sem que fique sempre bem delimitado seu sentido..." (1983i,153).

6.15 Fantasma: pano que encobre o eu

Como Lacan caracteriza o neurótico ? O neurótico identifica a falta do Outro com sua demanda (1983d). "Resulta disso que a demanda do Outro toma função de objeto em

sua fantasia... " (1983d,335).

"... o desejo se regula sobre a fantasia assim estabelecido, homólogo ao que acontece com o eu com relação à imagem do corpo" (1983d,328). O sujeito se organiza a partir do Outro. Já foi visto que o desejo é desejo do Outro. Assim, "O desejo reproduz nisso a relação do sujeito com o objeto perdido" (1983m,389), com o seu movimento de tentar satisfazer ao que ele acha que o Outro quer dele.

E se o recalque funciona como uma barreira na direção do real _ onde se encontra das Ding _ "O que há para além dessa barreira? Não esqueçamos que se sabemos que existe barreira e que existe um para-além _ do que existe para além dela, nada sabemos.

Dizer, como alguns sustentaram partindo da nossa experiência, que se trata do mundo do mêdo, é partir precipitadamente. Centrar nossa vida, centrar até mesmo nosso culto no mêdo como termo derradeiro, é um êrro _ o medo com seus fantasmas já é uma defesa localizável, uma proteção contra algo que está para além, e que é precisamente o que não sabemos" (1988,283).

O fantasma é a proteção em relação a algo que está para além (1988).

"O real suporta a fantasia, e a fantasia protege o real" (1979,44). "O lugar do real, que vai do trauma à fantasia _ na medida em que a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição..." (1979,61).

Pela lógica lacaniana "... a única entrada ao real para o sujeito é o fantasma" (1984c,44).

O fantasma é uma imagem, cena, que funciona na estrutura significante, que se organiza na cadeia de significantes. (1983c). Entretanto, não é uma cena qualquer. Ela serve de substrato para tudo o que o sujeito faz. Porisso Lacan referiu-se a ele como o que organiza todas as perguntas do sujeito sobre ele mesmo. "O que ocorre com o sujeito parece incapaz de alterar a imagem em questão, mesmo usando até gastar" (1988,247).

" O fantasma se define pela forma mais geral que recebe de uma álgebra construída por nós para este efeito, ou seja a fórmula ($◊a), onde a punção se lê "desejo de", que deve-se ler igual no sentido retrógrado, introduzindo uma identidade que se funda numa não-reciprocidade

absoluta (relação coextensiva às formações do sujeito).

... Articula com efeito o prazer ao que se substituiu um instrumento (objeto *a* da fórmula) com a espécie de divisão sustentada do sujeito que ordena a experiência" (1983k,346).

"O desejo se satisfaz em outra parte e não numa satisfação efetiva. É a fonte, a introdução fundamental do fantasma como tal. Há aqui outra ordem, que não se encaminha até nenhuma objetividade senão que por si mesma define as perguntas formuladas pelo registro do imaginário" (1983o,319).

O fantasma acaba por ser passível de ser formulado em uma frase, tal como Freud desenvolveu a frase "Bate-se numa criança". Ele faz parte das estruturas neuróticas. Tem a função de axioma, isto é, "... que se distingue das leis, variáveis, de dedução, que em cada estrutura especificam a redução dos sintomas, por figuras na estrutura de modo constante" (1984c,44). Ele é permanente, distinguindo-se do que na estrutura neurótica se expressa como sintoma. O fantasma mostra o lugar que o Outro ocupa para o sujeito. Che vuoi? O que quer de mim? Quanto me quer?

O fantasma é, então, o pano que encobre o eu.

"É pois a posição do neurótico com relação ao desejo, digamos para abreviar a fantasia, o que vem a marcar com sua presença a resposta do sujeito à demanda, dito de outra maneira à significação de sua necessidade" (1983c, 269).

"Mas esta preeminência? dada pelo neurótico à demanda, ... oculta sua angústia do desejo do Outro, impossível de desconhecer quando só está coberta pelo objeto fóbico, mais difícil de compreender para os outros dois neuróticos, quando não se tem o fio que permite estabelecer a relação da fantasia como desejo do Outro. Encontram-se então seus dois termos como fendidos: um no obsessivo, na medida em que nega o desejo do Outro ao formar sua fantasia acentuando o impossível do desvanecimento do sujeito, o outro no histérico na medida em que o desejo só se mantém pela insatisfação que traz ali escapando como objeto" (1983d,335).

Uma observação que cabe com relação à palavra fantasma é que ela significa o mesmo que fantasia. A questão aqui é de tradução porque, em francês, a referência é a palavra fantôme.

6.16 A falta simbólica

"A medida que as diferentes linguagens de uma civilização se tornam cada vez mais complexas, seu laço com as formas mais primitivas da lei se reduz a esse ponto essencial _ esta é a teoria freudiana estrita _: o complexo de Édipo. É aquele que, do registro da lei, repercute na vida individual, como o vemos na neurose. É o ponto de interseção mais constante, o ponto minimamente exigível" (1983n,293). É o que marca uma proibição e daí decorre ser palco da luta pela tentativa de transgredí-la. Esta marca é determinada no nível simbólico, presente em toda cultura, embora variando com aquela na qual o sujeito está inserido.

"Agora, a realização da posição sexual no ser humano está vinculada, nos diz Freud _ e nos diz a experiência _, à prova da travessia de uma relação fundamentalmente simbolizada, a do Édipo, que entranha uma posição que aliena o sujeito, vale dizer que o faz desejar o objeto de outro, e o põe por procuração de outro. Encontramo-nos então aí ante uma posição estruturada na duplicidade mesma do significante e do significado" (1984a,253). Fala-se uma coisa para esconder outra.

"... o que a análise articula é que, no fundo, é mais cômodo sujeitar-se ao interdito do que incorrer na castração" (1988,367). O desejo sempre quer ultrapassar o limite. (1988).

"O sujeito encontra seu lugar num aparato simbólico préformado que instaura a lei na sexualidade. E esta lei só lhe permite realizar sua sexualidade no plano simbólico. O Édipo quer dizer isso, e se a análise não o soubesse não haveria descoberto nada" (1984a,242).

Neste ponto costuma surgir a pergunta: e algo aí pode ser modificado ? Sim, é possível. "... o Édipo entra no seu declínio na medida em que o sujeito tem de fazer seu luto do falo" (1986,82).

O falo, enquanto no campo imaginário, enquanto parte faltante da imagem desejada, é experimentado como perdido. Ao sair da volta em sua relação com o Outro _ organização simbólica _ o sujeito está no fim deste movimento. Nesta oportunidade, a falta se situa como falta simbólica (1986).

6.17 Sublimação: criar do nada

Por motivo do acesso à Coisa estar proibido, quando faz referência à pulsão, Lacan recorda que ela não tem um objeto que a satisfaça. Ele pode ser qualquer um, isto é, pode ser substituído, pois a pulsão não o atinge diretamente. Ela o contorna, diz ele. O objeto é, então, faltante. Acontece que ela é atraída por ele e acaba por obter satisfação fora de seu alvo (1988).

O objeto ganha sua importância porque se liga a uma imagem, muito embora ele não seja a Coisa. Exatamente este efeito é o que a sublimação conquista. "... ela eleva um objeto ... à dignidade da Coisa" (1988,140-1).

"No nível da sublimação o objeto é inseparável de elaborações imaginárias e, muito especialmente, culturais". A coletividade "... ela encontra aí o campo de descanso pelo qual ela pode, de algum modo, engodar-se a respeito de *das Ding*. É nesse sentido que as sublimações coletivas, socialmente recebidas, se exercem" (1988,126). Ele continua: "A sociedade encontra uma certa felicidade nas ilusões que lhes fornecem moralistas, artistas, artesãos, fabricantes de vestidos ou de chapéis, os criadores de formas imaginárias. Mas não é apenas na sanção que ela confere a isso, ao se contentar, que devemos buscar o móvel da sublimação. É na função imaginária, muito especialmente, aquela a propósito da qual a simbolização da fantasia ($\$ \diamond a$) nos servirá, que é a forma na qual o desejo do sujeito se apóia.

Nas formas especificadas historicamente, socialmente, os elementos a, elementos imaginários da fantasia, vêm recobrir, engodar o sujeito no ponto mesmo de *das Ding*" (1988,126).

Lacan dá o exemplo de uma coleção de caixas de fósforos que foram encaixadas "... umas nas outras, formando uma fita coerente que corria sobre o rebordo da lareira, subia na murada, passava de ponta a ponta pelas cimalhas e descia de novo ao longo de uma porta" (1988,143), dando uma visão extremamente satisfatória. Isto é, "... a maneira como uma obra nos toca mais profundamente, ou seja, no plano inconsciente, se deve a um arranjo, à sua composição..." (1986,29) que expressa algo da subjetividade humana: o problema do desejo.

"Numa peça ruim, há um inconsciente tão presente, ainda mais presente, do que numa boa. Se nos emocionamos com

uma peça de teatro, não é pelo que ela representa de esforço, nem pelo que, sem se dar conta, seu autor deixou passar. É por causa, eu repito, do lugar a ocupar que ela oferece àquilo que se esconde em nós de problemático na nossa própria relação com nosso próprio desejo" (1986,30).

Sublimação liga-se à pulsão de morte. É criar do nada. No entretanto, nem tudo pode ser sublimado. "Em suma, é o efeito da incidência do significante sobre o real psíquico que está em causa, e é por essa razão que a empresa sublimatória não é pura e simplesmente insensata sob todas as suas formas _ responde-se com que está em jogo" (1988,168).

Há a construção de um objeto de anamorfose que Lacan explica como sendo "... toda espécie de construção feita de tal maneira que, por transposição ótica, uma certa forma, que não é perceptível à primeira vista, se reúne em uma imagem legível. O prazer consiste em vê-la surgir de forma indecifrável" (1988,168). A beleza oculta o vazio.

CAPÍTULO 7

ATÉ ONDE VAI UMA ANÁLISE ?

Em princípio Lacan coloca a questão de um modo até muito simples. "Os neuróticos são aqueles que são a maioria.

O que é chamado um sintoma neurótico é simplesmente alguma coisa que lhes permite viver. Eles vivem uma vida difícil e nós tentamos de lhes aliviar seu desconforto.

Eu posso somente testemunhar sobre aquilo que minha prática me fornece. Uma análise não é para ser conduzida muito longe. Quando o analisante pensa que está feliz de viver, é suficiente" (1984e,15).

A psicanálise está aí no que o sujeito precisa recuperar o sentido de seu sintoma. Quando ele achar que é o bastante, então se dá o seu término. A análise deve ir até onde se propõe o analisante e só ele percebe este ponto, sendo que pode até mesmo levar sua análise até o seu final.

Contudo, esta situação não inclui a da pessoa que deseja ser analista. Esta deve levar sua análise até o fim, sob pena de não conseguir realizar seu trabalho em psicanálise, de não ter feito sua formação _ a análise didática.

Entre estas duas possibilidades vislumbra-se uma terceira, cujo término é ocasionado, neste caso, pelo analista: quando a análise é interrompida.

7.1 O término como interrupção

O processo analítico pode cessar prematuramente devido a um impasse causado por certo tipo de falha técnica do analista. Lacan chama a atenção para um engano em relação à tarefa do analista decorrente do fato de alguns deles entenderem a resistência como existindo exclusivamente por parte do paciente e de, a partir disso, enfrentá-la diretamente, denunciando um propósito sexual, objetivo, que estaria sendo ocultado.

"Quando Freud afirma que o desejo sexual está no centro do desejo humano, todos seus seguidores o acreditam, tanto o acreditam que ficam persuadidos de que é muito simples e só o que falta é fazer a ciência do isso, a ciência do desejo sexual, força constante. É suficiente afastar os obstáculos, e a coisa andará por si só. É suficiente dizer ao paciente: você não se dá conta, mas o objeto está aí. Isto é o que em primeira instância se apresenta como a interpretação.

Mas a coisa não anda. Neste momento _ é o ponto de viragem _ diz-se que o sujeito resiste. Porque se diz isto? Porque Freud também o disse. Mas o que quer dizer *resistir* compreendeu-se tanto quanto se compreendeu *desejo sexual*. Pensa-se que se deve empurrar. E é aí aonde o próprio analista sucumbe ao engôdo. Mostrei-lhes o que significava a insistência do lado do sujeito que sofre. Pois bem, o analista se põe no mesmo nível, insiste a seu modo, e de forma evidentemente muito mais tola, já que consciente.

Desde a perspectiva que lhes acabo de abrir, são vocês que provocam a resistência. A resistência, no sentido em que a entendem, ou seja uma resistência que resiste, só resiste porque vocês fazem pressão em cima. Por parte do sujeito, não há resistência. O que o próprio Freud chama nesta ocasião *inércia*, não é uma resistência: como qualquer classe de inércia, é uma espécie de ponto ideal. São vocês que para entender o que se passa, a supõem. Não estão errados, sempre e quando não esqueçam de que se trata de sua hipótese. Isto significa, simplesmente, que há um processo, e que para o compreender vocês imaginam um ponto zero. A resistência só começa a partir do momento em que desde esse ponto zero tentam, com efeito, fazer avançar o sujeito.

Em outros termos, a resistência é o estado atual de uma interpretação do sujeito. É a forma em que, nesse mesmo momento, o sujeito interpreta o ponto em que está. Dita resistência é um ponto ideal abstrato. São vocês que chamam a isso resistência. Esta significa , simplesmente, que não pode avançar mais depressa, e ante isso vocês não têm nada que dizer. O sujeito está no ponto em que está. Trata-se de saber se avança ou não. É óbvio que não tem nenhuma tendência a avançar, mas por pouco que fale, por mínimo que seja o valor do que diz, o que diz é sua interpretação do momento, e a seqüência do que diz é o conjunto de suas interpretações sucessivas. Para ser exato, a resistência é uma abstração que vocês metem aí para se orientar. Introduzem a idéia de um ponto morto ao qual chamam resistência, e de uma força que faz

com que isso avance. Até aí está correto. Mas se disso passam à idéia de que a resistência é algo que se deve *liquidar*, como se escreve a torto e a direito, chegam ao absurdo puro e simples. Depois de ter criado uma abstração, dizem: *tem que fazer desaparecer esta abstração, é preciso que não haja inércia*" (1983o,340-1).

Este momento de interrupção ou de diminuição da associação por parte do sujeito é devido a estar passando por um instante de cristalização imaginária que acabará por envolver o analista, dentro da relação transferencial. Não há como nem porque o atropelar, isto é, como acelerar para que logo o transponha. Ele precisa ser vivido transferencialmente para poder vir a ser nomeado.

O analista não tem o que dizer pelo paciente, até mesmo porque esta situação ainda vai precisar ganhar contornos que ele mesmo desconhece. E essa atitude de tomar o material psíquico como se fosse consciente e objetivo _ como se a resistência fosse do sujeito _ demonstra que quem não está suportando a carga imaginária é o analista. A resistência é do analista e provoca que ele saia de seu lugar. E muitas das vezes termina por empurrar o paciente para fora da análise.

"Resistência há uma só: a resistência do analista. O analista resiste quando não compreende o que tem a frente. Não compreende o que tem a frente quando acredita que interpretar é mostrar ao sujeito que o que deseja é tal objetivo sexual. Ele se equivoca. O que imagina que é aqui objetivo, só é uma pura e simples abstração. É ele quem está em estado de inércia e de resistência.

Pelo contrário, do que se trata é de ensinar ao sujeito a nomear, a articular, a permitir a existência desse desejo que, literalmente, está mais para cá da existência, e porisso insiste. Se o desejo não ousa dizer seu nome, é porque o sujeito todavia não fez surgir esse nome.

Podem apreciar que a ação eficaz da análise consiste em que o sujeito chegue a reconhecer e a nomear seu desejo. Mas não se trata de reconhecer algo que estaria ali, totalmente dado, pronto para ser ligado. Ao nomeá-lo, o sujeito cria, faz surgir, uma nova presença no mundo. Introduz a presença como tal, e, ao mesmo tempo, cava a ausência como tal. Unicamente neste nivel é concebível a ação da interpretação" (1983o,341-2).

"O que merece chamar-se resistência se deve a que o eu não seja idêntico ao sujeito, e que é próprio da natureza do eu o integrar-se no circuito imaginário que condi-

ciona as interrupções do discurso fundamental. Sobre essa resistência coloca Freud o acento quando diz que toda resistência procede da organização do eu. Porque é enquanto imaginário, e não simplesmente enquanto existência carnal, que o eu se encontra, na análise, na fonte das interrupções de um discurso que só pode passar em atos, em palavras, ou em *Wiederholen*, é o mesmo.

Quando lhes digo que a única resistência verdadeira na análise é a resistência do analista, isto significa que uma análise só é concebível na medida em que o *o* está barrado. Na análise deve-se cumprir certa purificação subjetiva _ do contrário, para que todas essas cerimônias às quais nos entregamos? _, de modo que durante todo o tempo da experiência analítica se possa confundir o polo *o* com o polo O" (1983o,478).

Para que tenha como manejar essas oscilações, torna-se necessário que o analista não se confunda quanto à sua função. "Digo num dado momento, que o analista deve pagar algo para ocupar sua função.

Ele paga com palavras _ suas interpretações. Ele paga com sua pessoa, pelo seguinte _ pela transferência ele é literalmente despossuído dela" (1988,349).

"Porisso alguma vez disse que não há na análise outra resistência que a do analista. Porque este preconceito não pode ceder ante uma verdadeira conversão dialética, e mesmo é preciso que se mantenha no sujeito por um exercício contínuo. A isso se reduz verdadeiramente todas as condições da formação de um analista" (1983h,137).

7.2 O final de análise

Durante o decorrer do processo analítico, já se sabe que o eu se constitui em relação ao outro, sendo o analista colocado no lugar deste outro, como semblante do objeto *a*, como o ideal do objeto *a* para o analisando. E, percorrendo os círculos de alienação e de separação, o sujeito vai reconstruindo sua história.

Mas análise é sair deste círculo vicioso. Sair da transferência como enganchamento do eu no outro (1983n). "Uma vez realizado o número de voltas necessárias para que apareçam os objetos do sujeito, e para que sua história imaginária seja completada, uma vez nomeados e reintegrados os desejos sucessivos, que criam tensão, suspen-

sos, angustiantes de um sujeito, entretanto, nem tudo está terminado" (1983n,293-4).

O final de análise _ e na analogia utilizada por Freud quanto ao jogo de xadrez _ o final da partida é, na formação lacaniana, a análise didática.

"Com o que chamei final de partida, estamos _ por fim _ no osso do nosso discurso desta noite. O término da psicanálise chamada de forma redundante didática é, com efeito, o passo do psicanalisante ao psicanalista" (1987a,16).

"Toda a experiência analítica não é senão o convite para a revelação de seu desejo..." (1988,270). Sendo que o desejo corresponde ao que subjaz ao próprio deslocamento da demanda, à metonímia do significante. O desejo "... não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a própria mudança de objeto em si" (1988,352).

A partir desta concepção, o final de análise _ a revelação do desejo _ não se coaduna com o que foi demandado pelo sujeito, pois a revelação é de que o desejo sustenta a fala. A psicanálise reduz o desejo a um significante qualquer. Não há um objeto que o satisfaça.

"Primeiramente, será que é o final da análise o que nos demandam? O que nos demandam, é preciso chamá-lo por uma palavra simples, é a felicidade" (1988,350). Mas " a demanda é sempre de outra coisa" (1988,353). Ela se refere a uma falta em ser.

E o que aconteceu no processo analítico desde esta demanda?

"O esquema que lhes deixo como guia da experiência, como também da leitura, lhes indica que a transferência se exerce no sentido de reduzir a demanda à identificação. É na medida em que o desejo do analista, que resta um *x*, tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade inconsciente, a pulsão" (1979,258-9).

O sujeito desconhece sua divisão inaugural e o faz por meio do fantasma. É o que ilustra como o sujeito pensa sustentar o desejo do Outro. Daí o sujeito não saber dele. Então, o processo vai se encaminhar para que o sujeito se dê conta do lugar aonde se situou frente ao Ou-

tro para ocultar sua falta _ o seu fantasma fundamental. E, em sua continuação, essa experiência o leva a perceber que aí algo não se complementa, algo resta. Permanece um vazio, relativo a um mais além, à pulsão.

A relação imaginada complementar, relação de amor, visa a capturar o outro em si mesmo. Este é a razão para Lacan dizer: não há relação sexual. "O *não há relação sexual* não implica que não haja relação com o sexo. É precisamente o que a castração demonstra, mas não mais: isto é, que esta relação com o sexo seja distinta em cada metade, pelo fato mesmo que as reparta" (1984g,35).

No jogo entre o imaginário e o simbólico, eis que o real aí transpira, não por seu acesso direto, mas por que a ele é feita uma alusão. Nem tudo pode ser dito. Não se está todo aí. A presença acaba por aludir uma ausência.

A busca é de felicidade, de complementariedade e o sujeito se depara com um vazio intransponível.

Existe uma ultrapassagem da identificação do sujeito ao analista "... e esse mais-além se define pela relação e pela distância do objeto *a* minúsculo ao I maiúsculo idealizante da identificação" (1979,257). É bom ter clareza de que as identificações satisfazem ao desejo, porém não à pulsão.

"Essa travessia do plano da identificação é possível. Cada qual daqueles que viveram até o fim comigo, na análise didática, a experiência analítica, sabe que o que eu digo é verdade"(1979,258).

"O que o analista tem a dar, contrariamente ao parceiro do amor, é o que a mais linda noiva do mundo não pode ultrapassar, ou seja, o que ele tem. E o que ele tem nada mais é do que seu desejo, como o analisado, com a diferença de que é um desejo prevenido.

O que pode ser um tal desejo, propriamente falando, o desejo do analista? Desde já, podemos no entanto dizer o que ele não pode ser. Ele não pode desejar o impossível" (1988,360).

Para poder sustentar numa relação que a complementariedade não existe é que o analista precisa passar, ele mesmo, pelo final de análise. Se ele não se vê como barrado, castrado, não terá como lidar com o registro do real.

"Todo o empreendimento freudiano esbarrou nisso. Freud,

no final de seus últimos artigos, *Análise terminável e interminável*, nos diz que, no termo derradeiro, a aspiração do paciente se quebra numa nostalgia irredutível sobre isto, que o falo, de modo algum ele poderia sê-lo, e que para não o ser, ele só poderia tê-lo na condição do *Penisneid* na mulher, da castração no homem" (1988,359).

"Eis o que convém relembrar no momento em que o analista se encontra em posição de responder a quem lhe demanda a felicidade. A questão do Bem Supremo se coloca ancestralmente para o homem, mas ele, o analista, sabe que essa questão é uma questão fechada. Não somente o que se lhe demanda, o Bem Supremo, é claro que ele não o tem, como sabe que não existe. Ter levado uma análise a seu termo nada mais é do que ter encontrado esse limite onde toda a problemática do desejo se coloca" (1988,359).

"Enfim, o simbólico, ao se dirigir para o real, nos demonstra a verdadeira natureza do objeto *a*" (1982,128). O real, ao qual o discurso analítico se dirige, não se mistura com o que geralmente se entende por realidade. A realidade é a fantasia, criação imaginária, e se guia por um ideal. "O real só se poderia inscrever por um impasse de formalização" (1982,125)

E quanto à distância entre pulsão e significante _ marcada pela operação de alienação _ "Da mesma forma, é impossível para o psicanalista, se seu desejo é prevenido. consentir em deter-se no engodo que constitui a aspiração a uma redução dessa distância a nada" (1988,361). Neste sentido, é fundamental o analista não incorporar a imagem fálica que se presentifica na relação imaginária do sujeito (1988,361).

"Uma teoria que inclui uma falta que deve tornar-se a encontrar em todos os níveis; inscrever-se aqui como indeterminação, ali com certeza e formar o nó do não interpretável; nela me esforço, sem deixar de experimentar sua atopia sem precedentes. A pergunta aqui é: quem sou eu para ousar uma tal elaboração? A resposta é simples: um psicanalista. A resposta é suficiente, se limita seu alcance ao que tenho de um psicanalista: a prática.

... Ali justamente se encontra o *impasse*, mas em sua posição de sujeito enquanto que inscrita no real: uma tal inscrição é o que define propriamente o ato" (1987b,34-5). O ato psicanalítico é aquele que leva a que o sujeito mude.

O analista, "Enfim, é preciso que ele pague com um certo

julgamento no que diz respeito à sua ação" (1988,350).

Não se deixar absorver pela situação imaginária não significa afastamento. "Nunca dizemos que o analista jamais deve experimentar sentimentos frente a seu paciente. Mas deve saber, não só não ceder a eles, pô-los em seu lugar, senão usá-los adequadamente em sua técnica" (1983n, 57).

"Há uma fórmula que, antes de ser analista, eu havia colocado _ usando meus escassos dons psicológicos _ na base da pequena bússola que utilizava para avaliar certas situações. Dizia-me gostosamente: *Os sentimentos são sempre recíprocos*. Apesar das aparências, isso é absolutamente verdadeiro. Desde o momento em que se põe a dois sujeitos no mesmo campo _ digo dois, não três _ os sentimentos são sempre recíprocos" (1983n,58). Porisso Lacan se refere ao discurso, ao simbólico, como um terceiro com o papel de descriminante. O analista escuta, porém o sujeito também se escuta. Isso faz uma grande diferença.

"Com efeito, a posição do psicanalista está suspensa à uma relação muito hiante. Mas não só a ela, pois se lhe requer que constitua a teoria do equívoco essencial do sujeito na teoria: o que chamamos o sujeito suposto saber" (1987b,34). E critica a quem diz que, no final, a transferência deve ser liquidada. "Se a transferência é a atualização do inconsciente, será que se quer dizer que a transferência poderia ser para liquidar o inconsciente ? Ou será que é o sujeito suposto saber, para tomar minha referência, que deveria ser liquidado como tal?

Seria no entanto singular que esse sujeito suposto saber, suposto saber algo de vocês, e que, de fato, não sabe nada de vocês, pudesse ser considerado como liquidado, no momento em que, no fim da análise, ele começa justamente, sobre vocês pelo menos, a saber um pouco. É então no momento em que ele mais tomaria consistência que o sujeito suposto saber deveria ser suposto vaporizado. Então só se poderá tratar, se o termo liquidação tem sentido, da liquidação permanente dessa tapeação pela qual a transferência tende a se exercer no sentido de fechamento do inconsciente. Eu lhes expliquei seu mecanismo ao referí-lo à relação narcísica pela qual o sujeito se faz objeto amável. Por sua referência àquele que deve amá-lo, ele tenta induzir o Outro a uma relação de miragem na qual o convence de ser amável" (1979,253).

"O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver" (1988,260). Pois existe uma ordem simbólica inaugural fora dos limites da vida. "E a pulsão de morte não é senão a máscara da ordem simbólica, enquanto que _ Freud o escreve _ está muda, isto é, enquanto não se realizou. Embora o reconhecimento simbólico não se tenha estabelecido, por definição, a ordem simbólica está muda.

A ordem simbólica, por sua vez não-sendo e insistindo em ser, aponta Freud quando nos fala da pulsão de morte como a mais fundamental: uma ordem simbólica nascendo, vindo, insistindo em ser realizada" (1983o,481).

"Uma criatura precisa alguma referência ao mais além da linguagem, a um pacto, a um compromisso que a constitui, falando estritamente, como outra, incluida no sistema geral, ou mais exatamente universal, dos símbolos interhumanos. Não há amor que funcionalmente possa se realizar na comunidade humana se não é através de um pacto que, qualquer que seja a forma que adote, sempre tende a isolar-se em determinada função, a cada vez no interior da linguagem e em seu exterior. É o que se chama a função do sagrado; função que está mais além da relação imaginária" (1983n,259).

É isso que a psicanálise traz de novo, a ética, a direção para o real que causa o sujeito (1988). Portanto, a transferência aponta para a lei do sujeito. "Essa lei é, primeiramente, sempre aceitação de algo que começou a se articular antes dele nas gerações precedentes, e que é, propriamente falando, a Até" (1988,360).

Até é uma palavra grega que corresponde a desgraça. A até familiar seria o limite humano (1988), o drama de uma história familiar anterior ao sujeito e que, no entanto, lhe dá sentido.

"É para além da função do *a* que a curva se fecha, lá onde ela jamais é dita, concernente à saída da análise. A saber, depois da distinção do sujeito em relação ao *a*, a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão. O que se torna então aquele que passou pela experiência dessa relação, opaca na origem, à pulsão? Como, um sujeito que atravessou a fantasia radical, pode viver a pulsão? Isto é o mais-além da análise, e jamais foi

abordado. Isto só é, até o presente, abordável, no nível do analista, na medida em que seria exigido dele ter precisamente atravessado em sua totalidade o ciclo da experiência analítica.

Não há senão uma psicanálise, a psicanálise didática _ o que quer dizer uma psicanálise que tenha fechado esse cerco até seu termo. O cerco deve ser percorrido várias vezes" (1979,258).

Não há como explicar objetivamente esta experiência de final de análise, precisamente porque ela não é significável. Só há como aludí-la teoricamente ou passar por ela _ o que equivale à formação do analista.

O objetivo pode ser assim expresso: "A frase de Freud, *Wo Es war, soll ich werden*, pode ter dois sentidos. Tomem este *Es* como a letra *S*. Ali está, sempre está ali. É o sujeito. Conhece-se ou não se conhece. Isto nem sequer é o mais importante, tem ou não tem palavra. Ao final da análise é ele quem deve ter a palavra, e entrar em relação com os verdadeiros Outros. Aí aonde o *S* estava, aí o *Ich* deve estar.

É aí aonde onde o sujeito reintegra autenticamente seus membros desagregados, e reconhece, reunifica sua experiência" (1983o,370).

"O passo do psicanalisante ao psicanalista, tem uma porta cuja dobradiça é o resto que faz sua divisão, pois essa divisão não é mais que a do sujeito, cuja causa é esse resto" (1987a,16). O sujeito perde a segurança que seu fantasma lhe dava.

"A estrutura assim abreviada lhes permite fazer uma idéia do que ocorre ao término da relação da transferência, ou seja: tendo-se resolvido o desejo que sustentou em sua operação o psicanalisante, este já não tem vontade de aceitar sua oposição, isto é, o resto que determinou sua divisão o faz cair de seu fantasma e o destitui como sujeito" (1987a,16). Chegar ao fantasma fundamental, a esta frase que envolve o núcleo de seus fantasmas _ e que é construída em análise _ fá-lo se desiludir, passar pela destituição subjetiva que balança toda a sua organização de saber.

Surge a pergunta: "Ao enunciá-lo não desalentamos aos aficionados? A destituição subjetiva inscrita no cartão de visita de entrada ... acaso não provoca o horror, a indignação, o pânico, inclusive o atentado em todo caso dá pretexto à objeção de princípio?" (1987a,16).

"Falar de destituição subjetiva nunca deterá ao inocente, cuja única lei é o seu desejo.

Nossa única escolha está entre enfrentar a verdade ou ridicularizar nosso saber." (1987a,17).

"O que o discurso analítico desloca põe a verdade no seu lugar, mas não a abala. Ela é reduzida, mas indispensável" (1982,147). Os três registros permanecem _ real, simbólico e imaginário _ no entretanto, algo muda com estes deslocamentos. Assumir a castração desacredita na existência de um bem, contudo, não termina com o desejo. Passa a ser um desejo prevenido, não desejando o impossível..

"Coloco a questão _ o término da análise, o verdadeiro, quer dizer aquele que prepara a tornar analista, não deve ele em seu termo confrontar aquele que a ela se submeteu à realidade da condição humana? É propriamente isso o que Freud, falando de angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, o *Hilflosigkeit*, a desolação, onde o homem, nessa relação consigo mesmo que é sua própria morte _ mas no sentido que lhes ensinei a desdobrar esse ano _ não deve esperar a ajuda de ninguém.

Ao término da análise didática o sujeito deve atingir e conhecer o campo e o nível do desarvoramento absoluto, no nível do qual a angústia já é uma proteção, não *Abwarten*, mas *Erwartung*. A angústia já se desenvolve deixando um perigo delinear-se, enquanto que não há perigo no nível da experiência última do *Hilflosigkeit*" (1988,364).

O término leva à desolação enquanto percebida como a ajuda requerida sendo impossível de acontecer. Percebe-se um limite, um impasse. Não se trata de uma questão de *Abwarten*, de destino. O limite estabelece uma *Erwartung*, ou seja, uma espera participante.

Lacan chama de passe a esta passagem à psicanalista. "Isso consiste no que, no ponto onde qualquer um se considera muito preparado para ousar ser analista, possa dizer a qualquer um de sua própria geração, um par _ não seu mestre ou um pseudo-mestre _ àquele que lhe deu a força de receber pessoas em nome da análise" (1984e,15).

"Quem não sabe levar suas análises didáticas até essa virada aonde se manifesta com tremor que todas as demandas que se articularam na análise, e mais que nenhuma

outra aquela que esteve em seu comêço, a de se converter em analista, e que chega então a seu prazo, não eram senão transferências destinadas a manter em seu lugar um desejo instável ou duvidoso em sua problemática _ esse não sabe nada do que se necessita obter do sujeito para que possa assegurar a direção de uma análise, ou tão só fazer nela uma interpretação com conhecimento de causa" (1983c,267).

CAPÍTULO 8

MAIS ALGUMAS PALAVRAS

No jogo da análise, os parceiros não estão na mesma situação. Há um exercício de poder: ao psicanalista cabe operar no sentido de dirigir a cura, preservando seu início dentro das características que dão condição de jogo e manobrando para se chegar ao seu final.

A este processo _ que é a própria essência da analogia freudiana do jogo de xadrez _ Lacan denomina de direção de cura. "Consiste em primeiro lugar em fazer aplicar pelo sujeito a regra analítica, ou seja as diretivas cuja presença não se poderia desconhecer no princípio do que se chama "a situação analítica", sob o pretexto de que o sujeito as aplicaria no melhor dos casos sem pensar nelas.

Estas diretivas estão em uma comunicação inicial colocadas sob a forma de ordens as quais, por pouco que o analista as comente, pode se sustentar que até nas inflexões de seu enunciado servirão de veículo à doutrina que sobre elas se fêz o analista no ponto de conseqüência a que chegou para ele. O qual não o faz menos solidário da enormidade dos preconceitos que no paciente esperam nesse mesmo lugar: segundo a idéia que a difusão cultural lhe permitiu formar-se do procedimento e da finalidade da empresa" (1983c,218).

Em que consiste essa direção na clínica lacaniana ? "Aonde vai pois a direção de cura ? Talvez baste interrogar seus meios para definí-la em sua retidão.

Observemos:

1. Que a palavra tem nela todos os poderes, os poderes especiais da cura;

2. Que estamos bem longe em regra geral de dirigir o sujeito até a palavra plena, nem até o discurso coerente, mas que o deixamos livre para o tentar;

3. Que essa liberdade é o que mais lhe custa tolerar;

4. Que a demanda é propriamente o que se põe entre parênteses na análise, posto que está excluido que o

analista satisfaça nenhuma delas;

5. Que posto que não se põe nenhum obstáculo à confissão do desejo, é para isso para onde o sujeito é dirigido e inclusive canalizado;

6. Que a resistência à essa confissão, em última análise, não pode consistir aqui em nada senão na incompatibilidade do desejo com a palavra" (1983c, 272).

Freud já havia observado que o procedimento analítico não é uma postura que se tem naturalmente. Daí a importância da formação do analista. "Quando realmente se pratica a análise aprendem-se as espécies de coisas além disso. Por exemplo: o senhor não acharia absolutamente que fosse um assunto simples deduzir do que o paciente lhe conta as experiências que ele esqueceu e os impulsos instintuais que reprimiu. Ele diz algo que no começo significa tão pouco para o senhor como para ele. O senhor terá de resolver contemplar o material que ele lhe entrega em obediência à regra de uma maneira bem especial: como se fosse minério, talvez, do qual seu teor de metal precioso tem de ser extraído por um processo específico. Estar-se-á também preparado para trabalhar muitas toneladas de minério que podem conter o pouco material valioso que se procura" (1926b,249). E logo prossegue: "Presumindo-se que as observações e associações do paciente são apenas distorções do que se procura _ alusões, por assim dizer, das quais se tem de advinhar o que se acha oculto detrás delas. Numa palavra, esse material, quer consista em lembranças, associações ou sonhos, tem primeiramente de ser *interpretado*" (1983c, 249).

E quando alguém se torna capaz de o fazer ? "Quando o senhor atingiu certo grau de autodisciplina e possui certo conhecimento à sua disposição, suas interpretações serão independentes de suas características pessoais e atingirão o alvo. Não estou afirmando que a personalidade do analista seja uma questão de indiferença para essa parte da tarefa dele. Uma espécie de agudeza em ouvir o que está inconsciente e reprimido, que não está na posse igualmente de todos, tem seu papel a desempenhar. E, aqui, antes de tudo, somos levados à obrigação do analista de tornar-se capaz, por uma profunda análise dele próprio, da recepção sem preconceitos do material analítico" (1983c,249-50).

Ele mesmo salientou que o fundamental não era um diploma _ na época, referia-se a um diploma médico _ mas passar

pela "... formação especial necessária à prática da análise" (1926b,286).

Muito ainda se poderia escrever sobre cada um dos pontos levantados neste trabalho ou poder-se-ia correlacionar um e outro autores. Aqui se aplica o mesmo que, por exemplo, acontece num processo analítico em que "... toda descoberta é feita mais de uma vez, e nenhuma se faz de uma vez só" (1916a,305).

Ou novos temas ou teorias teriam condições de serem relacionadas entre si. Possivelmente num próximo trabalho. Este, teve o propósito de articular, como numa tecitura de crochê, tecer conceitos e temas ligados à técnica psicanalítica a partir de Freud e de Lacan.

Neste, está contado o que se queria contar...

Um lembrete:

> "Se você procurar bem, você acaba encontrando
> não a explicação (duvidosa) da vida,
> mas a poesia (inexplicável) da vida."
> (Carlos Drummond de Andrade,
> *Lembrete*)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obs: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud = ESB

FREUD, Sigmund. (1895)[1950] Projeto para uma Psicologia Científica. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, 395-517.

_____. (1900) A Interpretação de Sonhos.*ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.V, 543-663.

_____. (1901) A Psicopatologia da Vida Cotidiana. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.VI, 19-332.

_____. (1904) O Método Psicanalítico de Freud. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.VII, 257-262.

_____. (1905a)Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.VII, 5-119.

_____. (1905b)Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.VII, 129-250.

_____. (1905c)Sobre a Psicoterapia. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.VII, 267-278.

_____. (1905d)Tratamento Psíquico (ou Mental). *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.VII, 297-316.

_____. (1906) Meus Pontos de Vista sobre o Papel Desempenhado pela Sexualidade na Etiologia das Neuroses. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.VII, 279-292.

_____. (1908a)Escritos Criativos e Devaneio. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.IX, 149-158.

_____. (1908b)Fantasias Histéricas e sua Relação com a Bissexualidade. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.IX, 163-170.

_____. (1908c)Moral Sexual "Civilizada". *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.IX, 187-208.

_____. (1909a)Análise de uma Fobia em um Meni-

no de Cinco Anos. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.X, 15-152.

_____. (1909b)Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.X, 159-250.

_____. (1910a)Cinco Lições de Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XI, 13-51.

_____. (1910b)Psicanálise "Selvagem". *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XI, 207-213.

_____. (1911a)O Manejo da Interpretação de Sonhos na Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XII, 121-127.

_____. (1911b)Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XII, 277-286.

_____. (1912a)A Dinâmica da Transferência. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XII, 133-143.

_____. (1912b)Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XII, 149-159.

_____. (1912c)Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XI, 159-173.

_____. (1913a)Sobre o Início do Tratamento (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise). *ESB*. Rio de Janeiro,Imago, 1976, vol.XII, 164-187.

_____. (1913b)Sobre a Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XII, 265-270.

_____. (1913c)O Interêsse Científico da Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIII, 199-226.

_____. (1914)Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II). *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XII, 193-203.

_____. (1915a)Observações sobre o Amor Transferencial (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise III). *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XII, 208-221.

_____. (1915b)Repressão. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIV, 169-182.

_____. (1915c)O Inconsciente. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIV, 191-245.

_____, (1916a)Psicanálise e Psiquiatria. In: Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVI, 289-303.

_____. (1916b)Fixação em Traumas. In: Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVI, 323-336.

_____. (1916c)Resistência e Repressão. In: Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVI, 337-354.

_____, (1916d)Algumas Idéias sobre Desenvolvimento e Regressão _ Etiologia. In: Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVI, 397-417.

_____. (1916e)Os Caminhos da Formação dos Sintomas. In: Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVI, 419-439.

_____, (1916f)O Estado Neurótico Comum. In: Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVI, 441-456.

_____. (1916g)Transferência. In: Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVI, 503-521.

_____. (1916h)Terapia Analítica. In: Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVI, 523-539.

_____. (1918)História de uma Neurose Infantil. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVII, 19-151.

_____. (1919a)Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVII, 201-211.

_____. (1919b)"Uma Criança é Espancada". *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVII, 225-253.

_____. (1923a)Dois Verbetes de Enciclopédia. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XVIII, 287-312.

_____. (1923b)O Ego e o Id. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIX, 23-83.

_____. (1924a)A Dissolução do Complexo de Édipo. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIX, 217-224.

_____. (1924b)Uma Breve Descrição da Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIX, 239-259.

_____. (1925a)As Resistências à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIX, 265-275.

_____. (1925b)Um Estudo Autobiográfico. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XX, 17-92.

_____. (1926a)Inibição, Sintoma e Angústia. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XX, 107-207.

_____. (1926b)A Questão da Análise Leiga. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XX, 211-283.

_____. (1926c)Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XX, 301-309.

_____. (1927)O Futuro de uma Ilusão. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXI, 15-71.

_____. (1930)O Malestar da Civilização. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXI, 81-171.

_____. (1933a)A Dissecação da Personalidade Psíquica. In: Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXII, 75-102.

_____. (1933b)Ansiedade e Vida Instintual. In: Novas Conferências Intordutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXII, 103-138.

_____, (1933c)Explicações, Aplicações e Orientações. In: Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXII, 167-191.

_____. (1937a)Análise Terminável e Interminável. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXIII, 247-287.

_____. (1937b)Construções em Análise. *ESB*. Rio

de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXIII, 291-304.

_____. (1940a)Esboço de Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXIII, 168-237.

_____. (1940b)Algumas Lições Elementares de Psicanálise. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXIII, 315-321.

_____. (1941)Breves Escritos. *ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XXIII, 335-336.

Lacan, Jacques., (1964) O Seminário de Jacques Lacan - Livro 11: *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979

_____. El Malentendido. *Analítica*. Caracas, Ateneo, 5-7, 1981.

_____. (1972-1973) O Seminário de Jacques Lacan - Livro 20: *Mais,Ainda*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982

_____. Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis. In: *Escritos 1*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983a, 59-139.

_____. La Cosa Freudiana o Sentido del Retorno a Freud en Psicoanálisis. In: *Escritos 1*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983b, 145-178.

_____. La Dirección de la Cura y los Principios de su Poder. In: *Escritos 1*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983c, 217-278.

_____. Subversión del Sujeto y Dialéctica del Deseo en el Incons ciente Freudiano. In: *Escritos 1*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983d, 305-339.

_____. La Ciencia y la Verdad. In: *Escritos 1*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983e, 340-362.

_____. El Seminario sobre "La Carta Robada". In: *Escritos 2*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983f, 11-62.

_____. Variantes de la Cura-Tipo. In: *Escritos 2*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983g, 91-129.

_____. Introducción al Comentario de Jean Hyppolite sobre la "Verneinung" de Freud. In: *Escritos 2*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983h, 130-141.

_____. Respuesta al Comentario de Jean Hyppolite sobre la "Verneinung" de Freud. In: *Escritos 2*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983i, 142-159

_____. El Psicoanálisis y su Enseñanza. In: *Escritos 2*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983j, 160-181.

_____. Kant con Sade. In: *Escritos 2*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983k, 337-362.

_____. Posición del Inconsciente. In: *Escritos 2*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983l, 365-386.

_____. Del "Trieb" de Freud y del Deseo del Psicoanalista. In: *Escritos 2*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1983m, 387-390.

_____. (1953-1954) El Seminario de Jacques Lacan - Libro 1: *Los escritos técnicos de Freud*. Barcelona-B.Aires, Paidós, 1983n.

_____. (1954-1955) El Seminario de Jacques Lacan - Libro 2: *El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Barcelona-B.Aires, Paidós, 1983o.

_____. (1955-1956) El Seminario de Jacques Lacan - Libro 3: *Las Psicoses*. Barcelona-B. Aires, Paidós, 1984a.

_____. Reseña con Interpolaciones de Seminario de la Ética. In: *Reseñas de Enseñanza*. Argentina, Hacia el Tercer Encuentro del Campo Freudiano, 1984b, 5-23.

_____. El Objeto en Psicoanálisis. In: *Reseñas de Enseñanza*. Argentina, Hacia el Tercer Encuentro del Campo Freudiano, 1984c, 37-38.

_____. La Logica del Fantasma. In: *Reseñas de Enseñanza*. Argentina, Hacia el Tercer Encuentro del Campo Freudiano, 1984d, 39-46.

_____. El Acto Psicoanalitico. In: *Reseñas de Enseñanza*. Argentina, Hacia el Tercer Encuentro del Campo Freudiano, 1984e, 47-58.

_____. Conférences et Entretiens dans des Universités Nord-Américaines. *Scilicet*. Paris, Seuil, 6/7:5-63, 1984f.

_____. El Atolondrado, el Atolondradicho o las Vueltas Dichas. *Escansion*. Barcelona-B.Aires, Paidós, 1:15-69, 1984g.

_____, *Hamlet por Lacan*, Textos Psicanalíticos 1. Campinas, Escuta/Liubliú, 1986.

_____, Proposición de 9 de Octobre de 1967 Sobre el Psicoanalista del Escuela. In: Lacan et al. *Momentos Cruciales de la Experiencia Analítica*. B.Aires, Manantial, 1987a, 7-23.

_____, La Equivocación del Sujeto Supuesto al Saber. In: Lacan et al. *Momentos Cruciales de la Experiencia Analítica*. B.Aires, Manantial, 1987b, 25-37.

_____, (1959-1960) O Seminário de Jacques Lacan - Livro 7: *A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Profa. Monique Rose Aimée Augras

Profª Orientadora - PUC/Rio

Profa. Circe Navarro Vital Brazil

PUC/Rio

Prof. Renato Mezan

PUC/SP

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 25 de março de 1991

Profª Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação
do Centro de Teologia e Ciências Humanas.